



ESCOLA SUPERIOR
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Fotojornalismo em Portugal: o olhar dos profissionais face ao conteúdo publicado na internet por parte dos fotógrafos amadores

Marina da Paz Torre

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em
Audiovisual e Multimédia

Orientador:

Professor Adjunto Convidado Doutor Pedro Pereira Neto

Escola Superior de Comunicação Social

Outubro, 2017

Declaração Antiplágio

Declaro ser a autora da presente dissertação, para a obtenção do grau de Mestre em Audiovisual e Multimédia pela Escola Superior de Comunicação Social.

Constitui um trabalho original e inédito que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das suas partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Todas as fontes utilizadas estão devidamente identificadas no texto e na bibliografia.

Marina Torre

Resumo

A imagem sempre teve um papel importante na sociedade. O Homem, desde a sua existência, procurou criar formas de representar o mundo que o rodeava. Com o nascimento da fotografia, os fotógrafos passaram a ser reconhecidos como amadores ou profissionais. Também ao longo do desenvolvimento do jornalismo a fotografia tornou-se fundamental no processo de informação da sociedade.

Atualmente, com a evolução tecnológica e o desenvolvimento da internet, a facilidade de tirar e partilhar as fotografias, está ao alcance de grande parte da população. Ou seja, o acesso à fotografia e à imagem encontra-se agora mais facilitado.

Assim, a presente investigação pretende conhecer a opinião de fotojornalistas portugueses relativamente à ação dos fotógrafos amadores na internet e verificar se o facto de qualquer pessoa poder fotografar e publicar fotografias na internet dificultou ou melhorou a prática do fotojornalismo profissional, do ponto de vista dos fotojornalistas.

Palavras-Chave: Imagem, Fotografia, Fotojornalismo, Jornalismo, Jornalismo Cidadão.

Abstract

Image has always had an important role in society. Man has, since the beginning, searched for ways to represent the surrounding world. With the birth of photography, photographers became recognized as either professionals or amateurs. Photography has, with the development of journalism, become fundamental in society's information process.

Nowadays, with the evolution of technology and the development of the internet, taking and sharing photographs is in reach of the majority of the population. In other words, access to photography and image is now easier.

This investigation aims to know the opinion of the Portuguese photojournalists about amateur photographers' actions on the internet and if the fact that anyone can take and share photographs on the internet has worsen or improved professional photojournalism practice.

Keywords: Image, Photography, Photojournalism, Journalism, Citizen Journalism.

Agradecimentos

Apesar de ser um trabalho académico cujo percurso é sobretudo de carácter individual, não posso ficar indiferente a quem, de certa forma, também contribuiu para a sua realização.

Em primeiro lugar quero agradecer aos meus pais e avós pelo apoio, pois sem eles seria impossível iniciar este percurso.

Ao meu orientador, o Professor Pedro Pereira Neto, pelo tempo disponibilizado para o desenvolvimento desta investigação.

Ao Professor Jorge Souto, pelas sugestões dadas, quando as solicitei.

À Professora Filomena Reis e João Nuno Reis pela disponibilidade, ajuda e amizade.

Aos meus amigos, pelas palavras de incentivo nos momentos certos.

A todos os meus colegas que me acompanharam neste percurso, espero que o futuro lhes sorria.

À minha Professora Teresa Maia Carmo, pelo apoio.

A todas as pessoas que se disponibilizaram para colaborar na realização das entrevistas, cujos nomes faço questão de mencionar: Ana Brígida, António Pedrosa, Daniel Rodrigues, Inês Costa Monteiro, Miguel Proença, Pepe Brix, Pedro Pina e Rui Miguel Pedrosa. O seu contributo foi fundamental para concluir e enriquecer esta investigação.

Por fim, quero agradecer, a todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desta dissertação.

Índice

Declaração Antiplágio.....	III
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
Agradecimentos.....	VI
Índice de tabelas.....	IX
1 Introdução.....	10
1.1 Questão de Partida.....	11
1.2 Objetivos.....	12
2 Imagem.....	13
2.1 A cultura visual.....	14
2.2 A imagem e a evolução das suas formas de representação.....	15
3 Fotografia.....	18
3.1 História da Fotografia.....	18
3.2 Fotografia em Portugal: Contextualização Histórica.....	22
3.3 Fotografia Funções e Representações.....	23
4 Jornalismo e Fotojornalismo.....	28
4.1 Fotojornalismo: Contexto histórico.....	28
4.2 Fotojornalismo e Jornalismo: O que os diferencia?.....	32
5 Internet.....	37
5.1 Um novo espaço de comunicação: A Internet.....	37
5.2 Impacto da Internet no Jornalismo:.....	39
5.2.1 Jornalismo Profissional.....	39
5.2.2 Jornalismo Cidadão.....	45
6. Metodologia.....	55
6.1 Procedimento metodológico e tipo de estudo.....	55
6.1.2 Participantes.....	56
6.1.3 Técnicas e Instrumentos de Recolha de dados.....	56
6.2 Caracterização dos participantes.....	57
7. Análise dos resultados.....	59
7.1 Conceito de jornalismo cidadão.....	59
7.2 Publicação do conteúdo amador nos meios noticiosos.....	63
7.3 Critérios que podem ser utilizados para a divulgação do conteúdo amador nos meios noticiosos.....	64
7.4 Mudanças que o conteúdo amador pode causar nos meios noticiosos.....	66

7.5 Facilidade de manipulação das fotografias na época digital	67
7.6 Trabalhos amadores que poderão limitar ou sugerir o dos profissionais	69
7.7 Internet: presença dos cidadãos na área do fotojornalismo	70
7.8 Tecnologia (Internet, máquinas fotográficas e telemóveis): alterações no fotojornalismo ...	72
7.9 Perspetivas em relação ao futuro do fotojornalismo	73
8 Conclusão	75
9 Bibliografia.....	79
Anexo I.....	86
Guião da Entrevista Semiestruturada	86
Anexo II.....	87
Análises das entrevistas realizadas	87
Entrevista à fotojornalista Ana Brígida	87
Entrevista ao fotojornalista Pepe Brix	90
Entrevista ao fotojornalista Miguel Proença	95
Entrevista ao fotojornalista Daniel Rodrigues.....	100
Entrevista ao fotojornalista Pedro Pina	104
Entrevista à fotojornalista Inês Costa Monteiro	113
Entrevista ao fotojornalista Rui Miguel Pedrosa.....	119
Entrevista ao fotojornalista António Pedrosa	126
Anexo III	132
Autorização de captação e cedência de som.....	132
Anexo IV	138
Entrevistas a fotojornalistas.....	138
1-Ana Brígida	138
2-Pepe Brix.....	143
3-Miguel Proença	149
4-Daniel Rodrigues.....	155
5-Pedro Pina	160
6-Inês Costa Monteiro	171
7-Rui Miguel Pedrosa.....	177
8-António Pedrosa	183

Índice de tabelas

Tabela 6.1 – Caracterização dos Fotojornalistas Entrevistados.....	57
--	----

1 Introdução

Diariamente somos confrontados com várias fotografias publicadas em diversos suportes (jornais, revistas, redes sociais, entre outros) relativas a notícias, sem refletir sobre a sua origem e que importância representam para o jornalismo. Como afirma Campos (2013) “os meios de produção criativa já não são detidos em exclusividade pelas indústrias culturais e mediáticas”, bem como que “hoje o cidadão comum tem acesso a uma cadeia de recursos que lhe permitem, de forma relativamente fácil e rápida, criar e, mais importante, publicar imagens através de canais alargados.” (p.4)

O desenvolvimento das novas tecnologias, tais como as câmaras fotográficas e os telemóveis, permitiram tanto a fácil conceção da fotografia como a sua publicação e difusão na internet, nomeadamente nas redes sociais. Barbosa (2007) indica-nos que “a web veio revolucionar a forma como os indivíduos comunicam, acedem à informação e se tornam eles próprios produtores de informação – é hoje uma banalidade quase confrangedora dizê-lo.” (p. 85)

O desenvolvimento da denominada Web 2.0 disponibilizou um grande leque de ferramentas que promovem a liberdade de produção de conteúdos e publicação através da internet, tornando mais fácil a participação e comunicação entre os indivíduos. Atualmente, os cidadãos vivem num novo modelo comunicacional, pois podem criar e partilhar qualquer tipo de conteúdo.

A presente investigação tem o seu enfoque no fotojornalismo, com o propósito de analisar como é que os profissionais desta área encaram o facto de os fotógrafos amadores poderem publicar fotografias na internet (nas redes sociais, por exemplo) referentes a acontecimentos de cariz jornalístico. Neste contexto, pretende-se saber a opinião dos fotojornalistas relativamente ao conteúdo produzido e publicado por cidadãos não profissionais.

Quanto à estrutura da presente investigação, esta está organizada em oito capítulos, onde se encontra toda a informação concisa e relevante sobre o tema em análise: Imagem, Fotografia, Jornalismo e Fotojornalismo, Internet, Metodologia, Resultados e Conclusões.

No primeiro capítulo, fazem-se algumas considerações sobre o estudo e apresentam-se a questão de partida e os objetivos desta dissertação.

O segundo capítulo, refere-se à Imagem, definindo-se a mesma e abordando-se a evolução das suas representações e funções na sociedade.

O tema da fotografia é abordado no terceiro capítulo, onde são referidas as principais datas históricas e progressos técnicos, sempre associados à sua utilização na vida quotidiana. São mencionadas, ainda, as suas funções, bem como de que modo se desenvolveu de forma a tornar-se um meio de informação e expressão. Neste capítulo pretende-se mostrar como esta técnica nasceu e cresceu, atingindo uma enorme importância ao nível social. A fotografia veio revolucionar a arte e a forma como os indivíduos percebem o mundo que os rodeia.

No quarto capítulo, apresenta-se a origem do fotojornalismo e o seu conceito. Destacam-se ainda as principais diferenças entre o Fotojornalismo e o Jornalismo, analisando o que os diferencia.

A internet, em contexto comunicacional, é abordada no quinto capítulo, sendo também alvo de análise a relação dos jornalistas com este novo meio de comunicação. É neste capítulo que se salienta o que deu origem ao jornalismo cidadão e qual o seu impacto na atualidade indo, assim, ao encontro de um dos pontos fulcrais desta investigação – a participação dos cidadãos na internet com informação de importância jornalística.

A metodologia utilizada no decurso da investigação é abordada no sexto capítulo. É apresentado o tipo de estudo, os participantes, técnicas e instrumentos utilizados na recolha de dados. Como também uma caracterização dos participantes envolvidos no estudo.

A apresentação e discussão dos resultados são objeto do sétimo capítulo. São analisados e interpretados os resultados obtidos nas entrevistas.

O oitavo e último capítulo, é composto pelas principais conclusões obtidas com a realização deste estudo.

1.1 Questão de Partida

Desta forma, com base no trabalho desenvolvido, foi formulada a seguinte questão de partida:

- Qual a perspetiva dos fotojornalistas profissionais face ao conteúdo fotográfico, de cariz jornalístico, publicado por fotógrafos amadores, na internet?

1.2 Objetivos

Como já foi referido, o propósito desta investigação é conhecer a opinião dos fotojornalistas profissionais em relação à ação dos fotógrafos amadores na internet, em contexto jornalístico. Para tal, é fundamental delinear-se objetivos. Assim, pretende-se:

- Debater se as fotografias publicadas na internet, por fotógrafos amadores, geram problemas ao fotojornalismo profissional;
- Discutir as principais mudanças no fotojornalismo profissional devido à democratização da fotografia na internet;
- Conhecer as principais vantagens e desvantagens face à ação dos fotógrafos amadores, na ótica do fotojornalismo profissional;
- Procurar entender a relação dos meios de comunicação social com os fotógrafos amadores.

2 Imagem

Ao longo da história da humanidade, sempre vivemos rodeados de imagens sem nos apercebermos.

Esta dissertação dá relevância à Fotografia sendo, por isso, oportuno definir *Imagem*. Associamos, geralmente, o seu conceito a desenhos, pinturas, fotografias, publicidade, entre outros, mas a sua definição engloba muitos outros aspetos.

Martins (2013), citando Martine (1943), refere que um dos pioneiros a definir a palavra imagem foi Platão: “chamo imagens em primeiro lugar às sombras, em seguida aos reflexos que vemos nas águas ou à superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações deste género.” Afirma, ainda, que “ (...) a imagem não é apenas o “desenho” que vemos num livro, ou a “fotografia” que acompanha uma notícia de primeira página num jornal, ou o anúncio publicitário que está na paragem do autocarro ou até, a cena de um filme muito conhecido.” (p.13)

Segundo Campos (2013), “ (...) uma mesma imagem comporta variadas funções ao longo da história, por outro lado, adquire significados e cumpre papéis diversificados num mesmo momento histórico, em virtude das pessoas que a observam.” (p. 17) O mesmo autor explica que “ (...) a imagem enquanto artefacto é uma obra de um autor, individual ou colectivo, o que equivale a afirmar que resulta de um impulso histórica e culturalmente confinado, devendo quer o processo (fabricação da imagem) quer o produto (imagem) ser compreendidos e interpretados a esta luz. As diversificadas aceções de imagem carregam, porém, um desígnio comum: resultado de um processo de criação movido por um sujeito, as imagens são, por consequência, artefactos de representação, elementos de identificação, imitação, reprodução ou metáfora de algo real.” (p. 14)

Joly (1994) declara que “no domínio da arte, com efeito, a noção de imagem está ligada essencialmente à representação visual: frescos e pinturas mas também iluminuras, ilustrações decorativas, desenho, gravura, filmes, vídeo, fotografia e mesmo imagens compostas.” Diz-nos também que, quanto à origem da palavra imagem, em latim, um dos sentidos é *imago*, que “ (...) designa a máscara mortuária levada nos funerais na antiguidade romana.” (p. 19)

O ser humano é um consumidor de imagens, sendo a imagem uma das formas que mais domina a comunicação contemporânea. (Martins, 2013) Como se constatará ao longo desta dissertação, a fotografia, provocou modificações profundas na relação dos cidadãos com a imagem. Segundo Martins (2013), “as fotografias são uma forma de imobilizar, aprisionar ou até ampliar um determinado momento, num determinado espaço da realidade. Não se pode

possuir uma realidade, mas pode-se possuir uma imagem fotográfica dessa realidade, mas para isso é necessário um acesso instantâneo ao real. Consequentemente, possuir o mundo sobre forma de imagem é o mesmo que criar uma distância e afastamento do real. Então, o que a fotografia torna acessível não é a realidade, mas sim a representação dela através da imagem (Sontag, 1986).” (p. 9)

2.1 A cultura visual

Como se pôde verificar no subcapítulo anterior, a imagem adquiriu diversas funções e significados ao longo do tempo, sendo bastante influenciada pelo meio em que é produzida. Nesta circunstância, é importante esclarecer a noção de cultura visual, tendo em conta que, atualmente, a forte influência da tecnologia “ (...) tem contribuído de forma significativa para a cultura visual contemporânea (...). ” (Campos, 2013, p: 58)

A partir da década de 1970, começou a dar-se importância à cultura visual (Vilas-Boas, 2010), isto é, a evidenciar-se as características visuais específicas de cada comunidade. Hoje em dia a cultura visual está fortemente ligada às tecnologias que se encontram relacionadas com a criação, receção e trânsito de mensagens visuais. (Campos, 2013)

Segundo Campos (2013), este conceito é “ (...) a circunscrição de tudo o que é socialmente produzido e utilizado em termos sociais.” (p: 4) Pode-se, assim, afirmar que a imagem é um meio de comunicação; quem produz determinada imagem tem intenção de passar uma mensagem, daí a importância dada ao seu contexto. A cultura visual não diz respeito apenas ao que vemos mas, também, ao que sabemos. Visualizar alguma coisa implica a sua contextualização/descodificação. (Vilas-Boas, 2010) Desta maneira, pode constatar-se que a cultura visual vai muito para além da criação e visualização de imagens. Diz respeito também ao contexto das mesmas, a cultura onde estas se inserem e o objetivo da sua criação. A atribuição de significado a uma imagem reside na relação entre o observador e o contexto da mesma. Interpretar uma imagem é, ao mesmo tempo, um ato consciente e inconsciente. (Vilas-Boas, 2010) Recorre a memórias relativas ao conhecimento cultural e aos significados dominantes presentes na imagem. O contexto da imagem é fulcral para a sua descodificação. (Vilas-Boas, 2010) Desde a sua existência, e durante bastantes anos, a essência da imagem foi a representação do real e da própria realidade, estando ligada à cultura, espaço, tempo e ideologia do fotógrafo. (Meirinho de Souza,2010)

“A cultura visual é, em primeiro lugar, um “repositório visual” relacionado com contextos colectivos particulares, onde linguagens e signos visuais são elaborados e trocados. É, em segundo lugar, um “modo de produzir, aprender e descodificar visualmente a realidade”,

tendo em consideração a natureza cultural e psicossocial da percepção da cognição e da representação visual. Por último, é um “sistema” composto por um “aparato tecnológico, político, simbólico e económico”, enquadrado num horizonte sociocultural e histórico mais amplo, com qual o convive, que ajuda a moldar, tal como é por este configurado.” (Campos, 2013, p. 53)

2.2 A imagem e a evolução das suas formas de representação

Desde a pré-história que as imagens estão presentes no processo de socialização do Homem, influenciando as relações interpessoais.

Kern, no artigo *Fotografia, História e Cultura Visual: Pesquisas Recentes*, afirma que a imagem esteve sempre relacionada com a noção de representação da realidade, funcionando, também, como um registo para ultrapassar a mudança provocada pela passagem do tempo, criar memórias, manter a coesão social e como forma de controlo político. (Monteiro, 2012)

A imagem foi adquirindo importância na sociedade ao longo dos séculos. A comunicação é, cada vez mais, baseada em imagens, facto este que se faz sentir na publicidade. Atualmente, os leitores esperam ver, também, informação visual nos conteúdos publicados.

A comunicação visual da imprensa baseava-se na iconografia televisiva. Nos jornais passaram a existir fotografias que podiam ocupar até uma página. Também surgiram revistas direcionadas para a imagem, mostrando, entre outros, estilos de vida, moda, cinema, decoração de interiores, o que acabava por inspirar os leitores. (Vilas-Boas, 2010)

Steven Heller defende que, na década de 1970, a imagem ganhou importância com a afirmação da televisão enquanto meio de comunicação. (Vilas-Boas, 2010)

Wiedeman (2005), citado no artigo *O que é a Cultura Visual?* (Vilas-Boas, 2010), considera que “ (...) é possível que as imagens não captem as emoções tão bem quanto as palavras, mas é certo que o fazem rapidamente. Assim à medida que a publicidade se tornou mais emocional também a imagem aumentou a sua importância.”; (p.34)

O relato de notícias, ao longo dos anos, foi-se desenvolvendo agregado à imagem, isto é, esta tornou-se, também, uma necessidade no ato de informar os cidadãos. Aliada a esta realidade, também na publicidade a imagem alcançou relevo. Tornou-se, igualmente, um modo de mostrar diferentes hábitos e tendências de cada época, através das revistas. A utilização da imagem remete, geralmente, para a imagem mediática, isto é, aquela que faz parte do quotidiano, como é o caso das imagens difundidas pelos média. (Joly, 1994)

No que toca à arte, como já referido, o conceito de imagem está relacionado, fundamentalmente, com pinturas, ilustrações decorativas, desenho, gravura, filmes, fotografia, vídeo e imagens construídas, verificando-se, assim, que a imagem não só está presente no mundo documental, para divulgar informação, como também no mundo artístico, como um modo de expressão. (Joly, 1994)

Segundo os autores Lucia Santella e Winfried Noth (1997), na obra *Imagem: Cognição, Semiótica, mídia*, a imagem apresenta-se em três paradigmas: o paradigma pré-fotográfico, o fotográfico e o pós-fotográfico. O paradigma pré-fotográfico refere-se a todas as imagens produzidas de forma artesanal – desenho, pintura, escultura, gravura, – dependendo assim da aptidão manual e criatividade do indivíduo. O segundo paradigma, o fotográfico, diz respeito “ (...) a todas as imagens que são produzidas por conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível (...)”, conforme referenciam Santaella & Noth (2005), o que quer dizer que as imagens foram produzidas por meio de uma máquina de registo de imagens, como é o caso da câmara fotográfica. (p. 157) O terceiro e último paradigma, o pós-fotográfico, faz alusão às imagens totalmente produzidas através do computador. Não são a reprodução das imagens produzidas por aparelhos de captação de imagem (fotografia, vídeo), mas sim uma criação artificial de qualquer tipo de imagens (exemplo: infografia, cartazes, etc.). (Santaella & Noth, 2005)

Quanto à análise da imagem fotográfica, Panofsky (1979) propõe uma análise que passa por três níveis: o nível pré- iconográfico (descreve a imagem de modo geral), o nível descritivo iconográfico (classifica as imagens, indo ao encontro ao assunto da mesma), e o nível iconológico (foca-se na interpretação intrínseca do conteúdo da imagem). (Bocato & Fujita, 2006)

De acordo com Bocato e Fujita (2006) “todas as imagens cumprem uma função e têm um conteúdo. Além de serem figurativas são também narrativas. O conteúdo da imagem deve estar inserido num contexto de produção e de receção; a imagem tem de ser sempre contextualizada.” (p. 5)

As imagens têm significados e funções, utilizadas em diversas áreas para diversos fins, sendo importante conhecê-las.

Atualmente, os computadores possuem programas de criação ou de simulação visual que permitem usar imagens. Realça-se, no entanto, que, neste contexto digital, o som e a escrita não são menos importantes que as imagens. (Joly, 1994)

Graças à evolução da tecnologia é cada vez mais fácil criar ambientes virtuais que, apesar de se apresentarem como reais, podem falsificar uma imagem que se julga real. Todas as imagens são agora manipuláveis. (Joly, 1994) É, ainda, possível criar interfaces em que se

conjugam imagens/cenários reais com sintéticos e vice-versa, sendo também muito útil para a construção de protótipos (as chamadas imagens virtuais) que se caracterizam pelo simulacro de mundos imaginários. (Joly, 1994) O desenvolvimento da tecnologia proporcionou a fácil criação e modificação das imagens.

Com a evolução da tecnologia, qualquer cidadão tem, agora, o poder de criar uma imagem, por exemplo, ao nível do jornalismo. Por vezes, os jornais utilizam conteúdo dos amadores sempre que ocorre um acontecimento importante que não foi presenciado por um operador de câmara profissional; o cidadão tornou-se, assim, num cidadão repórter. (Vilas-Boas, 2010)

No contexto de suporte comunicacional, Vilas-Boas (2010) salienta que a fotografia apresenta-se como um poderoso instrumento “ (...) de fomento do prazer visual (...)”. (p. 65) Faz, ainda referência a que a fotografia, ligada à noção de registo verídico da realidade, tem a capacidade de nos despertar curiosidade. A difusão de imagens fruto da democratização dos aparelhos tecnológicos moldou a cultura visual; agora todos os indivíduos podem ser criadores de imagens, o que tem feito com que os artistas e profissionais na área da imagem (designers, por exemplo) queiram afirmar o seu papel na área visual. Assim, no mundo atual, a criação de imagens poderá estar dividida entre profissionais da área e entusiastas. O valor da imagem cresceu, a sua afirmação por parte de quem as produz aumentou, é agora mais significativo, criando-se assim dois mundos dentro da mesma área: os profissionais e os amadores.

Atualmente, tornou-se mais fácil gravar o meio que nos rodeia, criar imagens que em nada têm a ver com a realidade em que vivemos, criar simulações e alterar as que produzimos.

Como já foi referido, ao longo do seu desenvolvimento, a imagem tornou-se mais presente no quotidiano, o que se traduz na facilidade com que os cidadãos podem contribuir para divulgar informação visual. Hoje em dia, no caso da fotografia digital, por exemplo, após a captura da imagem é possível manipular a mesma em programas computacionais de manipulação de imagens. As próprias máquinas fotográficas contêm opções que permitem fazer alterações logo no ato da captura. Assim, a imagem fotográfica pode-se considerar, também, como uma realidade moldável. (Cunha Gonçalves, 2009)

3 Fotografia

“A fotografia comunica através de mensagens não-verbais, cujo signo constitutivo é a imagem.” (Mauad, 1996,p: 12)

O Homem sempre utilizou o desenho como forma de comunicar. Mesmo depois do nascimento da escrita, o desenho e a pintura foram muito importantes no que toca aos meios de comunicação visual, no processo cultural e civilizacional. (Harrell, 2002) Ainda assim, o desejo de representar o mundo de uma forma mais realista sempre persistiu ao longo dos tempos, pois a pintura e o desenho por si só não contentavam a ambição do ser humano em alcançar registos, o mais verídicos possível, da realidade. (Harrell, 2002)

A invenção da máquina fotográfica foi um ponto decisivo na história da captação de imagens. (Santaella & Noth, 2005) Segundo Campos (2013), a“ (...) articulação íntima entre imagem, visibilidade e ciência vai consolidando o terreno para uma das mais importantes invenções tecnológicas da história recente da humanidade: a fotografia.” (p. 87)

No que diz respeito à palavra fotografia, esta vem do grego *foto*, que significa *luz*, e *grafia*, que significa *escrita* – portanto, a palavra fotografia tem como significado escrever com luz. (Bocato & Fujita, 2006)

A fotografia transmite informação visual, quer em formato eletrónico (fotografia digital) quer em papel (fotografia analógica); constitui-se como uma linguagem possuindo, portanto, um significado, um significante e um signo. Regista momentos do passado, contribuindo assim para a cultura, a história e a educação de uma determinada sociedade. (Bocato & Fujita, 2006)

3.1 História da Fotografia

Segundo Sousa (1998) “a fotografia nasceu no ambiente positivista do século XIX, beneficiando de descobertas e inventos anteriores, como as câmaras escura e clara, e da vontade de se encontrar um meio que permitisse a reprodução mecânica da realidade visual.” (p. 18) Ao longo deste capítulo, ir-se-ão apresentar algumas invenções que antecederam o aparecimento da fotografia e a sua evolução.

Vários estudos realizados ao longo dos séculos XVII e XVIII, com o objetivo de conseguir bons aparelhos de modo a obter melhores resultados na realização de desenhos e esboços, contribuíram para aperfeiçoar o processo de fixar as imagens. (Harrell, 2002)

No século XVII, pinturas e desenhos realizados utilizando a câmara escura começaram-se a evidenciar. Apesar do seu princípio, que tem o mesmo nome, já ser há muito conhecido e estudado, a primeira aplicação denominada de “câmara escura” aparece em 1604 no livro de Johannes Kepler, *Ad Vitellionem Paralipomena*. Alguns anos mais tarde, surge, então, a câmara escura como instrumento de auxílio ao desenho – “desenho fotogênico”. Contudo, a qualidade da pintura/desenho final ainda dependia da habilidade do artista. O objetivo de gravar as imagens, tal e qual como se viam na realidade, persistia. (Harrell, 2002, p. 6)

Joseph Nicéphore Niépce pesquisou formas de copiar desenhos e gravuras, desde 1793. Após longos estudos, este foi o primeiro indivíduo a conseguir criar a primeira fotografia e a publicar as suas experiências e descobertas. Niépce descobriu a fotografia por acaso, quando pretendia criar uma forma de gravar as gravuras. Ao longo do desenvolvimento dos seus processos fotográficos, procurou que a captura da imagem fosse cada vez mais próxima da realidade. (Dubois, 2007)

Em 1839, Louis-Jacques-Mandé Daguerre apresenta, na L’Académie des Sciences et Beaux Arts de Paris, um novo processo conhecido como Daguerreotipia, que permitia fotografar com mais detalhe. No entanto, o processo era complicado e trabalhoso devido à lentidão e sensibilidade do mesmo. (Harrell, 2002) Ainda assim, tornou-se popular e, em pouco tempo, começou a ser utilizado em várias partes do globo. (Harrell, 2002) Até 1841, o tempo de exposição da Daguerreotipia foi reduzido para 10 a 15 segundos. (Harrell, 2002) Apesar da sua popularidade, não era possível fazer cópias de um daguerreótipo, como também não era possível imprimir uma fotografia com destino a uma revista ou a um jornal, por exemplo. A imprensa tinha de recorrer, desta forma, a gravuristas e desenhistas para realizar as ilustrações nas publicações. (Harrell, 2002)

William Henry Fox Talbot, paralelamente ao desenvolvimento da Daguerreotipia, procurava, também, formas de capturar a realidade. Foi o primeiro a desenvolver um processo fotográfico mais barato e prático: captar a imagem num negativo de papel, conseguindo-se assim, tirar cópias de fotografias (positivas). Comparativamente à dos daguerreótipos, a qualidade das fotografias era menor, mas deu origem à fotografia em série. Este método, aperfeiçoado, surgiu em 1841 e designou-se por Calótipo. (Harrell, 2002)

Em 1851, Frederick Scott Archer apresentou um novo método – colódio húmido. Pelo facto de permitir várias cópias de boa qualidade a preços inferiores, este novo método fez com que ambas, a daguerreotipia e o calótipo, caíssem em desuso. Apesar do material ser muito

frágil e pesado, este processo possibilitou a fotografia no exterior, com a utilização de tripé e de um pequeno laboratório para revelar as fotografias. Era difícil fotografar paisagens, mas foi nesta época que se conseguiram alguns registos notáveis de expedições, acidentes, guerras, entre outros, fotografias estas que se revelam importantes em contexto histórico e que, sem a audácia dos primeiros fotógrafos, não seriam conhecidas. (Harrell, 2002)

Por volta de 1860, nasceram os primeiros métodos de reprodução fotomecânica, que permitiram a realização da impressão de fotografias a partir de matrizes criadas fotograficamente. No entanto, tais utensílios ainda tinham preços elevados demais para que se abrissem as portas ao uso mais intensivo das fotografias pela imprensa. A fotografia torna-se comum na imprensa apenas a partir de 1882, devido aos contributos de Georg Meisenbach no processo de impressão. (Meirinho de Souza, 2010)

No ano de 1871, surgiu um novo processo criado por Richard Leach Maddox: processo de chapas secas. A introdução da emulsão de gelatina eliminou a obrigatoriedade imediata em revelar/conservar os negativos, o que facilitou a tiragem fotografias no exterior.

Em 1889, George Eastman, fundou a empresa Eastman Company que passaria, mais tarde, a ser conhecida por Eastman Kodak Company. Este marcou a história da fotografia, ao introduzir os filmes fotográficos em rolo. (Meirinho de Souza, 2010) Estes rolos eram utilizados em máquinas fotográficas da marca, de baixo custo e de pequena dimensão. Com a comercialização das máquinas fotográficas Kodak, Eastman impulsionou a popularização da fotografia, tornando, hoje, a fotografia num dos maiores mercados do mundo. (Harrell, 2002) A melhoria dos seus equipamentos, a partir do crescimento e investigação contínuos, foi uma das preocupações da história da Kodak, permitindo-a tornar-se na marca que é hoje.

Na época em que Kodak surge, nasce uma nova estética fotográfica: a fotografia deveria de ser lisa e com os objetos centralizados. Nesta época, a fotografia começa a ser utilizada como uma forma de guardar memórias.

No início do século XX, dá-se a primeira democratização da fotografia com a criação industrial do vídeo. Surgiram a primeira câmara de vídeo e as primeiras máquinas fotográficas de pequena dimensão, tendo sido a época em que deixaram de ser apenas aquisições dos profissionais. (Lavín de las Heras & Pieretti, 2015)

Em 1943, Edwin Land veio revolucionar a prática da fotografia com a invenção da câmara fotográfica instantânea Polaroid, que se caracterizava por revelar as fotografias de

forma instantânea, dando origem a novos hábitos, tanto por parte dos fotógrafos amadores, como por profissionais. (Bauret, 2012)

“(…) a Polaroid é sem dúvida alguma, um dos mais brilhantes resultados de uma série de aperfeiçoamentos técnicos inaugurada pela máquina Kodak, lançada nos finais do século passado por George Eastman (…)” (Bauret, 2012, pp. 105-106)

A Polaroid está associada à ideia de fotografia instantânea, uma vez que “(…) elimina a questão artesanal da impressão, a manipulação química e óptica na câmara escura “a frio” (…)” (Bauret, 2012, p. 107) Esta invenção deu aso a que fotografar se tornasse um ato mais pessoal, pois “(…) permitiu encarar a hipótese de novos temas para a fotografia, especialmente no caso de uma prática mais íntima (…)” (Bauret, 2012, p. 107) Deixou de estar ligada não só a acontecimentos marcantes, como também, passou a estar mais ligada ao quotidiano, a cenários mais banais. Deu, por isso, origem a novas tendências e experiências no campo da fotografia, como é o caso dos autorretratos, e novas representações do corpo humano. (Bauret, 2012)

Ao longo dos anos, a forma de tirar fotografia melhorou, mas sem grandes desenvolvimentos significativos. A primeira câmara fotográfica digital a cores de boa resolução surgiu em 1991, designada por Kodak CDS100. O mercado da fotografia digital expandiu-se a partir de 1993, com a introdução de muitos outros produtos de dimensões mais pequenas e mais acessíveis, em termos económicos.

A fotografia digital tem a particularidade de não necessitar de revelação em laboratório, pois pode ser guardada em formato digital. Ao fotografar, as câmaras permitem a visualização instantânea da fotografia e o operador escolhe se guarda ou apaga o resultado. É, desta forma, mais fácil fotografar, não só pela facilidade de armazenamento e impressão das fotografias, mas também pelo aparecimento de material e equipamentos fotográficos diversos e a preços mais acessíveis. Estes fatores ajudaram a tornar os indivíduos mais autónomos, no campo fotográfico. A era digital veio alterar a relação da sociedade com a fotografia. Apesar de já existirem fotógrafos amadores na era da fotografia analógica, esse número de fotógrafos intensificou-se.

O desenvolvimento da fotografia digital tem acompanhado também o desenvolvimento do computador e do telemóvel. Com a introdução de câmaras nos telemóveis, a universalização da fotografia digital foi substancialmente maior, ficando ainda mais ao alcance da população do mundo. (Barbosa, 2007)

“ Apesar de que esse tipo de quantificação deva ser sempre encarado com cautela, em 2004 calculava-se que havia cerca 300 milhões de câmaras digitais em uso, sendo que 60% delas acopladas a telemóveis. Em 2005, foram vendidos cerca de 300 milhões de telemóveis equipados com câmaras digitais.” (Barbosa, 2007, p. 67)

Para além da globalização da fotografia digital, com o desenvolvimento da internet, assunto a ser abordado adiante, os indivíduos têm agora maior facilidade em fazer circular as suas fotografias. A fotografia revolucionou a noção de memória e o pensamento moderno. Deu contributos muito úteis para a evolução informativa, tecnológica, área social, entre outros. (Felizardo & Samain, 2007)

3.2 Fotografia em Portugal: Contextualização Histórica

“A divulgação da fotografia em Portugal nos seus primeiros tempos está, em grande medida, associada a um pequeno número de pioneiros amadores, entre os quais vários estrangeiros.” (Sousa, 1998, p. 215)

Com o nascimento da Kodak, deixou de ser necessário grandes conhecimentos técnicos sobre o processo de revelação, impressão e composição para se poder ser fotógrafo. Em pouco tempo, a fotografia ficou ao acesso dos amadores. Qualquer fotógrafo amador podia tornar-se um criador de imagens, podendo captar tanto acontecimentos históricos importantes como individuais e/ou familiares, criando assim as suas próprias memórias, dando origem a uma maior liberdade e autonomia no que concerne à produção fotográfica. (Sousa, 1998)

Apesar de se desconhecer, concretamente, em que data a fotografia foi introduzida em Portugal, em 1891, surge o primeiro livro de fotografia direcionado à sua técnica, *Tratado de Fotografia*, de Arnaldo Fonseca. (Sousa, 1998) No mesmo ano, o *flash* é introduzido em Portugal por José Júlio, com o objetivo de fotografar os túneis de lava da ilha Terceira. No ano de 1919, foi criada a Kodak Portuguesa Ld.^a. A sua conduta pioneira, com os seus produtos e processos inovadores, levou a que se afirmasse como uma empresa que tornava a fotografia em algo mais fácil, divertido e útil, tendo sido a partir daqui que muitos portugueses tiveram o seu primeiro contacto com a área da fotografia.

3.3 Fotografia Funções e Representações

A fotografia tem a capacidade de comunicar e informar, representa uma parte de um determinado tempo e espaço, é um “ (...) instrumento de corte temporal”. (Martins, 2013, p. 3) Sendo um “ (...) texto visual (...)”, uma forma de comunicar, ela possui um emissor (neste caso é a fotografia, imagem fixa), um recetor (quem irá ver a fotografia) e a linguagem fotográfica em si (o mediador). (Bocato & Fujita, 2006, p. 67) A interpretação da imagem fotográfica depende do contexto em que foi concebida. A fotografia, apesar de representar a realidade, está dependente de inúmeras leituras dessa mesma realidade. A leitura das imagens fotográficas varia de sociedade para sociedade, pois cada uma tem determinados hábitos, aprendizagens, valores, experiências, educação, entre outros, que influenciam a sua interpretação do mundo de modo diferente. “ (...) Quanto maior for sua bagagem cultural, mais rica será sua interpretação e mais preparada estará para interpretar o significado de uma fotografia.” (Martins, 2013, pp. 12-13)

Desta maneira, é importante conhecer em que contexto e com que intenções determinada fotografia foi produzida, quais as intenções do fotógrafo. Independentemente da sua natureza, esta funciona como a prova de que algo existiu ou aconteceu. É, assim, uma “fotocópia” da realidade, para mais tarde poder ser visualizada

“Quase tudo em que acreditamos, e a maior parte das coisas que sabemos, aprendemos ou compramos, reconhecemos e desejamos, vem determinado pelo domínio que a fotografia exerce sobre nossa psique. E esse fenómeno tende a intensificar-se.” (Dondis, 2007, p. 8)

De acordo com Hastrup (2002), a imagem fotográfica pode adquirir diversos significados (polissemia), sendo por vezes olhada com algum receio/desconfiança. (Campos, 2013) O conhecimento de cada indivíduo influencia sempre a leitura que este faz das imagens, podendo encarar, ou não, com preconceito, aquilo que vê. (Martins, 2013)

Segundo Martine (1943), uma fotografia pode ser vista como verdadeira ou falsa, dependendo também do contexto de comunicação onde se encontra, bem como das expectativas de quem a visualiza. (Martins, 2013) Mesmo que o simples objetivo de uma fotografia seja o de mostrar um dado acontecimento, esta reflete sempre as escolhas do fotógrafo (ângulo, luz, campo visual, ...). Permite, de certa forma, conjugar a realidade com o sentido próprio de cada autor. As suas escolhas durante o processo fotográfico fazem com que as fotografias tenham sempre elementos subjetivos. (Vilas-Boas, 2010) O fotógrafo está muito ligado aos hábitos culturais, influenciando a sua percepção e representação, “ (...)

constrói um universo totalmente premeditado, no qual toda a intervenção é minuciosamente calculada”. (Walter Benjamin & Bauret, 2012, p.115)

A fotografia está ligada, também, à documentação de cariz visual, como complemento de outras formas de recolha de informação. Pode ser utilizada para retratar e documentar uma determinada sociedade. Pink (2001), de certa forma, opõe-se a este pensamento, pois considera que a fotografia é uma produção subjetiva, um registo visual limitado. A fotografia não é, somente, um trabalho fruto da ação investigador-fotógrafo, com o objetivo de ser um material de análise visual. A fotografia pode, por exemplo, ser utilizada em situações formais (entrevistas, por exemplo), como um dos elementos de comunicação entre os seus intervenientes. Segundo o autor Brancks (2011), a fotografia constitui-se como um elemento que ajuda a estimular uma conversa, um objeto de discussão, facilitando o processo de comunicação entre investigador e interlocutores – *photo elicitation*. A fotografia tem, ainda, sido usada em etnografia, complementando palavras, tendo dificuldade em libertar-se da função ilustrativa. (Dondis, 2007) No início do século XX, a fotografia começou a ser utilizada como modo de identificação (passaportes, carteiras de reconhecimento social, ...). (Mauad, 1996)

No que concerne aos textos impressos, os elementos visuais são aspetos secundários, são apenas um apoio. Já no que respeita aos meios de comunicação modernos, a realidade é diferente, o visual tem maior importância e os elementos verbais são apenas um acréscimo. (Dondis, 2007) A imagem capta mais a atenção do leitor do que as palavras e pode, até, incentivar os indivíduos a ler determinada notícia/artigo, pela curiosidade suscitada pela imagem.

“Visualizar é ser capaz de formar imagens mentais. Lembramo-nos de um caminho que, nas ruas de uma cidade, nos leva a um determinado destino, e seguimos mentalmente uma rota que vai de um lugar a outro, verificando as pistas visuais, recusando o que não nos parece certo, voltando atrás, e fazemos tudo isso antes mesmo de iniciar o caminho. Tudo mentalmente. Porém, de um modo ainda mais misterioso e mágico, criamos a visão de uma coisa que nunca vimos antes. Essa visão, ou pré-visualização, encontra-se estreitamente vinculada ao salto criativo e à síndrome de heureka, enquanto meios fundamentais para a solução de problemas. E é exactamente esse processo de dar voltas através de imagens mentais em nossa imaginação que muitas vezes nos leva a soluções e descobertas inesperadas.” (Dondis, 2007, p: 8)

Segundo Alves & Boni (2011), “(...) a fotografia, além dos usos tradicionais e conhecidos, serviu para ativar novas lembranças, somar novos conhecimentos aos já existentes, e até corrigir erros históricos.” (p. 25)

Ao longo da história foram feitas diversas descobertas que marcaram a comunicação. Desde que o Homem existe, têm-se criado instrumentos que visam o armazenamento de signos e linguagens – das imagens das cavernas à invenção da escrita, culminando na realidade digital, indispensável nos dias de hoje. As imagens são históricas, guardam uma marca do passado, estão dependentes das técnicas e estéticas da época histórica em que foram criadas bem como das diversas visões do mundo e características de cada sociedade. (Mauad, 1996) As aplicações e funções das imagens fotográficas são múltiplas, podendo ser apresentadas de diversas formas. (Campos, 2013)

A fotografia alterou para sempre a percepção relativamente ao mundo até aos dias de hoje; tornou possível o registo do passado em imagens exatas, em vez da utilização de pinturas ou palavras. (Ludwing de Colónia, 1998) Segundo Dubois (2007), nos primórdios, a fotografia foi rapidamente utilizada para fins científicos ou documentais, passando a ser, entretanto, utilizada como fonte histórica informativa em várias ocasiões: fotografia de guerra, fotografia de exército, entre outras, como refere Mauad (1996). Muitos fotógrafos, antes de terem começado a dar contributos na área da fotografia, eram pintores ou desenhadores, como é caso de Daguerre, Octavius, Hill, Stelzner e outros. A fotografia veio, de certa forma, substituir a pintura, o desenho e a gravação para a ilustração de textos. Muitos artistas abandonaram as suas primeiras atividades para passarem para esta “nova” técnica. (Bauret, 2012) A pintura, ao contrário da fotografia, exige conhecimentos e habilidade na área, o que leva, assim, à expansão da fotografia na sociedade, em diversas áreas e em diversas vertentes, com maior facilidade.

A fotografia, sendo uma invenção do século XIX, é um dos instrumentos mais falados pelos cientistas sociais estando ligada ao real, à busca da captação da realidade. Distingue-se das outras representações artísticas, na medida em que a fotografia deriva de bases mecânicas e químicas, é feita instantaneamente, marca o momento e funciona como uma segunda memória. (Ball e Smith, 1992 & Campos, 2013) Ao longo do desenvolvimento da fotografia, o seu acesso democratizou-se. A partir do ano de 1839, a fotografia começou a ganhar importância enquanto meio de comunicação e expressão. (Newhall, 2002)

Até aos anos 80, existia uma distinção significativa entre fotógrafos amadores, fotógrafos profissionais, pesquisadores nos campos da ótica e da pesquisa, e os interessados em melhorar os utensílios técnicos. A partir dessa época, a fotografia massificou-se “criando-se” outras novas categorias. O fotógrafo Florença (1899), no II Congresso Fotográfico Italiano, considerou que o mercado da fotografia estrutura-se em: artistas fotógrafos, os fotógrafos profissionais, os fotógrafos profissionais de baixo nível com poucos recursos e os

fotógrafos amadores. (Fabris,2008) A fotografia passou a estar mais presente na vida pessoal dos indivíduos. A expansão das máquinas fotográficas mais simples, no que toca ao seu funcionamento e mais acessíveis em termos económicos; proporcionou a criação de memórias visuais, em torno da vida familiar, que passam de geração em geração. A fotografia é uma forma de mostrar acontecimentos, atividades, locais e relações de uma época. (Bauret, 2012) O desenvolvimento da fotografia tem influenciado o estilo de vida contemporâneo. Tirar fotografias tornou-se um ato banal, que já faz parte do quotidiano das sociedades modernas, ganhando-se o hábito de fotografar momentos do dia-a-dia e partilhá-los nas redes sociais. Mas não se ficou por aqui, a sociedade habituou-se a ver imagens fotográficas em quase tudo no nosso dia-a-dia, seja em publicidade, jornais, ementas, livros, mapas, entre outros. Ela permite uma melhor perceção dos assuntos retratados. (Dondis, 2007) A máquina fotográfica foi um dos meios tecnológicos que se globalizaram. A imagem democratizou-se, introduziu-se “ (...) uma multiplicidade de novos interlocutores nesta ordem global de criação imagética.” Esta democratização da imagem, não significa que se eliminou a existência de poder e de ideologia, pois a imagem está ligada à comunicação e às dinâmicas culturais. Contém áreas especializadas (arte, publicidade, media, ciências, ...) que se diferenciam pela forma como fabricam as imagens, as suas tecnologias e os seus processos de difusão. (Campos, 2013, p. 147)

É agora possível captar momentos do quotidiano, o ato de fotografar tornou-se banal, não exigindo esforço. (Rivière, 2006 & Meirinho de Souza, 2010) Já não está só ligada à eternização de momentos como também faz circular o conteúdo fotográfico pela internet, sobretudo através das redes sociais. Os retratos de família deixaram de ser produzidos por profissionais; os familiares podem produzir as suas próprias fotografias. (Bauret, 2012) Segundo o autor Flusser (1997), quem escreve, por norma, necessita de conhecer as regras da escrita e da gramática, enquanto no ato de fotografar o indivíduo limita-se apenas a fazer uso de aparelhos, cada vez mais simples de manusear. (Campos, 2013) Existem diversos mecanismos – telemóveis, galerias online, – que facilitam a produção de conteúdo, quer seja de emissores quer seja de recetores. O design é cada vez mais importante, tanto em termos comerciais como em termos culturais, pois reforça o seu peso cultural na sociedade. (Vilas-Boas, 2010)

“Potencialmente todos os indivíduos ou grupos se podem expressar através da internet, erigindo websites, weblogs, photologs, aí colocando fotografias, e vídeos de acordo com os princípios e objectivos que são os seus.” (Campos, 2013, p. 148)

A imagem vai-se libertando de constrangimentos impostos por instâncias culturais. Os média trouxeram novas linguagens e novas formas de comunicação. Surgiram cada vez mais amadores devido à democratização motivada pela era digital. (Campos, 2013) A cultura visual é agora marcada por qualquer autor que domine os meios de produção audiovisual, cuja produção também se executa em termos domésticos, podendo ter impacto global. Tornou-se comum partilhar imagens do quotidiano, tornando os elementos da sociedade simultaneamente observadores e objetos de representação. (Campos, 2013) Atualmente, com a globalização, grande parte das imagens que nos rodeiam são fruto dos média e das indústrias culturais. Mas não se pode considerar estes meios como os únicos produtores de imagens, pois continuam a existir outras vias como é o caso da arte, a ciência, graffiti, artesanato. (Campos, 2013) Campos (2013) acredita que em nenhuma outra época os meios de comunicação em massa, foram de tão fácil acesso como são atualmente. Este facto é fruto de uma ideologia democrática que permite a liberdade dos cidadãos em termos de comunicação e de expressão; como também da evolução tecnológica que permite que os indivíduos criem e divulguem mensagens. A fotografia, aliada à informática e à internet, tornou-se mais acessível, não só em termos físicos como económicos, que permitiram a sua difusão. (Bauret, 2012)

No próximo capítulo, ir-se-á abordar a fotografia em contexto comunicacional – fotojornalismo - indo assim ao encontro da fotografia com o jornalismo.

4 Jornalismo e Fotojornalismo

“ A estes profissionais é exigida a verdade e o rigor, pois a estes é confiado o poder de informar a população. “ (Graça, 2007, p: 23)

Atualmente, no mundo da comunicação social, jornalistas e fotojornalistas trabalham para um objetivo em comum: informar a sociedade de acontecimentos relevantes que surgem. Mas ambos têm procedimentos de trabalho diferentes. Os jornalistas relatam os acontecimentos através da escrita ou da oralidade, enquanto os fotojornalistas mostram-nos através de imagem fotográfica.

4.1 Fotojornalismo: Contexto histórico

O nascimento do fotojornalismo assemelha-se, de certo modo, ao começo da fotografia, pois ambos desenvolveram-se ao longo do tempo até chegar ao conceito propriamente dito. Neste caso, até à afirmação do fotojornalismo, houve antecedentes que proporcionaram que este se desenvolvesse e assegurasse o seu lugar no mundo da comunicação social. O fotojornalismo esteve sempre muito condicionado pela evolução da prática fotográfica, das tendências temáticas de cada época e, sobretudo, da tecnologia. Cada passo dado no campo da fotografia, quer nas áreas temáticas, quer na evolução dos aparelhos, produz reflexos imediatos na prática desta profissão. A evolução dos aparelhos fotográficos foi tal, que já vai além das máquinas fotográficas, nomeadamente, aos telemóveis.

Segundo Hicks, os primeiros fotógrafos de imprensa, antes de iniciarem a sua carreira na área da fotografia, teriam sido pintores. Nos primeiros tempos, a fotografia era associada à pintura, daí que as primeiras fotografias de imprensa fossem publicadas nos jornais com " (...) filetes floreados e outros motivos, como se da representação de uma moldura se tratasse." (Sousa,1998, p. 13)

Como referenciado no capítulo anterior, Louis-Jacques-Mandé Daguerre criou em 1839, o primeiro processo que possibilitou tirar fotografias – a Daguerreotipia. No entanto, não era possível imprimi-las. O que obrigava, ainda, a recorrer a gravuristas e desenhistas para produzir as publicações para os jornais. Os primeiros passos do fotojornalismo fizeram-se sentir também com o nascimento de revistas direcionadas para a imagem. Em 1842 surge a primeira revista ilustrada, *Illustrated London New*, cujo fundador foi Herbert Ingram. Este considerava que esta revista seria importante, pois iria fornecer aos leitores informação de acontecimentos a nível nacional e mundial. O número de exemplares aumentou devido à

procura, o que mostrava que a sociedade ao longo da história se foi interessando cada vez mais pela imagem. (Sousa, 1998)

A fotografia é utilizada como *news médium* – meio de transmitir notícias – a partir de 1842, porém não se pode afirmar que nessa altura já existisse o conceito de fotojornalismo. Este começa a afirmar-se no século XIX devido a fatores de reprodução de ordem técnica. (Sousa, 1998)

Hoje em dia, “(...) considerarmos que a fotografia é um elemento fundamental para a existência do jornalismo impresso (...)”. Contudo, isso nem sempre aconteceu, pois quando apareceu a fotografia, os jornais já tinham a linha editorial e o seu público bem consolidados. Com o avanço da tecnologia, a partir de 1880, a fotografia passou a contribuir para captar os acontecimentos do mundo, estando associada às noções de prova, testemunho e verdade. (Meirinho de Souza, 2010, p. 7)

Desconhece-se em concreto a partir de que data as fotografias passaram a ganhar importância jornalística, mas pensa-se que o fotojornalismo se desenvolveu após a primeira Guerra Mundial. (Sougez, 2011) O fotojornalismo fez-se sentir quando os primeiros interessados em fotografia começaram a captar acontecimentos. Os objetivos da captura destas fotografias eram servir de testemunho sobre algo ocorrido com vista a ser mostrado ao público. (Sousa, 1998) A fotografia tem-se tornado cada vez mais fácil de trabalhar, ganhando importância como fonte de informação. Contribui para o conhecimento e compreensão de acontecimentos “(...) encontrando assim o seu lugar no contexto da imprensa, ao lado da escrita, substituindo a ilustração. Daí o aparecimento do termo fotojornalismo.” (Bauret, 2012, p. 23)

Em 1844, William e Frederick Langenheim tiraram a primeira fotografia de um acontecimento público – “(...)uma multidão reunida em Filadélfia por ocasião da eclosão de uma série de motins anti-imigração” (Sousa, 1998, p. 20)

A primeira guerra a ser acompanhada por “fotojornalistas” ocorreu entre 1846 e 1848 - Guerra Americano-Mexicana – onde se registaram fotografias dos soldados e oficiais. Mais tarde, em Roma, por volta de 1849, fotógrafos anónimos tiraram, também, fotografias desta natureza. (Sousa, 1998)

A partir do século XIX, a fotografia evoluiu de tal modo que se começou abandonar os estúdios, podendo avançar assim para a documentação do mundo de um modo mais realista. (Sousa, 1998; pp. 26) Como já foi referido, neste campo destacou-se, em 1841, William Henry Fox Talbot, com o seu processo – Calótipo – que permitiu tirar fotografias de forma mais barata e rápida. Mais tarde, em 1851, o colóquio húmido permitiu que a fotografia no exterior se desenvolvesse.

No século XIX, na Europa, os principais acontecimentos foram registados através da fotografia. Na Alemanha, no final da primeira Guerra Mundial, verificou-se uma evolução da imprensa. A fotografia divulgada em revistas ilustradas deixou de ter uma função apenas ilustrativa e passou a ter uma função informativa. A partir da década de oitenta, deste mesmo século, a fotografia ganhou importância enquanto elemento informativo, deixando de ser considerada uma componente ilustrativa-decorativa. (Sousa, 1998) Em 1871, o registo da Comuna de Paris assinala um marco importante na história da fotografia. Pela primeira vez, houve fotos que foram utilizadas para identificar “ (...) processos criminais que levaram frequentemente a execuções.” (Sousa, 1998, p. 33) No final do século, começaram a surgir, em várias partes do mundo, revistas fotográficas, tais como: *Illustrated American*, *The Photographic News*, entre outras. (Sousa, 1998)

Segundo Sousa (1998), em 1880, surgiu o primeiro procedimento de impressão, o que facilitou a utilização de fotografias em papel, o que proporcionou que “(...)as aparições esporádicas da fotografia nas páginas dos jornais e revistas mais não fizeram do que abrir caminho para a informação fotojornalística sistemática e, assim, para uma informação mais directa.” (Sousa, 1998, p. 35) Também Meirinho de Souza (2010) considerou que “com os avanços de novas técnicas de impressão, a fotografia passaria a retratar o mundo e seus acontecimentos, de uma forma mais ampla a partir de 1880.” (p. 7)

Em 1904, o nascimento do primeiro tabloide fotográfico, por Baynes, marcou uma transformação na utilização das fotografias que deixaram “ (...) de ser secundarizadas como ilustrações do texto para serem definidas como uma outra categoria de conteúdo tão importante como a componente escrita.” (Sousa, 1998, p. 12) A importância atribuída à fotografia proporcionou o começo da competição no fotojornalismo e a obrigatoriedade da rapidez. Cultivou-se no fotojornalismo a ideia de uma foto única – a doutrina do *scoop*.

No nosso país, a primeira fotografia publicada na imprensa diária portuguesa foi no ano de 1907, em *O Comércio do Porto*. Também neste ano, o *Diário de Notícias* publica a sua primeira fotografia, um retrato do coronel Caldeira Pires. Nos anos seguintes, a fotografia generaliza-se na imprensa em Portugal começando, então, a ser contratados repórteres fotográficos. Apesar disto, só em 1940 um foto-repórter conseguiu obter carteira profissional no Sindicato Nacional dos Jornalistas – André Salgado, no jornal *Novidades*. O primeiro fotojornalista português foi Joshua Benoliel (1873-1932) que trabalhou como freelancer. Fez trabalhos para o seu jornal, *O Século*, e para revista *Ilustração Portuguesa* (entre 1903 a 1918). (Sousa, 1998)

No entanto, toda a conjuntura sociocultural propícia, vivida em cada período da história, também influenciou o seu desenvolvimento. O desenvolvimento do fotojornalismo

em Portugal foi tardio devido à ditadura, pelo facto de ser um país com uma enorme taxa de analfabetização e repressão (não havia liberdade de expressão).

“Da Guerra Colonial praticamente apenas se publicam fotos dos embarques e desembarques de tropas. E raras são as fotos —mesmo em arquivo— (autocensura?) que documentam a campanha de Humberto Delgado para a Presidência da República, em 1958, e as cargas policiais.” (Sousa, 1998, p. 229)

A utilização da fotografia na imprensa foi a “(...) primeira janela visual mediática para um mundo que se torna mais pequeno, caminhando para a *familiaridade* da "aldeia global.” Permitiu conhecer melhor o mundo, tornando-o um espaço aparentemente mais pequeno. Na área da comunicação social, proporcionou o surgimento dos primeiros repórteres fotográficos profissionais. (Sousa, 1998, p. 40)

Os primeiros repórteres fotográficos utilizaram a fotografia como modo de ilustrar uma determinada história, notícia ou acontecimento. O fotojornalismo surgiu, também, do facto de existirem fotografias que são a própria história de um determinado acontecimento, precisando estas apenas de legenda. (Martins, 2013)

Mais tarde, com a vinda da fotografia digital, eliminou-se o processo de revelação, processo este que tornava o trabalho mais lento, e as redações dos jornais procuraram renovar as suas estruturas. (Lavín de las Heras e Pieretti, 2015) Com a evolução das câmaras digitais, as fotografias passaram a ter fácil armazenamento, com uma imagem mais nítida e instantânea. Atualmente, a fotografia digital faz parte do quotidiano dos fotojornalistas; é mais flexível no sentido de permitir, por exemplo, a utilização de lentes mais potentes, como é possível, também, armazená-las e enviá-las facilmente através internet. (Martins, 2013) Também a melhoria da qualidade das câmaras dos telemóveis permitiram que qualquer pessoa possa tirar fotografias e publicá-las na internet, tendência esta que cresceu rapidamente. Agregado a esta mudança, os meios de comunicação passaram a utilizar também estas imagens criadas por amadores, constituindo uma nova fonte gratuita de informação. Face a estas transformações, algumas empresas reduziram o seu número de fotógrafos profissionais. (Lavín de las Heras & Pieretti, 2015).

A fotografia digital revolucionou a forma de trabalhar dos profissionais. O envio de fotografias através de correio eletrónico passou a ser possível, o que facilitou e acelerou trabalho e eliminou a necessidade de utilizar rolos, característicos da fotografia analógica. (Gradim, 2000) A evolução tecnológica provocou uma mudança de paradigma no que toca à informação, trazendo grandes transformações ao fotojornalismo. (Lavín de las Heras & Pieretti, 2015)

“ La fotografía digital ha permitido que se elimine el proceso de revelado, trabajo que muchas veces hacía peligrar el trabajo de estos profesionales. Robert Capa tras inmortalizar el desembarco de Normandía en la playa Omaha, envió sus carretes a la redacción de la revista Life pero las prisas hicieron que en el laboratorio cerraran las puertas en el armario donde se secaban los negativos y el calor, los derritió. De los cuatro carretes con 106 fotografías solo se pudieron salvar 11 (Kuper, 2013). “ (Lavín de las Heras & Pieretti, 2015, p. 194).

Pode, assim, constatar-se que a fotografia, por todo o mundo, demorou algum tempo a conquistar um lugar de destaque enquanto meio de transmissão de informação, por estar associada à função de uma ilustração complementar, bem como à dependência de todos os aparelhos técnicos de cada época, que tornavam a captura difícil e ponderada.

4.2 Fotojornalismo e Jornalismo: O que os diferencia?

Ao longo deste subcapítulo mencionar-se-ão as funções do fotojornalismo e do jornalismo e mostrar-se-ão as suas principais características, demonstrando que um não altera ou diminui a importância do outro.

Primeiramente, falar-se-á dos jornalistas, tendo em conta que, segundo a história do jornalismo, os primeiros jornais eram compostos apenas por texto, como referido anteriormente, e só mais tarde surgiu a necessidade da existência de fotojornalistas/repórteres, agregada ao desenvolvimento da fotografia e de todos os outros meios tecnológicos.

A função de um jornalista, explicando de um modo mais simplificado, é observar e descrever acontecimentos. (Marques, 2008) Os jornalistas dividem-se por várias áreas: uns, nos jornais, dedicam-se ao relato de notícias através da escrita – jornais tradicionais e *online* – e outros na divulgação de notícias, através da televisão e na rádio – oralidade. O jornalismo tem como função reconhecer informações, dar conhecimento, esclarecer e noticiar. Exige o domínio da escrita de modo a transmitir informação de forma adequada. Os jornalistas têm que pôr de lado as suas emoções e dificuldades relativamente a um determinado acontecimento; seguem um conjunto de regras deontológicas, com o objetivo de divulgar informação mediada por um meio de comunicação em massa. Para além de relatar acontecimentos, os jornais também publicam artigos de opinião e análise; colunistas ou colaboradores exprimem os seus pontos de vista relativamente a determinados factos. É importante que estes transmitam os acontecimentos com a máxima objetividade, sem demonstrar o seu ponto de vista ou pondo em causa a integridade de outrem. Tanto as notícias como os artigos de opinião são elementos importantes para o esclarecimento dos indivíduos.

Enquanto as notícias têm como objetivo dar novas informações, os artigos de opinião são importantes na medida em que lançam debates que têm em vista clarificar determinados temas. (Gradim, 2000)

É fundamental que as notícias possuam três características: atualidade, veracidade e interesse. Quanto à linguagem, a escrita utilizada tem de ser concisa, ritmada e precisa. Os temas são distribuídos por frases curtas, criando uma sequência lógica e clara. Igualmente importante é a pontuação, pois esta vai determinar a forma como determinada frase irá ser interpretada, não induzindo assim o leitor em dúvida ou em erro. É, sobretudo, através do jornalismo que os cidadãos têm conhecimento dos principais factos e acontecimentos que ocorrem, tanto no seu país de origem como pelo mundo. Os jornalistas têm a complicada missão de selecionar quais os eventos relevantes que dominam o interesse do público. (Gradim, 2000)

“Jornalismo é a actividade profissional que consiste em apurar, recolher e coligir informação, redigindo-a sob a forma de notícia que se destina a ser divulgada junto do público através de um meio de comunicação de massas. A esses factos que o jornalista colige e edita, apresentando-os sob a forma narrativa (“o jornalista é um contador de histórias”) dá-se genericamente o nome de notícia.” (Barbosa, 2007, p. 85)

Para avaliar se determinado acontecimento é importante ou não, os jornalistas recorrem a vários critérios, tais como: proximidade, importância, polémica, estranheza, emoção, repercussões, agressividade. Os jornais contribuem, substancialmente, para o esclarecimento dos cidadãos, divulgam factos atuais de interesse geral, de modo rigoroso e fundamentado. (Gradim, 2000)

Quanto ao fotojornalismo, a sua função também passa por transmitir e dar a conhecer factos ocorridos, utilizando a fotografia como meio para o fazer. Como refere Sousa (2002), “o fotojornalismo é uma actividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta.” (p. 5)

Nas palavras de Gradim (2000), as fotografias são extremamente importantes, pois “(...) as fotos e as respectivas legendas são a segunda coisa que a esmagadora maioria dos leitores atentam no jornal.” (p. 89)

Os fotojornalistas são responsáveis pelo registo fotográfico de diversos acontecimentos, permitindo que o leitor tenha um contacto mais próximo com os mesmos. (Martins,2013) Ao visualizar-se uma fotografia, o leitor tem uma melhor perceção sobre o ocorrido.

Segundo alguns estudos, as notícias acompanhadas por fotografias, são 50% mais propícias a serem lidas pelos utilizadores. (Lavrusik, Cameron, 2011 & Guerreiro Garcia, 2015)

As fotografias características do fotojornalismo seguem os mesmos padrões de composição, com o objetivo de permitir uma leitura clara, rápida e objetiva das mesmas, correspondendo ao registo de parcelas da realidade do mundo; são sempre referentes a diferentes temas como, por exemplo, guerra, política, ambiente, sociedade, saúde. (Martins,2013)

É fundamental que se tenha um grande conhecimento no que respeita à cultura visual, especialmente dentro da vertente fotográfica conjugada com área do jornalismo. O fotojornalista não só não pode intervir nas ações, como também na fase de edição das fotografias. A única coisa que pode ser alterada é a cor das fotografias, tendo sempre em atenção que estas não se distanciem da realidade.

Nos primórdios do fotojornalismo era apenas possível utilizar fotografias a preto e branco, características dos aparelhos da época mas, ao longo do seu desenvolvimento, surgiu a fotografia a cores. A utilização da cor depende do estilo fotográfico do fotojornalista em questão, gostos, objetivos, mensagem a transmitir, entre outros, podendo, atualmente, optar por fotografias a cores ou a preto e branco, tendo as duas formas significados e intenções diferentes.

Bauret (2012), citando Edward Weston (1953), refere que “ é idiota afirmar que a cor vai matar o preto e branco. São dois meios diferentes com objectivos diferentes. Não podem fazer concorrência um ao outro em nada.” (pp. 81-82) O mesmo autor afirma que a cor permitiu que as fotografias estivessem ainda mais ligadas ao realismo. Na imprensa a fotografia a preto e branco passou a ter outro significado, “(...) a afirmação de um ponto de vista, de um pensamento (...)” (Bauret, 2012, p.81) Não se trata do uso sistemático de fotografias a preto e branco, mas sim do seu uso excecional.

Na génese da fotografia a cores, os fotógrafos levaram algum tempo a habituar-se a esta inovação. À medida que iam adquirindo experiência (na parte técnica), iam-se libertando da visão a preto e branco, passando a fotografar a cores. Hoje em dia, é cada vez maior a “separação” dos fotógrafos que trabalham a cor e os que trabalham a preto e branco, considerando-se que trabalham de forma diferente, no que concerne aos temas, forma de pensar, linguagem, entre outros. Tanto fotógrafos amadores como profissionais, na imprensa e na área da publicidade, utilizam, maioritariamente, fotografias a cores. No meio artístico, a cor das fotografias difere das utilizadas para fins comerciais. As fotografias expostas em museus e galerias, são sobretudo a preto e branco. (Bauret, 2012, pp.83-84)

O jornalismo e o fotojornalismo são fundamentais para o panorama da comunicação atual; a evolução tecnológica foi de tal forma rápida que já não faria sentido existir jornalismo sem recurso à imagem fotográfica. À medida que a área da imagem se desenvolve, o jornalismo pode expandir-se mais e desenvolver-se por outras vias, sempre com recurso a estímulos visuais. O acréscimo da informação visual é uma vantagem na difusão da informação; as imagens têm a capacidade de despertar o interesse do leitor para determinada notícia, como, também, mostrar e comprovar o seu conteúdo.

A fotografia ganhou importância pois, para além de ser mais um elemento na informação, fortalece a realidade social. (Martins, 2013) A fotografia é uma prova visual, complementa as histórias dos acontecimentos, revelando-se uma informação tão ou mais importante quanto a escrita.

“ A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual. Pode ser usada em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de empresa.” (Sousa, 2002, p. 161)

É a partir dos meios de comunicação social que os indivíduos têm acesso à grande maioria dos acontecimentos relevantes que vão ocorrendo no mundo. Seja informação escrita ou visual, ambas são importantes para a transmissão de informação. Os média, sejam em formato de imagem ou de texto, são responsáveis pela reprodução da realidade. (Martins, 2013)

“A tecnologia influencia a maneira de viver da sociedade em todos os seus afazeres. Desde o princípio o homem tem uma relação estreita com a tecnologia disponível em sua época e que o auxiliava a caçar, pescar, realizar actividades diárias ou levar vantagem em disputas com outros homens. Invenções como o tipo mecânico móvel, o telégrafo, o rádio, a TV e a internet, alteraram a forma como se produz e como se consome informação e, conseqüentemente, a maneira de fazer e consumir jornalismo.” (Canavilhas & Satuf, 2015, p. 423)

No início da história do jornalismo não existia a necessidade de recorrer a registos visuais. Com o avançar da evolução tecnológica, a fotografia tornou-se essencial na recolha de informação, para além da descrição dos factos através das palavras.

Antes do desenvolvimento da internet e da fotografia digital, era impossível difundir fotografias jornalísticas sobre um acontecimento acabado de ocorrer. (Alves & Boni, 2011)

“Nos tempos atuais, possivelmente mais do que noutros períodos históricos, é possível percebermos que a imagem fotográfica tem vindo a assumir no cotidiano das sociedades ocidentais uma importância e centralidade que assentam não apenas na quantidade e

diversidade de imagens em que cada sujeito acede e produz, mas também nos seus diversos fins.” (Meirinho, 2016, p. 44)

O conceito de fotojornalista está ligado ao controlo e autoria da imagem fotográfica das notícias. No entanto, as características da cultura atual trouxeram novas participações o que modificou também a relação com o público. (Guerreiro Garcia, 2015)

O desenvolvimento paralelo das tecnologias da imagem com a internet, alteraram todo o panorama do mundo da comunicação.

“As ferramentas que possibilitam a produção de conteúdos e sua disponibilização tornam-se cada vez mais simplificadas e eficientes, fazendo-se acessíveis a um número crescente de cidadãos e organizações cidadãos da sociedade civil, através de políticas e ações públicas, privadas e do terceiro setor, visando a uma maior inclusão digital em todo o mundo.” (Barbosa, 2007,p: 77)

5 Internet

A evolução da tecnologia, ao longo dos tempos, mostra que o Homem foi construindo redes de comunicação, por via terrestre, marítima e aérea. Todas estas redes contribuíram e continuam a colaborar para o desenvolvimento de estruturas sociais. A tecnologia, típica de cada época, sempre influenciou a maneira de viver da sociedade com todos os seus hábitos, sempre com o objetivo de facilitar as suas tarefas diárias. Neste sentido, a internet faz também parte das redes criadas pelo homem, ligadas ao tráfego de informação entre indivíduos. (Canavilhas & Satuf, 2015)

5.1 Um novo espaço de comunicação: A Internet

Inicialmente a internet, não surgiu como um sistema de comunicação; teve a sua origem na evolução da ARPANET, que nasceu em 1969, com o objetivo de instituições científicas e militares, partilharem informações entre si, guardadas em computadores. O desenvolvimento da interatividade da referida rede e o alargamento do acesso à mesma deram azo à criação de novas formas de propagação de dados que, ao longo do tempo, foram sendo apropriadas às crescentes necessidades de comunicação, como o aumento da banda larga, por exemplo, para que o envio de informação fosse mais rápido e com uma maior capacidade. (Gomes, 2009) Nos anos oitenta do século XX, com a uniformização das formas de comunicação na rede, surge, então, a internet. Nesta altura, engenheiros do *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire* (CERN), Robert Cailliau e Tim Berners-Lee, criaram a World Wide Web (WWW). (Almeida, 2005) É importante salientar que internet e a WWW não têm o mesmo significado. A internet é uma rede global de computadores todos ligados entre si, enquanto a WWW corresponde a uma ferramenta para aceder à mesma. Historicamente, esta versão da Internet é geralmente conhecida como web 1.0, caracterizada por conteúdo mais estático. O desenvolvimento da Internet proporcionou a sua adaptação aos novos meios de utilização, surgindo assim a web 2.0. caracterizada por ser mais interativa, permitindo aos utilizadores serem também produtores de informação. A web 2.0 distingue-se da web 1.0, pela sua organização, utilização e transparência.

Quando a internet surgiu era necessário possuir um computador ligado, fisicamente, a esta rede para poder comunicar e pesquisar informação na mesma. Ao longo da sua evolução, não só se tornou possível ter acesso através do computador, como também através de outros dispositivos, como telemóveis (*smartphones*), por exemplo.

Em Portugal a Internet começou a ser utilizada a partir de 1980, primeiramente nas universidades e em algumas empresas. Em 1991, a sua utilização difunde-se por todas as universidades, tornando-se, assim, as primeiras responsáveis pela sua disseminação no nosso país. Em 1994, o aparecimento do ISP (*Internet Service Provider*) popularizou a utilização da internet. No ano a seguir, 1995, os meios de comunicação social passaram a ver a utilidade no uso da internet. (Almeida, 2005) Nos últimos anos, as formas de aceder à internet têm sofrido transformações significativas em curtos espaços de tempo. Os computadores de mesa rapidamente evoluíram para os computadores portáteis e, nos últimos anos, surgiram os *tablets* e os *smartphones*. (Canavilhas & Satuf, 2015)

A utilização de novos aparelhos para aceder a internet veio modificar os hábitos dos indivíduos de consultarem informação. (Canavilhas & Satuf, 2015) A época em que a informação era um bem escasso e de difícil acesso faz parte do passado. No entanto, é importante ter em conta que continua a ser um bem que não se encontra ao acesso de todos os indivíduos, devido às características do meio onde vivem, por exemplo, aos países subdesenvolvidos.

Segundo o site PORDATA, em Portugal, no ano de 2016, 74% da população possui ligação à internet em casa.

Serrano (2010) refere que as quatro últimas gerações de utilizadores da internet se apresentam da seguinte maneira: “os *baby boomers*, nascidos entre 1946 e 1964, a geração X, nascida entre 1960 e 1980, a geração Y, nascida entre 1980 e 2000 e, por último, a geração Z, nascida entre 1990 e 2000...” (Veras Neto & Vieira Dantas, [s.d.], p. 3)

Estas novas gerações vivem rodeadas de meios digitais, leem e veem menos notícias, são pouco informadas relativamente ao que se passa no mundo, gostam de fazer várias atividades ao mesmo tempo na web, enquanto consultam notícias; são grandes admiradores da interatividade nos média, mostrando assim mais interesse e “ (...) preferindo o varrimento visual rápido das páginas, pois estão aptos a processar simultaneamente múltiplas informações de origem diversa.” (Barbosa, 2007, p. 94)

Atualmente os profissionais da web encontram-se a produzir plataformas em vez de conteúdos. Estes são agora criados pelos utilizadores da internet, nestas mesmas plataformas, tais como Facebook, Youtube, Wikipédia, entre outros. (Alejandro. 2010) Os indivíduos rapidamente se adaptaram a esta nova realidade e às mudanças trazidas pela mesma. Em poucos anos, presenciaram-se várias modificações na sociedade, tais como a interação entre as pessoas, modificações em diversas profissões, mudança de hábitos no quotidiano.

A evolução da internet tem trazido transformações ao jornalismo e este tem vindo adaptar-se simultaneamente à evolução da mesma. Inicialmente presenciou-se um jornalismo

“estático”, na época da web 1.0, que rapidamente mudou de configuração com a introdução da web 2.0. Muitos jornalistas migraram para este novo média, na década de 1990 quando se deu o *boom* da internet. (Pena, 2007) Segundo Barbosa (2007), “as profissões jornalísticas, ligadas à produção de conteúdo noticioso difundido por meios de comunicação de massas, sempre estiveram sujeitas a velozes mutações tecnológicas.” (p. 88) A internet interage com o jornalismo de diversas formas, é uma fonte de informação, um meio de publicação e comunicação.

“Como uma das tecnologias com a mais rápida adoção de sempre, a Internet desempenha um importante papel no jornalismo. Mudanças ocorreram na década de 90 do século passado nas redações, tanto ao nível dos profissionais envolvidos como na própria cultura (Deuze, 2003).” (Jerónimo, 2015, p. 37)

Desde 1995, em Portugal, tem aumentado o número de órgãos de comunicação social portugueses na internet. Os primeiros órgãos jornalísticos portugueses com páginas na web têm vindo a crescer desde essa data “ (...) a altura em que os primeiros diários generalistas de expansão nacional começaram a actualizar, diariamente, o respectivo noticiário *online* (...).” (Bastos, 2000, p. 149)

É importante, assim, tomar conhecimento e perceber a relação dos jornalistas com este novo meio, ou seja, que importância lhe dão quanto à sua utilização e qual a sua predisposição para aprofundar conhecimentos sobre o manuseamento da internet.

5.2 Impacto da Internet no Jornalismo:

5.2.1 Jornalismo Profissional

A internet teve um impacto importante nas profissões ligadas à área da comunicação, nomeadamente no Jornalismo, onde é uma fonte de informação e um meio para publicar. Neste contexto, é importante perceber a relação dos jornalistas com as novas tecnologias.

De acordo com o estudo *O jornalismo Hoje. Uma análise de 14 redacções de TV, Rádio e Jornais* de Cardoso, et al. (2006) 90% dos jornalistas inquiridos, admitiram não possuir qualquer tipo de formação para utilizar internet, baseando-se na autoaprendizagem.

“Em média, dois em cada três jornalistas com formação para utilização da Internet procuraram-na por iniciativa própria, tendo apenas um frequentado essa formação por iniciativa do seu empregador.” (Cardoso, et al., 2006, p. 143)

Os profissionais com menor escolaridade têm tendência a frequentar formação para aprender a utilizar internet. Relativamente à conceção de sites e webjornalismo, os jornalistas de rádio e de imprensa têm uma formação mais fortalecida, nestas áreas. (Cardoso, et al., 2006)

“A complexidade da formação adquirida por iniciativa do empregador é, regra geral, inferior à procurada por iniciativa do jornalista, o que parece configurar um quadro de investimento mínimo dos média nesta competência, sendo o seu aprofundamento procurado sobretudo pelo jornalista.” (Cardoso, et al., 2006, p. 144)

Não se verifica apenas num estudo isolado que os jornalistas se preocupam em saber mais sobre as novas tecnologias. No estudo *Journalism in the age of social media (2010)* constatou-se que mais de 100 entrevistados confessaram que aprender novos hábitos ligados ao mundo digital tornou-se uma obrigação. (Alejandro, 2010)

A realidade jornalística mudou e está em constante mudança. Os jornalistas têm de dominar, agora, áreas distintas e enfrentar novas rotinas. Estes estão a mudar os seus hábitos de trabalho; para além do domínio da escrita, têm de dominar também os sistemas tecnológicos. No entanto, é difícil que os jornalistas dominem todas estas áreas sendo, por isso, importante que se especializem numa determinada vertente ou fase do jornalismo. (Van Der Haak, Parks & Castells, 2012)

O Jornalismo foi expandindo o seu espaço de comunicação e difusão. No final década de 80, as edições eletrónicas já se tinham propagado a nível global, os jornais começaram a utilizar os sistemas informáticos, que lhe permitiram trabalhar de modo mais rápido. (Jerónimo, 2015)

Agora, tornou-se indispensável à rotina de produção jornalística o uso de computador e internet. Não existe órgão de comunicação social que não recorra ao computador, com ligação à internet, quer seja para pesquisar informação quer para contactos via email ou chamadas telefónicas. (Barbosa, 2007) Têm-se vindo a verificar alterações ao longo do tempo na atividade dos jornalistas, a rotina de produção foi alterada, alterando-se ou eliminando-se técnicas. (Gradim, 2000)

A internet funciona, igualmente, como um arquivo de informação, podendo também servir como fonte de inspiração.

Para os jornalistas e editores, a internet é um recurso que minimiza o tempo na execução do trabalho. Uma das grandes vantagens para os profissionais da comunicação social é a facilidade de pesquisa de informação, economizando tempo. Apesar disto, a web não substitui as ferramentas tradicionais dos jornalistas, mas é um poderoso recurso para os

profissionais procurarem ideias para novas notícias/reportagens, como também pesquisar temáticas relevantes para a elaboração de novos artigos. (Gomes, 2009) Não só é útil para a escrita de notícias como também é uma nova forma de estabelecer contactos. Relativamente ao contacto entre jornalistas, o telefónico continua ser o mais utilizado, porém a comunicação via email tornou-se imprescindível, “ (...) podem indicar mutuamente quais as informações que são de maior interesse ou relevância para os seus objetivos individuais.” (Traquina, 2010, p.235) Torna possível o contacto entre os jornalistas, de forma mais facilitada e rápida, contribuindo, ainda, para a troca de ideias e informações. (Traquina, 2010) Não se tem mostrado útil apenas para contacto entre os profissionais, mas também para procurar novos dados informativos. Por este motivo, os jornalistas consideram que o correio eletrónico é uma ferramenta cada vez mais decisiva nas redações, pelo facto de permitirem o contacto com fontes diversificadas de informação. (Gomes, 2009)

Para além da presença do jornalismo nos meios tradicionais, e da recorrência à internet para pesquisar informação e estabelecer contactos, o jornalismo também se expandiu na internet e deu origem a um novo conceito - o webjornalismo. (Barbosa, 2007)

O desenvolvimento da internet transformou para sempre o jornalismo. Entre muitas outras transformações realça-se o surgimento das versões *online* dos meios tradicionais, como também o nascimento de versões somente existentes na web. (Canavilhas, 2014) No contexto social, a internet registou um grande crescimento que se refletiu na junção dos média já existentes num só meio digitalizado, ligado à multimédia e à hipertextualidade. (Gomes, 2009)

A internet tornou-se um meio de comunicação com a vantagem de permitir a todos os indivíduos a sua utilização, levando a que se modificasse, tanto o processo de comunicação, como a relação das empresas com os cidadãos.

O modelo de comunicação alterou-se, deixou de ser uma comunicação “vertical, de um para muitos, e passa a ser horizontal, de muitos para muitos.” (Jerónimo, 2015, p. 474)

“Os jornalistas começam a perder protagonismo no espaço mediático, com o aparecimento dos utilizadores-produtores. Se até então eram os primeiros que tinham redes de fontes, contactos e acessos privilegiados, os segundos começaram a ocupar parte desse espaço, sobretudo nos blogues e nas redes sociais. O aparecimento e massificação dos dispositivos móveis vieram potenciar essas possibilidades. Mais ou menos alheios ou resistentes a estas implicações tecnológicas e sociais, tem estado a maioria da imprensa regional e os seus profissionais.” (Jerónimo, 2015, p. 474)

O conceito de emissor e recetor sofreu alterações, os média ganharam mais importância devido ao processo de globalização da informação. A distância, quer temporal

quer espacial, foi “quebrada” entre países, mesmo os que se encontram em desenvolvimento, trazendo consigo aspetos positivos e negativos. Quanto aos aspetos positivos, a informação encontra-se hoje mais democratizada devido à internet, qualquer pessoa tendo acesso a esta rede pode usufruir de uma panóplia de serviços “ (...) como correio eletrónico acesso livre ou autorizado da informação em diversos formatos digitais e transferência de arquivos.” (Melani Rocha & Sousa, 2008, p. 153) Apesar de todas estas vantagens, a informação que circula em rede tem-se expandido de forma desordenada; uma determinada mensagem quando emitida não é interpretada da mesma maneira entre os recetores pois existem diferenças culturais complexas entre eles.

O número de leitores de determinado órgão de comunicação social é, agora, muito maior, pois para além de terem acesso ao conteúdo nos meios tradicionais, têm, também, a possibilidade de os visualizar na internet, com a diferença de que estes estão visíveis e acessíveis em qualquer parte do mundo, o que provocou alterações na relação entre jornalista e leitor. A presença dos jornais na internet mudou os hábitos de consumo da informação. (Canavilhas, 2007)

O conteúdo jornalístico escrito, convive agora com som, imagem, vídeo, e ligações diretas a bases de dados. (Graça, 2007) O facto de as notícias já não ficarem apenas pelo formato de texto, devido à introdução da imagem, levou a que os utilizadores ganhassem também mais interesse pelo conteúdo visual. O uso da multimédia permitiu que as notícias se tornassem interativas.

Quanto às fotografias, na primeira fase do webjornalismo, era notória, a falta de referências relativamente às imagens utilizadas. A internet não permitia a fácil difusão de imagens devido à baixa velocidade da rede. Nesta época, o fotojornalismo era pouco abordado, devido ao facto de as imagens fotográficas existentes serem poucas. Por seu lado, a digitalização da informação e o desenvolvimento das redes de comunicação, permitiram que a fotografia jornalística se libertasse das barreiras impostas pelo texto escrito jornalístico, isto é, as imagens não estavam restritas a determinado espaço físico, visto que na internet o espaço é praticamente ilimitado. (Barbosa, 2007) Passado algum tempo, com o aparecimento do vídeo, o interesse pela infografia diminuiu. Na atualidade, os meios digitais já não apostam somente num formato, mas sim em vários que operam de forma integrada. (Canavilhas, 2014)

Tem-se verificado que as notícias produzidas em formato de vídeo têm obtido mais interesse do que as notícias somente em texto. A literacia visual é cada vez mais importante no jornalismo, para uma melhor compreensão dos factos. (Van Der Haak, Parks & Castells, 2012) As notícias multimédia diferenciam-se dos outros meios, pois na internet é possível compilar imagem, som e vídeo. Distinguem-se, assim, pela sua diversidade (Filgado & Serra,

2003), oferecendo novas funcionalidades, tais como, o controlo por parte do utilizador e a interatividade. (Zamith, 2008) A interatividade é uma das características mais significativas da internet. Esta transformou o contacto entre jornalistas e leitores, o conteúdo que estes partilham contribuiu para perceber as formas que o jornalismo da atualidade adota. (Canavilhas, 2014) A interatividade, característica da internet, permite que os leitores participem no processo de informar. (Filgado & Serra, 2003) O jornalismo já não se fixa apenas em ser transmitido num único formato, mas em vários e com uma rapidez de disseminação que, antes da web 2.0, não era possível. Os jornalistas agora são obrigados a trabalhar com várias plataformas (televisão, imprensa, rádio e Internet) e com muito mais rapidez. (Alejandro, 2010) Nos primórdios do jornalismo na internet, a presença dos utilizadores não era tão notória, estes apareciam “ (...) semiescondidos nas cartas de leitores ou nalgum fórum desvinculado das notícias. (...)” (Canavilhas, 2014, p. 64)

As notícias difundidas na televisão encontram-se, mais tarde, também publicadas na internet, criando-se assim um arquivo digital acessível a nível mundial. Os utilizadores têm liberdade para pesquisar informações fornecidas pelos jornalistas. (Van Der Haak, Parks & Castells, 2012) Os jornais alargaram, deste modo, o seu espaço comunicacional e, conseqüentemente, alcançaram um tipo de público mais diversificado, nos meios tradicionais e nos novos meios. Na internet, estes estão presentes não só em *websites* como também têm marcado a sua presença nas redes sociais *online*. Os leitores podem agora comentar, dar a sua opinião sobre determinada notícia, bem como subscrever determinado órgão de comunicação social e seguir todas as notícias, rigorosamente.

Os anos de 2006 e 2009 marcam dois pontos de viragem no jornalismo. Em 2006, surgem os comentários abaixo das notícias, os canais de reportagem cidadã e os blogues; em 2009, começam-se a utilizar as redes sociais no campo jornalístico. Os leitores tornam-se cada vez mais visíveis e presentes. Cada vez é mais habitual, os indivíduos visualizarem notícias através das aplicações das redes sociais como o Facebook e o Twitter. Nestes contextos, não só os jornais partilham as suas notícias, como estas vão sendo partilhadas entre os seus utilizadores/leitores à medida que vão surgindo. (Canavilhas, 2014) Agora consultá-las tornou-se mais fácil e os leitores tornaram-se mais independentes neste aspeto, pois podem informar-se a qualquer altura do dia. Já não é necessário esperar pela nova edição do dia seguinte para estar a par das notícias. Saber o ocorreu ou está a ocorrer no mundo é cada vez mais fácil e rápido; outrora a televisão, que era a principal fonte para visualizar notícias respeitando um determinado horário e alinhamento das mesmas, veio sendo substituída pela internet. (Jerónimo, 2015) As modificações provocadas pelo avanço da tecnologia na indústria de notícias, não devem ser vistas como um ponto negativo para os meios de

comunicação tradicionais, mas sim um complemento. (Alejandro, 2010) O jornalismo irá continuar em constante mudança, não existindo forma de evitar que este se altere consoante a opinião de cada profissional perante a mesma; ter-se-á de tentar tirar o maior partido das alterações que vão surgindo.

Hoje em dia, a internet possibilita que os fotojornalistas partilhem e divulguem o seu trabalho; é, assim, uma forma destes comunicarem, com a vantagem de poderem a vir a alcançar uma grande audiência. Por exemplo, no que toca ao fotojornalismo, a internet permite também que os profissionais divulguem e mostrem o seu trabalho de forma independente, tanto a nível nacional como internacional. Porém, ainda são poucos os fotojornalistas que recorrem à utilização de redes sociais direcionadas para a sua área profissional. (Guerrero Garcia, 2015)

A interatividade proporcionada pela internet deu azo a que qualquer pessoa possa pesquisar informação de qualquer natureza, como também ser criadora de nova informação. Em contexto jornalístico, podem não só produzir conteúdo, como expressar a sua visão perante as notícias divulgadas na internet, o que, por sua vez, torna a relação entre jornalistas e leitores mais próxima. A era digital trouxe a possibilidade de existirem diversas versões relativamente à mesma história, as notícias encontram-se em diversas plataformas (Twitter, Facebook, entre outras) com diferentes perspetivas, dificultando aos jornalistas manter, cada vez mais, a objetividade. Para os leitores, torna-se cada vez mais fácil comparar e verificar diferenças entre diversas histórias e fotografias relativas ao mesmo facto, dando oportunidade a todos os indivíduos de se expressarem. (Van Der Haak Parks & Castells, 2012) Com a internet a cumprir a promessa de estabelecer a ligação entre os cidadãos do mundo, as organizações dos média já não possuem o controlo total sobre o jornalismo. (Alejandro, 2010)

A facilidade de criar conteúdo levou ao nascimento de um novo tipo de jornalismo que se afasta da área profissional – o jornalismo amador. A evolução da internet favoreceu o desenvolvimento do jornalismo cidadão “ (...) e a sua expressão em formatos especificamente gerados para a Internet (...) ”, dada a sua velocidade e facilidade de utilização. (Barbosa, 2007, p. 65)

O conceito de jornalismo cidadão irá ser abordado em profundidade no próximo subcapítulo, onde será analisado, não só na vertente jornalística como também fotojornalística. A entrada dos cidadãos no mundo do jornalismo, sem que os profissionais possam controlar a sua participação e o conteúdo que estes criam e divulgam, representa também uma mudança fulcral, pois exige uma redobrada atenção dos profissionais.

5.2.2 Jornalismo Cidadão

No subcapítulo anterior foram mencionadas as principais modificações que o advento da internet trouxe à área do jornalismo, sendo uma delas o jornalismo cidadão. Neste capítulo será definido este conceito e serão referidas as suas particularidades de modo a compreender-se este mundo amador ligado à produção de informação, paralelo ao jornalismo profissional.

“O conceito de “Jornalismo Cidadão” é muito mais controverso porque adjudica diretamente a atividade jornalística a pessoas não profissionais. Refere-se a um tipo de participação mais específica na qual os utilizadores reconhecem e enviam uma notícia original à redação e, em alguns casos, publicam-na diretamente.” (Canavilhas, 2014, p. 71)

O jornalismo cidadão, também designado por jornalismo participativo, difere do jornalismo profissional: o jornalismo participativo é característico de comunidades ligadas entre si através da internet, enquanto o profissional é praticado por organizações/empresas, ligadas a uma atividade comercial. (Correia, 2012) Poder-se-á associar o conceito de jornalismo participativo apenas ao jornalismo que se desenvolveu por meio da internet. No entanto, antes do aparecimento da internet, este já existia. Os cidadãos sempre tiveram interesse em participar, embora em outros formatos (carta, telefone, ...). A função de jornalista e a função de leitor eram bem demarcadas: o jornalista tinha de informar e produzir as notícias, enquanto o leitor tinha de dar a sua opinião relativamente ao que era publicado. Esta regra era apenas quebrada quando um leitor enviava uma fotografia de um determinado acontecimento de importância jornalística. (Barbosa, 2007)

“Esta participação do cidadão no “fazer” jornalístico não é algo novo. A novidade encontra-se justamente na superação das barreiras tecnológicas para a participação dos usuários no processo de produção da notícia (LOPEZ, 2007).” (Barone Junior, 2016, p. 43)

Assim, este não é um fenómeno recente, tendo sido as circunstâncias favorecidas pela internet aquelas que contribuíram para que se tornasse mais significativo. Existe, agora, uma facilidade de acesso no que concerne à produção, partilha e publicação de informação por parte dos leitores. (Moreira Aroso, 2013) O desenvolvimento do jornalismo produzido pelos cidadãos, está intimamente ligado à evolução da internet, contudo a “ (...) pequena presença do assunto na literatura especializada sobre jornalismo, antes e depois das redes, a utilização em jornais e revistas impressos de fotos produzidas por cidadãos, sejam eles fotógrafos

profissionais ou amadores, não é fato novo.” (Barbosa, 2007, p. 65) Desde que a fotografia se popularizou, entre os séculos XIX e XX, os leitores enviavam para os jornais e revistas impressos, fotografias de diversos fenómenos de interesse jornalístico (desastres naturais, acidentes, personalidades difíceis de serem fotografadas). Relativamente à produção de textos, a liberdade de produção era menor visto que o espaço disponível nos jornais era muito limitado, sendo, geralmente, destinada apenas uma página para a opinião dos leitores. (Barbosa, 2007)

Bowman & Willis, referidos por Canavilhas (2014), entendiam o jornalismo participativo como “o ato de um cidadão ou grupo de cidadãos que desempenham um papel ativo no processo de recolher, informar, analisar e disseminar informação.” (p.70)

Naturalmente que o conteúdo gerado por amadores não se limita a apenas a conteúdo escrito, mas também visual. O cidadão jornalista pode também ser uma testemunha, enviando uma fotografia/vídeo de algum acontecimento que presenciou, fazendo chegar informação à população que, de outro modo, dificilmente seria alcançada, abordando assuntos que, de outra forma, não estariam presentes na esfera mediática. (Marques, 2008) Geralmente, as pessoas que recolhem imagens não têm noção do seu valor. Por vezes, não entram logo em contacto com os órgãos de comunicação social, mas preocupam-se em partilhar o conteúdo na web com familiares e amigos. (Wardle & Dubberley, 2014) Pode afirmar-se, assim, segundo o que foi referido supra, a participação dos cidadãos é um pouco inconsciente, pois estes têm a primeira preocupação de partilhar com a sua comunidade nas redes sociais. No entanto, não deixa de ser um contributo importante no processo comunicativo dos média A evolução da fotografia criou a necessidade de gravar por meio da imagem o que nos rodeia, funcionando como uma memória adicional.

Na internet, inicialmente a fotografia servia para ilustrar, tendo apenas o objetivo de captar atenção do leitor, utilizando-se por vezes imagens já existentes. Entretanto esta ideia caiu em desuso, e as fotografias ganharam importância quer fossem para fins jornalísticos ou não. (Barbosa, 2007)

O desenvolvimento dos *smartphones* e dos *tablets* aumentou os acessos à internet, o que provocou hábitos de consumo informativos. (Jenónimo, 2015) O consumo de notícias modificou-se com o desenvolvimento dos meios digitais e tecnologias móveis. Os meios tradicionais já não são a única forma de ter acesso às notícias. (Holton, Coddington & Gil de Zúñiga, 2013)

Na internet existem várias ferramentas que permitem que se crie informação de forma fácil, rápida e gratuita, quer seja em formato de texto quer visual. Os blogues e as redes sociais assumem umas das principais formas de publicar notícias pelos utilizadores, e são

cada vez mais uma fonte de notícias. Alguns investigadores consideram que os jornalistas cidadãos desempenham um papel activo na análise e distribuição tanto de informações como de notícias. (Holton, Coddington & Gil de Zúñiga, 2013)

Com o aparecimento das redes sociais *online* (Facebook, Youtube, Twitter, ...), e dos blogues, os leitores passaram a poder exercer o mesmo domínio sobre a informação. Agora, são os utilizadores que decidem qual a informação que lhes é útil, relevante e noticiável, passou-se de uma lógica de massificação, para uma lógica de personalização. (Jerónimo, 2015) Muitos autores defendem que os blogues são os principais responsáveis pela transformação na forma de informar e comunicar, inicialmente utilizados como diários *online*, indo ganhando diversos significados, ao longo do tempo. (Correia, 2012)

O aliado desenvolvimento das redes sociais na internet e dos aparelhos tecnológicos, como é o caso do telemóvel e das máquinas fotográficas, levaram a que os cidadãos estivessem mais atentos ao que se passa em seu redor, criando-se também a necessidade de pesquisa e partilha de nova informação. Com a utilização de telemóveis, de câmaras e da internet, qualquer indivíduo se pode tornar um repórter. (Correia, 2012)

Na década de 80, surgiu o telemóvel, verificando-se que, comparativamente com a internet, a adesão por parte da população foi mais lenta mas, rapidamente, a partir de 1990, se massificou. Quando estes surgiram, devido ao facto de o seu custo ser elevado, era um produto que não estava ao alcance de todos, mas agregado à massificação do computador e da internet os telemóveis também se generalizaram. (Santos, 2010) A evolução deste meio de comunicação (com câmaras incorporadas, o acesso fácil à internet, a facilidade de utilização das redes sociais) e consequente descida de preço fez com que milhares de pessoas pudessem adquirir o referido aparelho, tirar fotografias e partilhá-las num curto espaço de tempo na internet, fazendo com que os fotógrafos profissionais perdessem alguma relevância, em comparação com a que tinham antigamente. (Lavín de las Heras & Pieretti, 2015) Os telemóveis já não se fixam apenas numa função, acumulando várias funções: máquina fotográfica, câmara de vídeo, leitor de vídeo e de música, rádio, email, mensagens escritas e multimédia, GPS, e outras aplicações. (Zambujal, 2010) A utilização do telemóvel trouxe contributos e mudanças também ao fotojornalismo, como por exemplo, o caso do fotógrafo Peter Di Campo que realizou um projeto em África, que consistia em fotografar a vida quotidiana da classe média. Captou fotografias através de um telemóvel, em vez de usar uma câmara fotográfica. Conseguiu adquirir fotografias diferentes das que costumam ser publicadas, mostrando um outro lado da vida, fugindo às cenas de conflitos e violência. (Lavín de las Heras & Pieretti, 2015) A publicação de fotografias por cidadãos marcou a história do fotojornalismo.

Em 2010 surgiu a aplicação *Instagram*, que tem cerca de 150 milhões de utilizadores. Ela possibilita aos seus utilizadores a edição de fotografias utilizando filtros (cores vintage, efeitos Polaroid, ...). Esta aplicação transformou os utilizadores de telemóveis em eventuais fotógrafos amadores, pois podem agora capturar qualquer imagem, em qualquer momento. No entanto, há quem critique os efeitos que esta aplicação permite utilizar nas fotografias, pois ao serem utilizadas estão a manipular a fotografia. (Lavín de las Heras & Pieretti, 2015)

Nos dias de hoje, a manipulação de imagens é das questões mais relevantes no fotojornalismo, a tecnologia da imagem digital é cada vez mais utilizada, alterando assim “ (...) os processos de geração de sentidos e a construção social da realidade.” (Sousa, 1998, p. 207) Os cidadãos ao terem acesso aos aparelhos de criação de imagens começaram a conhecer e a perceber como é que estas alterações se processam, o que, de certo modo, veio ajudar a que estes possam ter a possibilidade de avaliar se uma determinada imagem é verdadeira ou não. A experiência, educação e cultura, levaram os indivíduos a sentir desconfiança perante as fotografias, questionando se estas serão ou não representações verdadeiras da realidade. Contudo, as modificações feitas nas imagens fotográficas acabam por ser reveladas por especialistas ou até mesmo por pessoas que não estão ligadas à área da imagem. (Sousa, 1998)

Tal como os profissionais ao recolherem e utilizarem imagens que não foram criadas pelos próprios, também os fotógrafos amadores devem mencionar sempre a sua fonte, procurando também não alterar a mesma. A edição das imagens recolhidas, não pode alterar o seu significado, isto é, podem realizar-se alterações na luminosidade e tonalidade da cor, mas tendo sempre em atenção a mensagem que se quer passar não manipulando as mesmas. Salienta-se que o código deontológico dos jornalistas indica que estes devem mencionar de onde retiraram a informação, portanto indicar o nome do jornalista cidadão que a recolheu. (Marques, 2008)

As fotografias, quando não são produzidas em contexto profissional, requerem uma atenção acrescida na hora de as utilizar como fonte de informação. Por isso, têm-se também tentado criar mecanismos que avaliem a sua veracidade. Segundo o site *Global Citizen*, por vezes é difícil confirmar se determinada fotografia é verdadeira ou manipulada. Como tal, têm surgido também empresas (*Storyful*, por exemplo) para avaliar a autenticidade do conteúdo elaborado por cidadãos. (Guerrero Garcia, 2015)

“This uncertainty has favored the appearance of new companies focused on verifying citizen content, such as Storyful. In 2014, this citizen news agency went into partnership with

Facebook to create FBNewswire, another news agency that verifies and shares content that individuals and organizations publish on Facebook.” (Guerrero Garcia, 2015, p.38)

No processo de verificação, as fotografias e vídeos amadores são a maior fonte de problemas devido à dificuldade em saber quem as produziu e se houve permissão para a sua publicação. (Pantti & Sirén, 2015) A verificação da informação é um assunto polémico para os meios de comunicação social.

Têm então sido criados mecanismos para verificar a veracidade da informação, como por exemplo: o “Verification Handbook” de Silverman (2014) publicado pelo *the European Journalism Centre* que fornece linhas orientadoras para a verificação e utilização de conteúdo amador; o desenvolvimento de “tecnologias de verificação”, como as referidas por Bruno (2011) e Schifferes et al. (2014), que consistem, por exemplo, em aplicações gratuitas para telemóveis que registam data, hora e local onde foram captadas as imagens com vista a ajudar na validação do conteúdo gerado pelos cidadãos; e um modelo de negócio que verifica o conteúdo gerado pelos seus utilizadores. (Pantti & Sirén, 2015) É essencial entender de que modo os jornalistas procedem à verificação de imagens criadas pelos utilizadores.

A busca da verdade começa com a verificação dos factos, no entanto, continua a ser uma tarefa complicada para o jornalismo. (Pantti & Sirén, 2015) Verifica-se um desequilíbrio entre a abundância de recursos e a falta de meios para verificar o conteúdo, contudo os novos métodos de verificação de conteúdo, têm-se mostrado úteis, para a verificação dos factos no jornalismo. A precisão da informação é fundamental, pois é o que distingue os jornalistas dos outros comunicadores. (Pantti & Sirén, 2015) Como já foi referido, o jornalismo praticado nos primórdios da internet, era maioritariamente feito à base de textos; à medida que a internet e as fotografias tornaram mais fáceis o trabalho, o jornalismo passou adotar cada vez mais conteúdo visual.

Os jornalistas perderam a função de serem os únicos, a decidir que conteúdo é publicado. O facto de começar a existir informação *online* produzida por cidadãos, tem levado os jornalistas a pesquisar informação produzida pelos mesmos, acabando por funcionar, assim, como uma fonte de informação. A crescente utilização de telemóveis, câmaras fotográficas e acesso à internet, fez com que os meios de comunicação procurassem conteúdo informativo cada vez que ocorre um determinado acontecimento, conteúdo este que, por vezes, utilizam sem autorização dos autores. (Lavín de las Heras & Pieretti, 2015)

Gordon (2007) afirma que o telemóvel é um meio relevante, em momentos críticos, para documentar e reportar acontecimentos de testemunhas envolvidas em determinado acontecimento. (Zambujal, 2010) Os meios de comunicação tradicionais também têm aproveitado esta mudança a seu favor, ao procurarem, por exemplo, material informativo

gratuito, num curto espaço de tempo, nas redes sociais. (Lavín de las Heras & Pieretti, 2015) As fotografias digitais, no início estavam condicionadas à velocidade de transmissão de dados da internet, problema que começou a resolver-se com o aparecimento e desenvolvimento da banda larga. (Barbosa, 2007)

A opinião de Irala (2011), presente no artigo *Fotoperiodismo Con El Móvil: ¿El Fin O Reinvencción De Los Fotógrafos De Prensa?* de Eva Lavín de las Heras & Dr. Max Römer Pieretti (2015), apresenta uma atitude positiva em relação à internet, pois considera que esta se mostra útil para a divulgação da publicação e difusão de trabalhos fotográficos.

O trabalho dos profissionais não se pode comparar ao trabalho dos jornalistas cidadãos; um indivíduo pode captar por acaso um acontecimento importante, mas será sempre necessário haver profissionais para captarem, com qualidade, todos os acontecimentos com grande impacto social.

Como já foi mencionado acima, a Web 2.0 contribuiu bastante para o desenvolvimento do fotojornalismo cidadão, mas antes desta época este já existia. Como exemplo deste facto, pode referir-se o ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos da América, em que foi mais valorizada a autenticidade das fotografias do que quem as produziu. (Guerrero Garcia, 2015)

O Jornalismo Cidadão afirmou-se de maneira diferente dependendo de cada época, indo-se modificando ao longo do tempo com o desenvolvimento dos meios tecnológicos. Já não é preciso o auxílio de um órgão de comunicação social oficial para estes poderem partilhar os seus pontos de vista, opiniões e informações, na internet, podendo fazê-lo de forma autónoma.

Encontramo-nos a assistir ao aparecimento de novas práticas e ferramentas, estando o jornalismo a sofrer transformações no modo como é produzido, propagado e aproveitado. Os jornalistas trabalham em ambiente digital, o que lhes proporciona uma série de oportunidades, destacando-se: um maior *feedback* por parte do público; mais indivíduos a lerem notícias; surgimento de várias perspetivas relativamente aos mesmos assuntos; mais notícias disponíveis durante um período maior de tempo. (Van Der Haak, Parks & Castells, 2012) Existe outro fenómeno que é importante referenciar: também os jornalistas profissionais utilizam os seus *smartphones* para criar conteúdo e partilhar o mesmo nas redes sociais.

Os fotojornalistas defendem que os cidadãos que contribuem com conteúdo, devem apenas ser vistos fornecedores de informação complementar. No entanto, também afirmam que a participação dos cidadãos é útil visto que, em alguns casos, são os primeiros captar as primeiras imagens dos eventos. Ainda assim não é motivo suficiente para os meios de comunicação social desvalorizarem o trabalho dos profissionais. (Guerrero García, 2015)

A existência de fotojornalistas continua a ser fundamental para a publicação de conteúdo, sobretudo nos países que sofrem de censura.

Apesar de as fotografias recolhidas por amadores não estarem de acordo com os padrões dos profissionais, são um bom testemunho. (Guerrero Garcia, 2015)

“It is impossible for the news media to have photojournalists in every corner of the planet. The more eyes capture what is happening, the more complete the truth that is reflected in the media (García, 2012).” (Guerrero Garcia, 2015, p. 37)

Apesar de existirem cidadãos que contribuem para os conteúdos jornalísticos de forma positiva, estes não diminuem a importância dos jornalistas nas sociedades, pois são fundamentais para filtrarem a informação e ajudarem a difundir apenas o conteúdo relevante. Por seu lado, Gilmou (2014) refere que existem cidadãos melhor informados que alguns jornalistas. Apesar de não terem formação na área em questão, podem, por vezes, conter mais informação e conhecimento sobre determinada temática. Nestes casos, combina-se o fácil acesso a todo o tipo de informações sobre os mais variados temas com a participação dos cidadãos nos mesmos em contexto jornalístico, caso ocorram, é claro, acontecimentos dentro das áreas de interesse dos mesmos.

O jornalismo cidadão em Portugal, começou a ser mais representativo quando, em 2005, surgiu uma notícia falsa em que como 500 jovens negros teriam invadido uma praia de Carcavelos. (Marques, 2008)

“Começou, a meu ver, com o “pseudo-arrastão” ocorrido na praia de Carcavelos em 2005, mas já apresenta algumas contribuições notórias, sobretudo no caso do nevão (ocorrido em Lisboa no ano de 2006), e das cheias de Lisboa que aconteceram no início deste ano. Nestes acontecimentos, a participação do cidadão jornalista fez-se notar através dos vídeos, fotos e textos que foram enviados para as redacções.” (Marques, 2008, p. 25)

Não só os profissionais colaboraram para este equívoco, como também a população e a polícia. (Marques, 2008) Este erro, segundo a opinião do autor de “*O Cidadão Jornalista: Realidade ou Ficção?*” (2008), deveu-se ao facto da comunicação social portuguesa não apurar a veracidade das imagens criadas pelos cidadãos jornalistas, como também o facto de contribuírem para a divulgação de uma notícia falsa. (Marques, 2008) Este exemplo mostra o quão é importante que os jornalistas confirmem os factos difundidos pelos cidadãos que, neste caso, levou à difusão de uma notícia falsa.

“ (...) Ainda hoje, em Portugal, subsiste, por vezes, a ideia de que o fotojornalismo serve essencialmente para “encher o olho” e ilustrar, o que indicia a falta de cultura fotográfica e

revela desconhecimento sobre as virtualidades informativas, interpretativas e contextualizadoras do fotojornalismo.” (Sousa, 1998, p. 58)

Os cidadãos, nem sempre têm consciência dos constrangimentos provocados por divulgar imagens fotográficas que não correspondem à realidade, não tendo noção dos problemas que poderá levantar uma informação visual falsa. Seja uma notícia escrita ou apenas com recurso a imagens, o seu impacto pode ganhar grande dimensão. A débil importância que, às vezes, se dá à fotografia publicada na internet, pode levar a fenómenos prejudiciais para a comunicação social. No entanto, é sempre fundamental que esta não cometa o erro de não apurar tais informações e não ser apenas mais um conjunto de indivíduos a difundir ficção ao invés da realidade. Casos como este levam os leitores a perderem confiança face às notícias, pondo sempre em causa a sua veracidade. É importante que a informação recolhida pelos cidadãos seja vista como credível, quando os jornalistas citam a fonte de onde recolheram determinada informação, o que ajuda também a que os cidadãos ganhem confiança pela informação. (Fidalgo & Serra, 2003)

“Têm de passar por uma primeira fase de selecção da informação, ou seja, filtrar a informação segundo alguns dos critérios que dão valor à notícia e que são usados diariamente no jornalismo, e só depois podem passar à fase de confirmação da informação, edição e publicação.” (Marques, 2008, p. 34)

Também há registo de contribuições positivas. No que toca, somente, a conteúdo audiovisual, em Portugal ficou bem patente a contribuição dos cidadãos no ano de 2008 em que ocorreram enormes cheias na área da Grande Lisboa. Os órgãos de comunicação social receberam uma grande quantidade de imagens e vídeos que ajudaram a criar um arquivo audiovisual do ocorrido. Neste caso, a ação dos cidadãos foi positiva e bastante útil. Pode, assim, afirmar-se que foi através da fotografia que se inaugurou a participação do leitor enquanto contribuidor de informação jornalística. (Marques, 2008) Antigamente, utilizar material de amadores do modo que hoje é utilizado, era impensável.

Em suma, as ferramentas que a internet disponibiliza, são fundamentais para um cidadão jornalista, pois a divulgação dos seus trabalhos depende da mesma. É um meio de fácil acesso e económico para grande parte dos cidadãos. (Marques, 2008) Apesar da contribuição dos cidadãos ser útil, é importante ter em conta que os profissionais possuem conhecimentos e material de qualidade que os distingue dos amadores e que lhes permite executar um trabalho de qualidade. Este último exemplo reflete que, por vezes, os jornalistas não têm oportunidade de captar determinados acontecimentos, vendo-se assim “obrigados” a utilizar conteúdos criados por amadores.

Pessoas que utilizaram telemóveis para capturar imagens, não podem ser substituídas por fotógrafos que com câmaras profissionais. Tanto amadores como profissionais podem publicar conteúdo, mas esse facto não significa que qualquer pessoa possa ser igualada a um fotojornalista. (Guerreiro Garcia, 2015)

“Quality is expensive, and few citizens can compete with the technical knowledge and work tools of a professional photojournalist. For example, in Daniel Pozo’s backpack there are two Nikon camera bodies (D3 and D4); several sets of lenses (20mm, 35mm, 50 mm, 85mm, 70-200mm, 300mm, 400mm, 500mm, 600mm); a WT-5 transmitter and a laptop with Photoshop and Photomechanic applications.” (Guerrero García, 2015, p. 44)

O futuro é visto como uma incerteza, todas estas mudanças mudaram a visão perante o fotojornalismo, lançando várias opiniões diferentes

No estudo “*The crisis of photojournalism: rethinking the profession in a participatory media ecosystem*” (2015), da autora Virginia Guerrero García, questionou-se o futuro do fotojornalismo nos próximos cinco anos. Chegou-se à conclusão que uns mostram uma atitude incerta perante o futuro do fotojornalismo, outros consideram que irá manter a mesma importância que tem tido até agora, um outro grupo com uma atitude mais positiva acredita que surgirá um novo fotojornalismo mais independente e com maior qualidade. (Guerrero García, 2015)

Tal como em outras profissões poderão existir autodidatas; no jornalismo a curiosidade e interesse em contribuir com informação e querer mostrá-la e partilhá-la pode ser apenas uma realidade relativamente recente, para a qual os profissionais ainda não possuem os mecanismos suficientes para estabelecer barreiras mais significativas entre o profissional e o amador. É apenas um outro lado do jornalismo, que não está sujeito a horários nem a uma estrutura de organização de notícias rígida.

“No jornalismo feito por cidadãos, verifica-se e confirma-se a veracidade da informação, escreve-se e publicam-se notícias sem a obrigação de as submeter às rotinas rígidas de produção e às estruturas organizacionais das empresas de media. O cidadão não tem a obrigação de saber fazer perguntas ou de tentar chegar mais perto da verdade, pois o que acontece hoje, é que a informação é encarada como uma mercadoria, estando sujeita às leis do mercado. Deste modo, a informação publicada pelos cidadãos não está ligada às regras morais e legais do jornalismo tradicional.” (Marques, 2008, p. 26)

O processo comunicativo e as relações interpessoais sofreram transformações profundas. Não só as empresas mudaram os seus comportamentos, como tiveram de se adaptar à presença, agora mais próxima, dos cidadãos. Permitiu que o espaço jornalístico se estendesse, abrangendo novos temas, como também motivou os leitores a serem mais do que visionários. As tecnologias de informação levaram ao surgimento desta nova forma de interação social e comunicação. Os cidadãos tornaram-se mais activos, produzem texto, som e imagem para criarem os próprios conteúdos para os seus blogues pessoais. (Marques,2008)

6. Metodologia

Este capítulo destina-se a apresentar as metodologias de investigação utilizadas para a realização desta investigação: procedimento metodológico, participantes, técnicas e instrumentos de recolha de dados.

6.1 Procedimento metodológico e tipo de estudo

Inicialmente esta investigação, como se pode constatar nos capítulos anteriores, baseou-se na leitura de livros e documentos científicos, de forma a desenvolver a fundamentação teórica relativamente ao tema em análise. Carlos Gil (2008) explica que “a leitura flutuante requer do pesquisador o contato direto e intenso com o material de campo, em que pode surgir a relação entre as hipóteses ou pressupostos iniciais, as hipóteses emergentes e as teorias relacionadas ao tema.” (p. 16) Terminada a realização do enquadramento teórico, procedeu-se à recolha de dados. Como já foi referido, o desenvolvimento deste estudo teve como principal objetivo conhecer o ponto de vista dos fotojornalistas profissionais em relação à ação dos fotógrafos amadores na internet. Para atingir esse fim, foi necessário recorrer-se a um método de investigação qualitativo, pois é o que se mostra mais apropriado. Segundo Bell (2008) “os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa, estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística. Duvidam da existência de factos «sociais» e põem em questão a abordagem «científica», quando se trata de estudar seres humanos.” (p: 20)

O tipo de estudo presente é indutivo pois, como afirma Carmo e Ferreira (1998), nos estudos indutivos os investigadores “desenvolvem conceitos e chegam à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes de recolha de dados. Não procuram informação para procurar hipóteses. A teoria é desenvolvida de “baixo para cima” (em vez de cima para baixo), tendo como base os dados que obtiveram e estão inter-relacionados.” (p. 179) O estudo indutivo é típico das ciências sociais, enquanto o estudo dedutivo está mais direcionado para as ciências ligadas à matemática e à física.

6.1.2 Participantes

De modo a dar resposta à problemática desta investigação, considerou-se que os participantes adequados seriam fotojornalistas profissionais portugueses, que se encontrassem a exercer a profissão. Características específicas, como idade, sexo, anos de serviço, entre outros, não foram fulcrais na escolha dos mesmos.

Foi realizada uma pesquisa na internet, com o propósito de encontrar fotojornalistas. Foram contactados cerca de vinte, mas apenas oito se mostraram disponíveis a participar no estudo.

6.1.3 Técnicas e Instrumentos de Recolha de dados

O instrumento utilizado para a recolha de dados foi a entrevista. Dentro dos vários tipos de entrevistas existentes – entrevista estruturada, entrevista não estruturada e semiestruturada – decidiu-se optar por efetuar entrevista semiestruturada. A entrevista semiestruturada caracteriza-se por ter um conjunto de perguntas básicas, relacionadas com o tema a tratar, podendo ser acrescentadas mais perguntas, dependendo do desenrolar da conversa entre o entrevistador e o entrevistado. Manzini (2004), explica que “ (...) a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.” (p. 2)

De acordo com Günther (2006), dentro do estudo qualitativo, uma das formas de recolha de informação, é a entrevista. Afonso (2015) define entrevista como uma “ (...) interação verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação de face a face ou por intermédio de telefone.” (p. 97) O principal objetivo da realização de entrevistas, neste cenário, é conhecer a opinião de fotojornalistas portugueses, face aos jornalistas cidadãos, produtores de fotografias direcionadas para a área do jornalismo. Moser e Kalton (1971), mencionados na obra *Como realizar um projecto de investigação* de Bell (2008), explicam que a entrevista é “uma conversa entre o entrevistador e um entrevistado que tem o objectivo de extrair determinada informação, do entrevistado.” (pp. 137-138)

Optou-se pela entrevista semiestruturada, em vez de outro instrumento, porque as entrevistas são adequadas, segundo Manzini (2004), “ (...) para buscar informações sobre opinião, concepções, expectativas, percepções sobre objetos ou fatos ou ainda para

complementar informações sobre factos ocorridos que não puderam ser observados pelo pesquisador, como acontecimentos históricos ou em pesquisa sobre história de vida, sempre lembrando que as informações coletadas são versões sobre factos ou acontecimentos.” (p: 4)

Para concretizar as entrevistas, foi criado um guião (Anexo I) que serviu de base a todas as entrevistas a realizar, podendo a ordem das questões ser alterada no decorrer da entrevista ou serem acrescentadas novas perguntas, caso seja pertinente ao tema de determinada conversa. Afonso (2005) considera que as entrevistas semiestruturadas “em geral, são conduzidas a partir de um guião que constitui o instrumento da gestão da entrevista semiestruturada. O guião deve ser construído a partir das questões de pesquisa e eixos de análise do projecto de investigação.” (p. 99)

Primeiramente, os entrevistados foram contactados via email e informados do objetivo da realização da entrevista. Posteriormente à resposta de cada participante, foi marcada a data e a hora da entrevista. Nesta fase, procedeu-se também ao pedido de autorização de captação e cedência do som (Anexo III), salvaguardando que todas a informações fornecidas seriam exclusivamente utilizadas para fins académicos, nomeadamente para compor esta dissertação. Efetuaram-se um total de 8 entrevistas. Foram realizadas via Skype ou Facebook, devido ao facto de todos os fotojornalistas residirem em diferentes locais do país. Após a conclusão de todas as entrevistas procedeu-se à análise das mesmas, com o propósito de retirar informação útil, que irá dar resposta à problemática desta investigação: “Qual a perspetiva dos fotojornalistas profissionais face ao conteúdo fotográfico, de cariz jornalístico, publicado por fotógrafos amadores, na internet?” A base deste processo de análise foca-se, sobretudo, na transcrição de cada entrevista (Anexo IV), para tornar a análise da sua informação mais clara e rigorosa. A análise às entrevistas encontram-se nas tabelas presentes no Anexo II.

“Uma centena de informações interessantes soltas não terá qualquer significado para um investigador ou para um leitor se não tiverem sido organizadas por categorias. O trabalho do investigador consiste em procurar, continuamente semelhanças e diferenças, agrupamentos, modelos e questões de importância significativa.” (Bell, 2008, p. 183)

6.2 Caracterização dos participantes

Os fotojornalistas participantes neste estudo são de nacionalidade portuguesa e encontram-se a exercer a profissão.

Numa primeira fase, tentou perceber-se quais as principais diferenças geracionais entre pré e pós fotografia digital. No entanto, a dificuldade em encontrar fotojornalistas disponíveis para realizar entrevista, tornou impossível manter este perfil.

As idades dos entrevistados são bastante divergentes, não existindo uma média das mesmas. Assim, também o tempo de serviço é variável. Quanto ao género, num total de oito entrevistados, seis são do sexo masculino e dois do sexo feminino. À data da realização das respetivas entrevistas, os fotojornalistas intervenientes nesta investigação residiam na área metropolitana de Lisboa (três), Porto (três), um em Santa Maria (Açores) e outro em Leiria. Na seguinte tabela, é apresentada uma breve caracterização dos participantes.

Tabela 6.1 – Caracterização dos Fotojornalistas Entrevistados

Fotojornalistas		
Nome	Ano de Nascimento	Ano de início de carreira
Ana Brígida	1986	2007
Pepe Brix	1984	2000
Miguel Proença	1984	2011
Daniel Rodrigues	1987	2010
Pedro Pina	1986	2008
Inês Costa Monteiro		2016
Rui Miguel Pedrosa	1984	2008
António Pedrosa	1971	1996

7. Análise dos resultados

7.1 Conceito de jornalismo cidadão

Relativamente à opinião sobre jornalismo cidadão, registaram-se diferentes formas de definir este conceito, a partir da análise das entrevistas efetuadas.

Para a fotojornalista Ana Brígida, “ (...) eventualmente eles são importantes, porque nem sempre os fotojornalistas conseguem estar a tempo e a horas nos sítios, então também, é bom quem consiga apanhar os momentos na altura certa.” Apesar da qualidade das fotografias não se comparar à dos profissionais, observa que “ (...) não deixam de ser importantes na mesma.” No entanto, existem desvantagens perante a ação dos mesmos. As fotografias acabam por ser divulgadas nos meios de comunicação social, sem se recorrer a orçamentos, o que “ (...) acaba por não ser justo, no sentido que nós depois não precisamos de ser pagos. Ou seja, o valor de mercado vai sempre baixando, porque se calhar as pessoas procuram muito mais uma pessoa qualquer que esteve lá e fotografou e que ainda por cima anda a divulgar as fotografias por todo o lado (...) ”.

Para Pepe Brix, “ (...) a remuneração (...) ” é a principal diferença entre amadores e profissionais, pois os amadores não são pagos para o fazer. Este salientou, também, que o fotojornalista amador é alguém que tem gosto pela área da fotografia: “um jornalista amador é uma pessoa que faz aquilo unicamente por gosto (...) ”; este não está “ (...) a depender disso para viver, o (...) ordenado não é aquele”, o que é, assim, uma vantagem em relação aos profissionais. O facto de não depender da fotografia para garantir a sua independência económica, e de não ter de cumprir prazos, permite que este organize o seu tempo para determinado projeto: “ (...) olhas para um determinado assunto, apaixonas-te por aquilo, queres partilhar aquela história, e vais dedicar o tempo que tu achas que tens de dedicar àquela história para partilhá-la da melhor forma possível”, explicou.

Miguel Proença define jornalista cidadão como “ (...) uma pessoa que provavelmente tem de ter alguma cultura para saber o que está a querer falar”, “ (...) este cidadão jornalista tem acesso, ou muitas vezes a locais ou a histórias que, digamos, os tradicionais não têm acesso”. Vê como desvantagem o facto de, futuramente, as pessoas conseguirem “ (...) tirar melhores fotografias (...) ”, devido à evolução tecnológica. A “ (...) profissão daqui a alguns anos vai desaparecer. Repara, a rapidez com que o cidadão jornalista tem acesso a estas histórias, a estas notícias”. Referiu, também, que o sucesso das pessoas que utilizam a rede social Instagram, está a substituir os profissionais: “ (...) a fotografia sempre teve uma função

essencial, tanto no jornalismo, como na arte, como na moda. E já há muitos “instagramers” que estão a cumprir a função dos fotógrafos profissionais (...)”, afirmou.

Daniel Rodrigues afirmou que “ (...) qualquer pessoa é jornalista cidadão”, devido ao facto de “ (...) hoje em dia qualquer pessoa tem um *smartphone* e acontece a notícia em frente dele (...)”; “ (...) é uma pessoa comum que usa o seu telefone e faz notícia, repórter de notícia através do telemóvel”, considerando, também, que “ (...) é o futuro.” A nível das vantagens, a ação dos amadores leva a que os profissionais tenham mais rigor na execução do seu trabalho, “ (...) até faz com que eu lute para ser melhor e que se note a diferença entre um profissional e um amador. É um incentivo (...)”, declarou. Salientou, ainda, a importância das redes sociais e dos fotógrafos amadores, afirmando que “ (...) há pessoas que dizem que as redes sociais e que os fotógrafos amadores é uma coisa má, eu não acho (...)” A nível profissional, as redes sociais, são um estímulo para melhorar a qualidade do trabalho e para se diferenciar dos amadores: “ (...) para as pessoas que seguem o meu trabalho, as pessoas que veem fotografia, o fotojornalismo, saibam notar a diferença entre um profissional e um amador.” Quanto às desvantagens refere o facto de, ocasionalmente, serem publicadas muitas “ (...) notícias falsas ou algo do género por causa disso (...)”. O jornalista cidadão “ (...) não sabe distinguir o que é verdade, o que é notícia, o que não é notícia (...)” A nível de qualidade fotográfica “ (...) um fotojornalista cidadão é completamente diferente de um profissional em termos de qualidade.” Reforçou a ideia da importância da veracidade das notícias, “ (...) é preciso ter muito cuidado (...) porque às vezes nem sempre é verdade que ele diz, o que não diz.”

Pedro Pina duvida da existência do jornalismo cidadão: “muito sinceramente eu nem sei se isso deveria existir (...)”. Um jornalista profissional tem de respeitar regras antes da publicação de conteúdo, seja em texto ou imagem, enquanto um “jornalista cidadão, muitas vezes nem sabe que critérios são esses, o que muitas vezes fazem é simplesmente divulgar o que sabem, ou que conhecem, ou algo que têm acesso. Mas não se preocupam propriamente em confirmar fontes, em arranjar o contraditório (...)”. Por esse motivo “ (...) não lhes devia ser dado uma credibilidade automática só porque estão no local, ou só porque estão lá”. Poder-se-ia utilizar informação de cidadãos, mas o desenvolvimento da mesma deveria ser feita “ (...) por jornalistas que saibam quais são as regras no jornalismo.” No entanto, Pedro Pina, quando questionado sobre as vantagens, afirmou que existem, pois “ (...) se acontece alguma coisa no sítio onde determinado meio de comunicação social não tem ninguém, é muito mais fácil tentar contactar as pessoas de lá, para que tentem recolher informações do que está acontecer.” A nível das desvantagens, considerou que um fotojornalista cidadão,

como não tem conhecimentos na área, poderia alterar elementos numa fotografia para que esta “ (...) fique mais apelativa, do que um fotojornalista que tenha noção que não pode fazer isso.” No entanto, para os jornais/agências é mais fácil utilizar esse conteúdo porque não é preciso enviar ninguém para o local para reportar a notícia. Mas, como consequência, a qualidade poderá ser “ (...) bastante inferior a nível de imagem”. É importante ter em conta que um jornalista está sujeito a “ (...) critérios de ética, moral, não pode tomar partidos, tem de ser isento, tem de ser objetivo.” Um jornalista cidadão, ao contrário de um jornalista profissional, “pode não ter noção de que está a fazer algo de errado, ou algo que devia de estar a ser feito de outra maneira (...)”. Pedro Pina mencionou outro problema agregado ao investimento financeiro dos meios de comunicação, que é o facto de existirem pessoas que se disponibilizam para trabalhar em condições de trabalho precárias: “ (...) há muita gente, que se disponibiliza para trabalhar em condições menos boas, a ser mal pago, sem grandes garantias e eles aproveitam”, rematou.

Inês Costa Monteiro, considerou que os conceitos de jornalismo profissional e de jornalismo cidadão estão cada vez mais próximos, porque “ (...) cada vez mais um mero cidadão também é jornalista”. “Com a internet e principalmente com os *smartphones* os acontecimentos (...)” são mais fáceis de serem retratados. Em suma, “ (...) o jornalista cidadão, é uma pessoa que simplesmente se interessa e que desempenha ambos os papéis (...)” ou seja, o de jornalista e o de cidadão. Quanto às vantagens, considerou o facto de se tratar de informação que não foi trabalhada, isto é “ (...) uma coisa crua”. São, também, várias perspetivas do mundo e “ (...) até mesmo para se calhar chegar a uma verdade, aí mais estudada, se calhar estas várias visões ajudam-nos muito”. Estes diferentes pontos de vista podem ajudar os profissionais a estudar/analisar determinado assunto, o que poderá vir a ser “(...) vantajoso para nós a longo prazo (...)”. A nível das desvantagens, considerou o facto de atualmente “ (...) qualquer pessoa pode ser fotógrafo, como pode ser jornalista.” Uma boa cultura geral ajuda ao desempenho desse papel de jornalista, apesar de não possuírem o dom da palavra, isto é “qualquer pessoa pode ser jornalista desde que saiba escrever bem. Mas isso não é uma coisa nova. Eu acho que isso é uma coisa que simplesmente as pessoas não quiseram encarar durante muito tempo. Quanto ao fotojornalismo, especificamente, afirmou que “ (...) uma opinião, tu podes tê-la. Podes formar um texto baseado, os teus argumentos, em cinco ou seis textos que leste, simplesmente da internet. Uma fotografia, tu não a podes ter se não tiveres no local. E acho que só por aí, isso já diminui imenso as possibilidades de ser um fotógrafo cidadão.”

Realçou também o facto de atualmente existirem muitas imagens com boa e má qualidade que, de certa forma, “ (...) a nível de acontecimentos do momento, sim elas também nos podem ajudar, tal e qual como a escrita.”

Rui Miguel Pedrosa não concorda com a existência de jornalismo cidadão: “eu acho mal, não têm ideia do que estão a fazer (...)”. Na sua opinião, os jornalistas cidadãos desconhecem as regras de trabalho: “ (...) não cumprem o código deontológico (...)”, “ (...) falta-lhes filtro, falta-lhes noção”. Considera que os órgãos de comunicação social incentivam este género de jornalismo, “ (...) acho que a culpa é principalmente dos órgãos de comunicação social (...)”, porque a utilização de conteúdo amador é vista como uma “ (...) forma de reduzir custos e ter as fotografias ou as imagens mais rapidamente (...)”, “ (...) isto dito também para quem escreve, porque há muita gente que escreve, não é só da fotografia”. Os jornalistas profissionais são “ (...) o primeiro filtro de tudo aquilo que sai no jornal (...)” e não enviam, frequentemente, determinadas fotografias porque “ (...) aquilo vai ferir algumas suscetibilidades”, explicou. O jornalista cidadão nem sempre tem noção se é correto publicar determinado conteúdo “ (...) por vezes vemos coisas que não são bonitas de se ver e o cidadão acha que aquilo é muito giro e isso é terrível”. Não vê grandes vantagens no jornalismo praticado por amadores. Ainda assim, afirmou que “ (...) às vezes nós não conseguimos estar em todo o lado. Não quer dizer que não seja, às vezes, uma ajuda para os chefes, para os patrões (...)”, porém “ (...) sinceramente na maioria das vezes é mais uma desvantagem do que uma vantagem. Porque uma vantagem, acho que os casos são muito raros.” Defende que, as entidades patronais recorrem aos profissionais quando é efetivamente necessário “ (...) o que realmente é notícia, as entidades patronais mandam para lá e nós vamos para lá, e fazemos a cobertura do evento ou acontecimento (...)”.

O fotojornalista António Pedrosa considerou que “ (...) não existe jornalista cidadão. O que existe é cidadãos que fazem fotografia que às vezes podem ser utilizadas por jornais”. Acrescentou “ (...) que esta utilização que a imprensa tem das fotografias feitas por amadores, é uma questão que sempre existiu. Claro que agora existe mais facilmente, devido às redes sociais (...)”. Por isso, quanto às vantagens e desvantagens, defendeu: “eu acho que o está aqui, não é uma questão que se possa colocar de vantagens ou desvantagens. É impossível tu teres um jornalista em cada esquina. O jornalista trabalha segundo regras éticas e regras profissionais. O cidadão jornalista, não faz assim (...)”.

7.2 Publicação do conteúdo amador nos meios noticiosos

Relativamente à divulgação de conteúdo amador nos meios de comunicação social, Ana Brígida é da opinião que “pode ser divulgado” mas “de uma forma justa, que é com pagamento”.

Para o fotojornalista Pepe Brix, essa publicação “ (...) pode acontecer desde que essas agências noticiosas se certifiquem, que aquilo que lá está é realmente verdade (...) é como em tudo, todas as fontes têm de ser averiguadas (...)”.

Miguel Proença referiu não ter uma opinião absoluta relativamente à publicação de conteúdo amador, fazendo alusão às redes sociais: Twitter, Facebook e Instagram: “as pessoas podem contar as histórias que quiserem”, “ (...) teria interesse a existência dessas plataformas com uma supervisão, digamos assim, onde os jornalistas pudessem ir buscar algumas fontes. (...)” Deste modo, os jornalistas profissionais poderiam utilizar informação de origem amadora.

Já o fotojornalista Daniel Rodrigues não concorda que o conteúdo amador seja publicado nos meios noticiosos, pela seguinte razão: “(...) nós profissionais sabemos o que é bom, o que é errado, como é que se faz e não o amador. Mas hoje em dia, por causa dos *smartphones* e das redes sociais, cada vez mais é utilizado o jornalista cidadão”, afirmou.

Pedro Pina diz não saber se o conteúdo de amadores deveria ser divulgado nos meios noticiosos. As notícias de jornalistas cidadãos poderiam ser publicadas “ (...) desde que alguém com noções de jornalismo tenha a capacidade de rever essas notícias, de confirmar (...)” Alertou, também, para o facto de, atualmente, a exigência de publicar notícias durante 24 horas, através da internet e televisão, tenha levado a que sejam publicadas “ (...) notícias com erros, notícias com dados incorretos, etc.”, gerando “desinformação”: “(...) há tanta gente a partilhar coisas no Facebook sem abrir, vê o título, vê o lead e partilha, a acreditar que aquilo é verdade (...)” Confessou a sua desilusão no que respeita à realidade em que o jornalismo vive: “(...) o que é que me garante a mim que alguém que escreva alguma coisa no jornal não inventa. Neste momento nada me garante”, “(...) estou cada vez mais desiludido com o jornalismo, são publicadas mentiras em meios de comunicação social”, declarou.

Inês Costa Monteiro observou “ (...) que na falta de uma boa fotografia, de um fotógrafo (...)” as fotografias poderão ser publicadas. No entanto, “ (...) isso a longo prazo seria mau”. Para a publicação de conteúdo amador “ (...) tem de haver alguma regulamentação”, porque as fotografias dos cidadãos não são pagas. Este facto, não pode ser

motivo para descredibilizar o trabalho dos profissionais e, eventualmente, recorrer ao despedimento dos mesmos. Ainda assim, os contributos dos cidadãos “ (...) existem para exceção à regra”, é importante “ (...) tentar perceber, se essa foto é verdadeiramente insubstituível”, acrescentou.

Rui Miguel Pedrosa, relativamente à publicação de conteúdo amador nos meios noticiosos, pensa que “ (...) não devia de ser” feito, porque um jornalista profissional tem “(...) uma carteira profissional (...)” e “ (...) sabe o que está a fazer, sabe quais são os códigos que devem cumprir (...)”. Segundo a lei, quando há pessoas que trabalham sem carteira profissional, a respetiva entidade patronal “ (...) teoricamente é multada.” No entanto, salientou que “ (...) também sabemos que infelizmente há casos de colegas que nem sequer têm carteira profissional e os patrões não pagam nenhuma multa (...)” o que, por sua vez, “(...) está a incentivar essas pessoas que não sabem as regras a mandarem essas fotos ou textos, vídeos (...)”.

Para António Pedrosa, é legítima a divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos.

7.3 Critérios que podem ser utilizados para a divulgação do conteúdo amador nos meios noticiosos

Quanto aos critérios que poderiam ser utilizados para a divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos, para Ana Brígida não seria “ (...) só o pagamento (...)”, como também “ (...) em alguns casos quando são coisas muito importantes que estão a acontecer se calhar é importante que existam registos independentemente da fotografia (...)”. Ainda assim, salientou que é importante não descredibilizar os profissionais, “ (...) mas se calhar é importante que o fotojornalista, chegue lá e fotografe as coisas bem fotografadas, com contexto e com a importância que a coisa tem de eventualmente de ter”.

Pepe Brix pensa que “acima de tudo depende dos trabalhos”. Por outras palavras é importante saber a natureza de cada trabalho, “ (...) a forma como esse fotógrafo aborda esse assunto, a profundidade e a veracidade com que ele depois se debruça sobre esse assunto.” A expressão escrita também é um fator importante: “ (...) qualidade do próprio português. Acho que também deve ser um critério.” Quanto à fotografia, referiu também a “ (...) questão de língua fotográfica”, “ (...) o que está aqui em causa é entender o conceito com que aquele

trabalho foi feito, e ver se realmente esse conceito é um conceito válido: se é interessante se não é, se é apelativo, se vai envolver as pessoas ou não (...)”, explicou Pepe Brix.

O fotojornalista Miguel Proença referiu “(...) que estes amadores deviam (...) ter alguma contribuição para alguns jornalistas que quisessem (...)”. Salientou a importância de investir na educação das pessoas “ (...) só a formação das pessoas é que as vai conseguir perceber o que está errado e o que não é.” A rapidez exigida pelas novas tecnologias levou à necessidade de se estar sempre a criar novas histórias: “ (...) devia haver um abrandar e uma revisão dos conteúdos que são publicados por parte desses grandes grupos de comunicação.” A objetividade foi também um critério mencionado.

Pedro Pina considerou que “ (...) a informação deve ser analisada (...) ” e “ (...) não deve ser publicada sem ser confirmada primeiro.” A confirmação da informação é uma das técnicas de trabalho em jornalismo, “ (...) é o que todos os jornalistas fazem. Qualquer jornalista se recebe informação de uma fonte, não devia publicar sem confirmar pelo menos noutra fonte”, “ (...) o mais importante é a confirmação da informação, que é obtida. (...) ”. Frequentemente, a única fonte de informação é proveniente de amadores, como tal “depois de confirmar que realmente as fotografias (...) não foram manipuladas, etc. não me choca nada utilizar conteúdos feitos por amadores. Porque muitas vezes são a única fonte de informação”, concluiu.

A fotojornalista, Inês Costa Monteiro, defendeu que “a qualidade da foto, isso é uma coisa bastante importante (...) ” e “ (...) saber um bocado como é que essa fotografia foi tirada”, porque os fotógrafos profissionais têm de cumprir regras, o que deve ser tomado em conta na escolha das fotografias de amadores, afirmando que “ (...) há regras para todos (...)”. Salientou que também é importante “ (...) tentar perceber, se essa foto é verdadeiramente insubstituível.”

António Pedrosa defendeu ser importante perceber a natureza da informação e se é verdadeira: “ (...) perceber de onde elas vêm, como é que elas vêm, se existe alguma motivação política, social, ou se existe verdade”, sublinhando “ (...) que é absolutamente impossível nós estarmos em todos os sítios a fazer esses acontecimentos de acaso.” Refere ainda que, a comunicação social não “ (...) se pode subtrair do seu papel que tem na sociedade.” Antes da publicação “ (...) tem de filtrar as imagens, os textos, o som, tem de os filtrar.” Quanto à qualidade do conteúdo “ (...) não acho que seja um critério” porque “se é cidadão, tu não podes garantir que o cidadão tenha um critério de qualidade”, explicou.

7.4 Mudanças que o conteúdo amador pode causar nos meios noticiosos

A entrevistada, Ana Brígida, considerou que “ (...) a falta de qualidade (...) ” do conteúdo é a única mudança que a utilização de conteúdo amador pode causar.

Pepe Brix mencionou o facto de existir “menos investimento em investigação por parte dos jornais e canais televisivos”, ter em atenção filtrar a informação produzida por amadores, de modo a retirar apenas o que é relevante para “(...) passar informação que não seja ruído.” Assim, as redações ao aproveitarem conteúdo de amadores, teriam mais espaço de manobra para se dedicarem a projetos de carácter mais profundo: “(...) a grande mudança era essa, libertar um bocado essas redações. Ou pelo menos aproveitar recursos para assegurar essas redações para outras investigações mais consistentes”, explicou.

No ponto de vista de Miguel Proença, o acesso gratuito aos conteúdos criados por cidadãos, levou à perda de interesse dos meios de comunicação social em utilizar conteúdo criado por profissionais, pois este conteúdo é pago. Relatou que com “ (...) estes cidadãos jornalistas nós temos acesso gratuito a muito dos seus conteúdos, nos jornais ou nesses meios de comunicação tradicionais, temos que pagar, (...) as pessoas não estão aderir a esse pagamento, a essa compra de notícias (...)”.

O fotojornalista Daniel Rodrigues falou no despedimento de profissionais que é cada vez mais frequente: “ (...) aproveitam-se muito das fotografias amadoras, do jornalista cidadão, para aproveitar as notícias e cada vez mais há menos profissionais nas redações”. Este facto é notável na perda de qualidade dos jornais “ (...) nota-se na qualidade do jornal, há jornais que não têm qualidade nenhuma a nível jornalístico (...)”, afirmou.

Para Pedro Pina, uma das grandes mudanças é “ (...) a imagem ter cada vez menos importância no jornalismo”, como também o facto de se estar “ (...) a reduzir a qualidade para evitar despesas”. Contratando uma pessoa para executar várias tarefas, é possível “ (...) meter um jornalista a ir para o terreno com o microfone, gravador de som, uma câmara de filmar e o telemóvel para filmar; tens uma pessoa a fazer as três coisas.”

Inês Costa Monteiro apontou que uma das mudanças seria “ (...) as redações começarem a viver com base nesse conteúdo e deixarem de pagar a bancos de imagens (...)”. Falou também da possibilidade de ocorrer despedimento de profissionais “ (...) mais particularmente dos fotógrafos.” O facto de qualquer pessoa poder ser fotógrafo, faz com que as redações se esqueçam “ (...) que há pessoas realmente especializadas nisso.”

Rui Miguel Pedrosa é da opinião de que a principal mudança é o desemprego de jornalistas profissionais: “ (...) vai acabar por levar ao desemprego de muita gente porque muitos jornais vão optar por isso.” Como também contribui para “ (...) a falta de qualidade do jornal.”

António Pedrosa é da opinião que a utilização de conteúdo amador não está a provocar mudanças nas redações. Observa que, atualmente, as mudanças que estão a ocorrer no jornalismo “ (...) são dotadas por razões económicas e por razões políticas. A utilização desse tipo de conteúdo sempre foi feita.” Sublinhou, ainda, que “ (...) não consegues construir um jornal, uma televisão, à custa de jornalismo cidadão.”

7.5 Facilidade de manipulação das fotografias na época digital

Para Ana Brígida, a manipulação de fotografia é vista como “ (...) um problema porque, a palavra manipulação já não é boa por si só (...) ”. Por um lado é vantajosa no sentido de poder corrigir as cores na fotografia, “ (...) nunca tiro nada das fotografias, é bom que exista o Photoshop para podermos acertar as cores, fazer mais contraste, menos contraste (...) ”, explicou. Fez, também, referência, à alteração de cores que se realizavam em laboratórios (fotografia analógica), considerando que “esse tipo de alteração da imagem (...) é normal acontecer”. Não é legítimo retirar elementos das fotografias “ (...) fazer manipulação de tirar objeto, ou tirar pessoas para melhorar a imagem, em jornalismo acho que não faz sentido absolutamente nenhum”. O facto da exigência de rapidez na publicação dificulta o processo de confirmação “ (...) existe uma grande pressão para se conseguir ser o primeiro a dar a notícia, porque depois existem não sei quantos mil outros jornais e outras publicações online. Então eles têm mesmo de ser super-rápidos para passar a notícia, para serem se calhar os primeiros a terem os cliques. E se no texto acontece isso, também eventualmente se calhar existem algumas fotos que vão sem serem verificadas, porque existe uma urgência muito grande em ser rápidos”, explicou. Em fotografia é difícil provar a sua veracidade, por isso dever-se-ia recorrer a fotógrafos profissionais para garantir a credibilidade e qualidade do conteúdo: “ (...) existem os profissionais para alguma coisa. E os profissionais supostamente saberão contextualizar, não manipular e supostamente estão a enviar trabalho a sério. Agora os cidadãos, não se sabe e é muito difícil conseguires provar o quer que seja.”

Pepe Brix referiu que a manipulação não é um fenómeno recente: “tem-se ideia de que na era da fotografia analógica as fotografias eram publicadas exatamente como elas eram, (...) tu quando pegas num negativo depois de o fotografar, tu podes interpretar aquele negativo de mil e uma formas diferentes”. A tecnologia permite editar as fotografias mais facilmente, “(...) o que acontece hoje em dia, com Softwares como Lightroom ou mesmo Photoshop (...) é um laboratório digital, em que tu fazes exatamente as mesmas coisas que fazias antigamente, mas com muito mais facilidade e sem tantos desperdícios.” Defendeu que a edição permite que cada fotógrafo crie a sua própria linguagem: “a edição permite também que os fotógrafos, acho eu, tenham uma linguagem própria na forma como apresentam o seu trabalho.”

Para Miguel Proença, a manipulação constitui “um problema”. Fez um alerta no sentido de que se pode falar de manipulação “(...) de imagens como podemos falar de outro aspeto, de manipulação de notícias (...)” Relativamente à fotografia, considera que “(...) é mais difícil para um amador fazer uma manipulação do que um profissional. Há imensos casos, por exemplo de fotojornalistas que apareceram no Wordpress Photo, que fizeram manipulação, mesmo sendo profissionais.” Este conteúdo criado por amadores “de alguma forma, tem de ser verificado”, mas também tem de “(...) existir alguma objetividade nisso.”

À semelhança de Pepe Brix, Daniel Rodrigues afirmou também que, sempre existiu manipulação: “(...) hoje em dia qualquer pessoa consegue mexer no Photoshop. Antigamente, ou ainda hoje, a câmara escura, é só profissionais e quem entendesse da área que conseguia fazer. Mas manipulação de imagem sempre houve.” Com o avanço da “(...) tecnologia é mais fácil de fazer (...)”, esclareceu.

O fotojornalista Pedro Pina considerou que a manipulação “(...) é sempre um problema.” Relatou um caso em que um profissional do jornal Reuters: “(...) um fotojornalista enviou uma fotografia (...)” e “(...) acrescentou mais dois mísseis à imagem e aumentou a quantidade de fumo que lá estava”. No caso de um fotojornalista cidadão, este poderá alterar uma fotografia para que esta fique mais apelativa, julgando que não está a cometer um erro. Mas os profissionais têm de “ (...) mostrar aquilo que está, ponto final, sem manipular a realidade.” A função do fotojornalismo e do jornalismo “ (...) é informar e constatar a realidade, como ela é.”

Na opinião de Inês Costa Monteiro, “ (...) uma fotografia manipulada, manipula a opinião pública”. Manipular a realidade “ (...) devia ser crime”, afirmou.

Rui Miguel Pedrosa assegurou que a edição e a manipulação da fotografia “ (...) sempre existiu. Mesmo no analógico”. Considerou que “ (...) às vezes não há é o apuramento dos factos (...) muitas das vezes usam-se fotos para noticiar algo que aconteceu que depois nem sequer é relativo àquilo”, dando o exemplo de fotografias de arquivo. Acrescentou também que a manipulação “ (...) sempre existiu, vai continuar a existir, mas nos jornais, é assim, não deve existir. Embora haja casos e sabemos de casos que isso existiu”. Porém, “ (...) nós estamos lá para contar a verdade”, rematou. A rapidez de publicação do dia-a-dia, não permite que os jornais tenham tempo suficiente de comprovar a veracidade da informação recebida, “ (...) por causa da pressão (...)”. Considerou que, atualmente, existem “ (...) meios técnicos (...) ” e “ (...) pessoas especializadas na área” para avaliar se determinada fotografia é falsa ou não. Mas quanto aos jornais, isso passa por “ (...) fazerem as retificações (...)”. No entanto, confessou que “ (...) muitas das vezes já é tarde, porque o leitor já não vai ver essa retificação e fica com aquela ideia, que aquilo é que foi o que aconteceu.”

António Pedrosa afirmou que “ (...) os cidadãos jornalistas não precisam de ter regras. A utilização desse tipo de imagem tem de ser sempre verificada por parte de quem vai publicar (...)” e “ (...) que a maior parte não faz a manipulação da imagem, o filtro que eles têm, entre o fazer e aquilo saltar é quase nulo. Saltar para as redes sociais.” Relativamente aos profissionais, disse que têm de cumprir “ (...) regras de ética”, não podem manipular informação. Falou ainda no facto, de os fotojornalistas, ao fotografarem determinado ângulo, estarem a fazer escolhas: “ (...) a partir do momento em que fotografas num retângulo ou num quadrado, estás a fazer escolhas. E duas pessoas lado a lado podem fazer imagens com sentidos completamente diferentes.”

7.6 Trabalhos amadores que poderão limitar ou sugerir o dos profissionais

Segundo Ana Brígida e António Pedrosa, nenhum trabalho amador sugeriu ou limitou os seus trabalhos.

Pepe Brix partilha de uma opinião similar “ (...) não. Eu acho que há espaço para todos, cabe depois ao público escolher aquilo que lhe interessa.”

Miguel Proença, também afirmou que nenhum trabalho amador transformou o seu, pois trabalha “ (...) em projetos longos.” Ainda assim deu um exemplo: “ (...) o Jornal de Notícias usa diversas vezes fotografias tiradas por cidadãos na capa”.

Daniel Rodrigues afirmou que “ (...) sim já aconteceu”, mas não se recordava de exemplos a nível pessoal.

Pedro Pina também afirmou que “ (...) sim, já me aconteceu eu ficar sem trabalho, por alguém ou que cobrasse menos, ou que não cobrasse, ou que pagasse em refeições, ou bilhetes”. Atualmente, existe a tendência de os meios de comunicação social, procurarem pessoas que executem o trabalho com orçamentos mais baixos, o que faz com que “(...) essa pessoa na realidade está a tirar trabalho, se calhar nem faz disso vida, e está a tirar trabalho a quem faz disso vida (...).”

Inês Costa Monteiro admitiu que nenhum trabalho amador limitou ou sugeriu o seu. Confessou já ter utilizado fotografias do Google quando não tinha uma fotografia específica que lhe tivesse sido pedida. Disse ainda que: “ (...) eu própria já vi as minhas fotografias no Google a serem usadas por outros meios de comunicação ou por outras pessoas”, ainda assim “ (...) a resposta é mesmo não.”

Rui Miguel Pedrosa afirmou que sim, dando exemplos. Referiu o facto de existirem muitos pedidos de acreditação de pessoas que têm blogues, para fotografar eventos, concertos, jogos de futebol, entre outros. Por esse motivo “ (...) acham que têm direito a estar ali. Muitas das vezes nem sequer têm carteira profissional, muitas das vezes são esses que não cumprem as regras.” Os profissionais cumprem as regras no que toca, por exemplo, ao espaço permitido para os fotógrafos profissionais trabalharem nos eventos referidos acima. Referiu que “(...) nós temos uma área onde nós podemos estar”, “(...) pode haver alguém que chega e ultrapasse esse perímetro, e por causa dele, sofremos todos com isso.” O jornalista cidadão não se encontra a trabalhar na área e está a “ (...) ocupar o espaço” que poderia ser utilizado por fotógrafos profissionais.

7.7 Internet: presença dos cidadãos na área do fotojornalismo

Ana Brígida contou que, em acontecimentos como: “(...) manifestações, protestos, concertos (...)”, a ação dos cidadãos é mais significativa. “Os blogues também de repente foram assim uma coisa que rebentaram com isto tudo do fotojornalismo”, declarou. A internet criou a necessidade de as pessoas quererem “(...) mostrar que estiveram nos sítios (...) e de terem as suas “(...) próprias fotos (...)”. Antes da internet as pessoas apenas tinham acesso às fotografias através dos profissionais, o que os tornava mais importantes: “antigamente o fotojornalismo era muito mais importante (...) no sentido em que os fotógrafos profissionais iam aos sítios e as pessoas só tinham acesso a essas fotografias, através de jornais (...)”, disse.

Pepe Brix mencionou que a internet ajudou a que alguns fotógrafos amadores tivessem “ (...) ganho alguma projeção” e “(...) deixado de ser amadores e passassem a ser profissionais.” Assinalou que, através “(...) dessa visibilidade tenham surgido oportunidades”. Possibilitou a emancipação de fotógrafos freelancers: “ (...) a internet acabou por influenciar tanto os fotógrafos amadores como os fotógrafos profissionais. Há muitos freelancers, que é o meu caso por exemplo, em que a internet foi uma alavanca”, explicou. Atualmente, “ (...) as notícias são em muito maior quantidade nos canais online dos que os canais de impressão. E faz com que haja muito mais janelas de oportunidade para muito mais gente estar a fotografar para esses canais.”

Miguel Proença afirmou que a internet enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo. Hoje em dia, “ (...) há muito maior quantidade de imagens com melhor qualidade. Acho que por exemplo o surgimento do Instagram foi uma absoluta explosão desse surgimento de novos pseudofotógrafos, ou aprendizes de fotógrafos”, declarou.

Daniel Rodrigues considerou que a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo “(...) foi bom e foi mau.” Por um lado foi negativo porque “ (...) hoje em dia basta fazer um vídeo ao vivo no Facebook para as pessoas verem, ou um amador publicar no Facebook e haver partilhas. E já não interessa se foi um profissional (...) ”. Mas, por outro lado, foi positivo porque a internet tem a vantagem de permitir que os profissionais mostrem o seu trabalho de forma ilimitada: “ (...) é o maior site de amostra do nosso trabalho que a gente possa ter” pois “ as pessoas seguem no Facebook, seguem no Instagram, no Twitter, nas redes sociais, e vão vendo o meu trabalho. Ou seja, é a maior mostra de publicidade (...) ”, explicou.

Segundo Pedro Pina, a fotografia está “ (...) mais acessível para a grande maioria das pessoas (...)” Com a internet, tornou-se mais fácil ter acesso a informação relativamente a questões de formação na área da fotografia. Também as redes sociais permitiram aos fotógrafos amadores a exposição do seu trabalho, existindo “ (...) fotógrafos excelentes, muito bons mesmo que ninguém conhece. E a única maneira de eles se darem a conhecer é: Facebook, Instagram...” Sublinhou, igualmente, que “sim, veio alterar um bocadinho, mas cabe um bocado às pessoas também escolherem aquilo que querem ver e que acham que é bom para elas se informarem.”

A fotojornalista Inês Costa Monteiro declarou “ (...) que sim, mas eu acho que não é bem esse ângulo.” Defendeu que a internet “ (...) não veio atingir o fotojornalismo“ (...), mas sim “ (...) veio atingir as pessoas (...) ”. As pessoas modificaram os seus comportamentos e a

forma como cada pessoa olha para si própria como, por exemplo, o facto de existirem “ (...) instagramers, blogueres, que são pessoas que vivem à base de likes. E eu acho que isso não tem muito a ver com o fotojornalismo (...) porque alterando as pessoas, obviamente que altera tudo o resto. Mas essencialmente alterou as pessoas”, esclareceu.

Rui Miguel Pedrosa é de opinião que a internet “é um meio de partilha mais fácil para mostrar (...)” o trabalho dos profissionais. O facto de os cidadãos publicarem fotografias na internet sobre determinado acontecimento, não faz deles profissionais, “ (...) por exemplo um incêndio que houve de larga escala, vai fotografar, e mete numa página, num álbum do Facebook com fotos, não faz dele fotojornalista.” Referiu ainda que “ (...) muitas das vezes, nem sequer têm noção que existem fotojornalistas.” As redes sociais facilitaram “ (...) imenso a mostra de fotos, a partilha de fotos”. As redes sociais permitiram aos profissionais a partilha de fotos que “ (...) muitas das vezes são fotos que não tiveram espaço no jornal ou no site (...)”, então, “ (...) às vezes, a rede social, acaba por ser esse meio de ajuda de nós vermos o que os outros estão a fazer.”

Para António Pedrosa “ (...) é lógico que sim, isso tem a ver com a distribuição”, “antes da era digital, era preciso que estivesse lá um fotógrafo (...)”, “ (...) todos os telefones têm uma câmara, toda a gente tem redes sociais, é lógico que mostrar as coisas é muito mais facilitado. Mas as questões do jornalismo, são exatamente as mesmas agora, que eram antigamente.” Referiu que “ (...) muitos jornalistas trabalham com Instagram, com Facebook, com Twitter” porque “ (...) muitos jornais também pedem a jornalistas para trabalharem assim, desta forma.” Mas salientou que “ (...) a imprensa continua a ter obrigações de verificação daquilo que vem e do porquê, localização, espaço temporal/social e histórica dos acontecimentos.”

7.8 Tecnologia (Internet, máquinas fotográficas e telemóveis): alterações no fotojornalismo

Segundo Ana Brígida, a internet veio trazer alterações ao fotojornalismo, pois “por um lado, para os fotógrafos eu acho que é muito bom porque temos uma forma imensa de podermos mostrar os nossos trabalhos, mas tal como nós, toda a gente.”

Para Miguel Proença, “ (...) desde que surgiu o *iphone* há fotojornalistas que trabalham só com o telemóvel (...)”, “ (...) temos publicações dessas, fotografias em livro, etc., com fotografias de *smartphone*, neste caso”. Salientou que o *iphone* “ (...) é mais uma ferramenta que até então, não estava disponível para as pessoas, há quem grave, há quem faça documentários com *iphone*.”

Daniel Rodrigues acredita que a tecnologia “veio alterar a nossa maneira de trabalhar e de partilhar as notícias”.

Pedro Pina explicou que “toda a gente tem um telemóvel hoje em dia, toda a gente tem um smartphone. As fotografias dos smartphones já têm bastante qualidade. E, lá está, é muito mais prático, é muito mais fácil para quem tem de gerir meios, o jornalismo cidadão.”

Inês Costa Monteiro garantiu que “sim, sem dúvida”, a facilidade de acesso aos telemóveis e às máquinas fotográficas trouxe alterações ao comportamento das pessoas. Mas essencialmente os telemóveis “(...) porque toda a gente tem um telemóvel, mas não é assim tão fácil ter uma máquina (...)”.

7.9 Perspetivas em relação ao futuro do fotojornalismo

Ana Brígida confessou a sua preocupação em relação ao futuro da profissão de fotojornalista “(...) o jornalismo escrito, numa redação por exemplo, enquanto existem 5 fotógrafos, existem 60 jornalistas”, “(...) o futuro não é propriamente fácil.” No entanto, também vê aspetos positivos “(...) também vejo uma coisa boa, que é as pessoas cada vez mais, também estão a entender que fazem uma vez com essas pessoas, duas vezes, e se calhar não gostam assim tanto dos trabalhos, e depois então numa terceira vez se calhar já vão pedir a um jornalista, a um fotógrafo profissional para fazer esse trabalho. Mas nos jornais é um bocadinho complicado.”

Para Pepe Brix, a “(...) perspetiva de futuro é que cada vez mais se faça uso de canais online para divulgar os trabalhos e para noticiar aquilo que se vai passando.” Fez também referência, à tendência de “(...) otimizar essa consciência ecológica (...)” associada ao aumento de jornais digitais.

Miguel Proença relacionou o fotojornalismo com o marketing; os fotojornalistas, para além de tirarem boas fotografias, têm de dar o seu melhor de modo a obter rendimento: “um fotojornalista, se trabalhar como freelancer que é o meu caso, além de tirar boas fotografias e tentar dar o seu melhor, tem de ter um lucro. Um jogo de cintura para o marketing (...)”. A quantidade de imagens existentes faz com que já não existam “(...) aqueles editores que se dão ao luxo de apreciar a fotografia de alguns fotógrafos”, explicou. Mostrou uma visão negativa em relação ao futuro do fotojornalismo: “(...) isto está a levar um rumo para a categoria do fotojornalista, para mim não vejo um grande futuro.”

Daniel Rodrigues afirmou que “(...) cada vez mais no futuro, o fotojornalista profissional vai ter de saber fazer vídeo”, pois em alguns trabalhos já lhe é pedido: “(...) eu

trabalho para o New York Times, sempre fiz fotografia para eles. E agora estou a começar com os vídeos a 360 graus (...) porque a pessoa sente-se mesmo dentro da reportagem, dentro da ação.” A facilidade de partilhar vídeos e a possibilidade de pôr publicidade acaba por ser uma forma de os jornais obterem mais lucro: “ (...) se for um vídeo, as pessoas, já há “shares”, já há cliques, e com publicidade e tudo.” Mostrou-se otimista relativamente ao futuro da profissão, afirmando que o “o fotojornalismo não vai morrer (...) não acredito nisso, o fotojornalismo sempre vai existir (...).” Porém, irá “ser mais complicado, fazer fotografias, partilhar portefólios, ou publicar portefólios (...)”, fazendo assim referência ao passado como forma de comparação: “ (...) há cinco atrás, era muito mais fácil publicar num jornal um portefólio sobre um tema importante, do que hoje em dia.”

Pedro Pina pensa “ (...) que o fotojornalista terá de se adaptar (...)” Para trabalhar em fotojornalismo, terá de “ (...) fazer fotografia de outro tipo (...) ” para conseguir alcançar independência económica. Todos os meios de comunicação social, “ (...) mesmo as rádios e as televisões estão no online agora, ou seja, toda a gente precisa de fotografia” mas não se tem verificado a consciência dessa importância.

Inês Costa Monteiro prevê que “ (...) os fotógrafos vão começar a viver cada vez mais como freelancers”, (...) as empresas contratam um fotógrafo, quando é necessário fazer uma reportagem (...).”, “ (...) ou seja, para trabalharem para agências, trabalhos pontuais (...)”. Não se aplicando a “ (...) casos de política, sociedade ou economia.”

Para o fotojornalista Rui Miguel Pedrosa, no que respeita ao futuro, espera “ (...) que cresça muito, espero que fique muito melhor do que aquilo que é.” Porém, confessou que a profissão se encontra a passar por dificuldades: existem “ (...) excelentes fotojornalistas que estão no desemprego (...)”, “ (...) ir fazer reportagens custa muito dinheiro, isto quando é um freelancer, é um investimento enorme”, “ (...) são poucos os jornais que dão importância ao fotojornalista (...)”. Relembrou, também, “ (...) a falta de leis de cachê, para pagar certos trabalhos importantíssimos.” No futuro, gostaria que os meios de comunicação social “ (...) percebessem mais a importância da fotografia e o impacto que a fotografia tem e faz.”

António Pedrosa determinou que não é “ (...) uma profissão em risco. Acho que tem uma evolução, acho que temos uma necessidade da nossa existência.” No entanto, os baixos orçamentos de que a imprensa dispõe para pagar aos fotojornalistas são uma preocupação: “ (...) nós temos futuro. Como é que nos vamos pagar daqui a cinco, dez anos, não sabemos muito bem.”

8 Conclusão

Terminada a realização da revisão da literatura e análise das entrevistas, pode-se agora referir as principais conclusões retiradas com a elaboração desta investigação.

De acordo com a pesquisa efetuada, verificou-se que a imagem esteve sempre presente, ao longo do processo de socialização do Homem. É, assim, pertinente afirmar-se que o interesse pelo conteúdo visual, levou à génese e desenvolvimento da fotografia – um suporte físico para representar a realidade e armazenar informação visual. Ao longo do desenvolvimento tecnológico e da crescente consciência da importância da fotografia, esta começou, também, a estar presente no processo de divulgação de informação – jornalismo –, dando origem, mais tarde, ao fotojornalismo. Entretanto, a democratização da fotografia, aliado ao progresso da internet, modificou o contexto de trabalho do jornalismo e do fotojornalismo, no sentido de permitir uma maior presença dos cidadãos nas profissões em questão. Neste contexto do fotojornalismo, os profissionais deixaram de ser os únicos a reger a criação de fotografias. A facilidade de tirar fotografias, seja com telemóveis seja com câmaras, conjugada com o desenvolvimento da internet, particularmente das redes sociais digitais, tornou a participação dos cidadãos no jornalismo, mais patente. Porém, não se podem igualar amadores a profissionais.

Nesta investigação, foram realizadas entrevistas a fotojornalistas portugueses, com o objetivo de conhecer a sua opinião relativamente ao jornalismo cidadão e à atual situação da profissão em Portugal. Pretendeu-se perceber quais os aspetos positivos e negativos dos contributos dos cidadãos e quais as principais transformações sentidas na profissão.

Com base na informação recolhida, o jornalismo cidadão é visto como pessoas que, por possuírem *smartphone* e com o fácil acesso à internet, caso suceda algum acontecimento relevante na sua presença, captam-no, com a particularidade de não serem remunerados pelas suas contribuições. Na generalidade das respostas foram apresentadas algumas desvantagens: foi mencionado que os amadores desconhecem as regras de trabalho; os seus trabalhos são divulgados pelos órgãos de comunicação social sem recorrerem a orçamentos, o que baixa o valor do trabalho dos profissionais e a qualidade das imagens é inferior. Quanto às vantagens, foi referido o facto da utilidade das suas fotografias, quando os profissionais não conseguem captar os acontecimentos inesperados que ocorrem.

No que se refere à publicação de conteúdo amador nos meios noticiosos, no geral as opiniões dividiram-se entre o sim e o não. Caso os meios de comunicação optem por utilizar

essa informação, é importante que seja confirmada a veracidade da mesma, bem como se é ou não, uma fotografia insubstituível. Também foi salientado o pagamento pelo conteúdo fornecido por amadores, do mesmo modo que o fazem aos profissionais, para que, neste sentido, estejam em pé de igualdade. Em termos de critérios que deveriam ser utilizados para a divulgação do conteúdo amador nos meios noticiosos, foi bastante citada a qualidade e natureza das fotografias.

Outra questão discutida no estudo foi a manipulação de fotografias, questionou-se se a facilidade de manipulação das fotografias na era digital se tornou num problema ou uma mais-valia. Foi referido que a manipulação existe desde a época da fotografia analógica. Porém, atualmente, devido à evolução da tecnologia, com o uso de programas de edição de imagem (*photoshop*, *lighroom*, por exemplo) o processo é mais fácil e rápido. Foi salientado que a correção da cor na fotografia é um método de melhorar a qualidade da mesma e uma forma de linguagem fotográfica própria de cada fotógrafo. A nível de conteúdo produzido por jornalistas cidadãos, devido à rapidez de publicação exigida pelos meios de comunicação social, a informação recebida nem sempre é retificada antes de ser publicada.

A nível de trabalhos dos fotógrafos amadores, que eventualmente poderão limitar ou sugerir o trabalho dos profissionais, a globalidade dos fotojornalistas entrevistados admitem que nenhum jornalista cidadão interferiu no seu trabalho, exceto, casos peculiares, em que os amadores, não respeitam as regras de ética, ocupando o espaço físico para fotografar destinado aos profissionais, em determinados eventos/acontecimentos. Também se constatou que os amadores, por estarem dispostos a realizar trabalhos fotográficos sem orçamentos ou com orçamentos baixos, são utilizados pelos meios de comunicação social como uma mão-de-obra mais rentável. Esta situação acaba por retirar oportunidades aos profissionais.

Foi analisada, também, se a influência da internet, redes sociais digitais e de aparelhos tecnológicos (telemóveis e as máquinas fotográficas) enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo. De acordo com a informação recolhida, todos estes factores referidos anteriormente e a democratização da fotografia, permitiram que os fotógrafos amadores ganhassem mais visibilidade. Antes da era digital, os cidadãos tinham apenas acesso às fotografias através dos meios de comunicação. Atualmente, todos os indivíduos têm a possibilidade de partilhar as suas fotografias através de Instagram, Facebook, Twitter, Blogues, entre outros. De igual modo, a nível profissional, a internet também permitiu que os fotógrafos, a pedido de algumas empresas noticiosas, trabalhem com telemóvel (Iphone) e redes sociais.

No que toca às perspetivas em relação ao futuro do fotojornalismo, na generalidade das respostas, o futuro é visto com preocupação, devido às baixas quantias que as empresas pagam aos fotojornalistas e a dificuldade em partilhar portefólios nos jornais impressos. Porém, na maioria dos casos acredita-se que não é uma profissão em risco e a sua existência é indispensável. O jornalismo está cada vez mais presente no mundo online e, por isso, a fotografia será imprescindível. Tem-se também verificado o interesse, pelos órgãos de comunicação social, em solicitar os fotojornalistas na produção de vídeos. É de salientar ainda, que a investigação mostrou que, no futuro, os entrevistados têm esperança que as empresas noticiosas ganhem mais consciência da importância da fotografia no jornalismo.

Relativamente à questão: “Qual a perspetiva dos fotojornalistas profissionais face ao conteúdo fotográfico, de cariz jornalístico, publicado por fotógrafos amadores, na internet?” com base nos resultados obtidos das entrevistas, concluiu-se que: o facto da maioria das pessoas possuir smartphones com câmara fotográfica e ligação à internet, potenciou a utilização das redes sociais digitais, essencialmente Instagram, Facebook e blogues. Os acontecimentos sobretudo, concertos, manifestações, protestos e acidentes, são agora mais fáceis de ser retratados pelos cidadãos, através de fotografia ou vídeo. Reforçou-se também, o facto de nem sempre os profissionais conseguirem estar presentes no local de determinado acontecimento, nestes casos as contribuições dos cidadãos podem ser úteis. Ainda assim, uma vez que estes não têm conhecimento das regras de trabalho, é essencial comprovar a veracidade e qualidade das suas colaborações. Contudo, o conteúdo criado pelos mesmos, é maioritariamente visto com negativismo para o fotojornalismo, pois os meios de comunicação social têm possibilidade em obter este conteúdo, de forma gratuita. Esta nova realidade tem lançado problemas aos profissionais, nomeadamente na falta de investimento das empresas em contratar fotógrafos especializados na área em questão. Enfrentam agora, mais dificuldade em se afirmarem no mercado de trabalho. Em Portugal, a crise económica vivenciada pelos meios de comunicação social, em paralelo com a democratização da fotografia e desenvolvimento tecnológico, permitiu que se tire partido dos fotógrafos amadores. Deste modo, o investimento é menor, mas em contra partida a qualidade dos trabalhos fotográficos também.

Depois de analisadas todas as entrevistas, foi também possível concluir que a facilidade de comunicação proporcionada pela Web 2.0 alterou os mecanismos de trabalho dos fotojornalistas – é possível partilharem o seu portefólio na internet, através de *site* pessoal e/ou redes sociais, proporcionando, a quem vê, uma melhor perceção do desenvolvimento do seu trabalho.

Finalizada esta investigação, é possível afirmar que os objetivos estipulados inicialmente foram alcançados. Estes resultados permitiram dar uma visão da atual relação dos fotógrafos profissionais com os fotógrafos amadores, na área do jornalismo em Portugal.

Ao longo desta investigação, verificou-se que existem poucos estudos aprofundados em Portugal, no âmbito do fotojornalismo, como se pode comprovar pela bibliografia, o que também pode explicar a desvalorização da fotografia e da imagem pelos meios de comunicação social.

9 Bibliografia

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia Prático e Crítico*. 1ª ed, Porto, ASA Editores, S.A.

Alejandro, J. (2010). *Journalism in the age of social media*. Reuters Institute Fellowship Paper University of Oxford. [Internet] Disponível em <
<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Journalism%20in%20the%20Age%20of%20Social%20Media.pdf>> [Consult. 11 de Agosto 2016].

Almeida, J.M.F. (2005) *Breve história da internet*. Universidade do Minho. Departamento de Sistemas de Informação. Disponível em <
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3396>> [Consult. 12 de Agosto 2017].

Alves, F. A. & Boni, C. P. (2011). *Fotografia: Múltiplos olhares*. Londrina. [Internet] Disponível em <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/Fotografia-Multiplos-Olhares.pdf>> [Consult. 6 de Abril 2016].

Barbosa, S. (2007). *Jornalismo Digital de Terceira Geração*. Universidade Beira Interior. Covilhã, Livros Labcom.

Bauret, G. (1992) *A fotografia: história, estilos, tendências, aplicações*. Lisboa, Edições 70.

Barone Junior, V. L. (2016). *Os sítios de redes sociais no processo de produção da notícia e seu uso no jornalismo sul-mato-grossense*. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Livros LabCom.

Bastos, H. (2000) *Da implementação à estagnação: os primeiros doze anos de ciberjornalismo em Portugal*. www.bocc.ubi.pt [Internet] Disponível em <
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-da-implementacao-a-estagnacao.pdf>> [Consult. 02 de Julho 2016]

Bell, J. 2008. *Como realizar um projecto de investigação*. 4 edª, Lisboa, Grávida.

Bocato, V. R. C. & Fujita, M. S. L. (2006). Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. Cadernos BAD 2. [Internet] Disponível em <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/794/793>> [Consult. 19 de Fevereiro 2016].

Cardoso, G. Carmo Gomes, M. Pereira Neto, P. Santos, S. Calado, V. & Amaral, S. (2006). O jornalismo Hoje. Uma análise de 14 redacções de TV, Rádio e Jornais. OberCom. [Internet] Disponível em <<https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/O-jornalismo-Hoje-Uma-an%C3%A1lise-de-14-redac%C3%A7%C3%B5es-de-TV-R%C3%A1dio-e-Jornais.pdf>> [Consult. 25 de Agosto 2016].

Carlos Gil, A. (2008) Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 8ª ed. São Paulo, Editora Altas S.A.

Canavilhas, J. (2007) Webnoticia: proposta de modelo periodístico para la WWW. Covilhã, Livros Labcom.

Canavilhas, J. (2014) Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã, Livros Labcom.

Canavilhas, J. & Satuf, I. (2015). Jornalismo para Dispositivos Móveis: produção, distribuição e consumo. Covilhã, Livros LabCom.

Carmo, H. & Ferreira, M.M. (1998) Metodologia da investigação. Guia para a Auto-Aprendizagem. Lisboa, Universidade Aberta.

Campos, R. (2013) Introdução à Cultura Visual. Lisboa, Editora Mundos Sociais.

Correia, J. C. (2012) Ágora Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades. Covilhã, Livros LabCom.

Cunha Gonçalves, T.F. (2009). Particularidades da análise fotográfica. Discursos fotográficos. Londrina. [Internet] Disponível em <

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1948/2500>>

[Consult. 20 de Janeiro 2016].

Dondis, D.A. (2007) *Sintaxe da Linguagem Visual*. Brasil, Martins Editora.

Fabris, A. (2008). *Fotografia. Usos e funções do século XIX*. 2ª ed. Editora da SP Brasil, Universidade de São Paulo.

Fidalgo, A. & Serra, P. (2003) *Jornalismo Online. Informação e Comunicação Online Volume I*. [Internet] Disponível em <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo_serra_ico1_jornalismo_online.pdf> [Consult. 02 de Junho 2016].

Felizardo, A. e Samain, E. (2007) *A fotografia como objecto e recurso da memória*. *Discursos Fotográficos*, 3 (3), pp. 205-220

Graça, S.M. (2007). *Os Jornalistas Portugueses: dos problemas de inserção aos novos dilemas profissionais*. Coimbra, Minerva.

Gomes, R. M. (2009) *A importância da Internet para jornalistas e Fontes*. Lisboa, Livros Horizonte.

Günther, H. (2006). *Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Universidade de Brasília. [Internet] Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf> > [Consult. 26 de Maio 2016].

Gradim, A. (2000). *Manual de Jornalismo*. Covilhã, Estudos em Comunicação.

Guerrero García, V. & Palomo, B. (2015). *The crisis of photojournalism: rethinking the profession in a participatory media ecosystem*. *Communication & Society* 28(4), pp. 33-48.

Harrell, T. W. M. (2002) *Da pintura rupestre à fotografia*. [Internet] Disponível em <http://www.tharrell.prof.ufu.br/pdfs/A%20Fotografia%20Cap.%20I.pdf>>

[Consult. 02 de Março 2016]

Holton, A.E. Coddington, M. e Gil de Zúñiga, H. (2013). Whose news? Whose Values? Citizen journalism and journalistic values through the lens of content creators and consumers. *Journalism Practice*. [Internet] Disponível em <[https://homepage.univie.ac.at/homero.gil.de.zuniga/documents/Holton,%20Coddington%20&%20Gil%20de%20Zuniga%20\(2013\)%20Journalism%20Practice.pdf](https://homepage.univie.ac.at/homero.gil.de.zuniga/documents/Holton,%20Coddington%20&%20Gil%20de%20Zuniga%20(2013)%20Journalism%20Practice.pdf)> [Consult. 21 de Agosto 2016]

Joly, M. (1994). *Introdução à Análise da Imagem*. Éditions Nathan, Paris. Lisboa. Edições 70.

Jerónimo, P. (2015) *Ciberjornalismo de proximidade Redações, jornalistas e notícias online*. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Livros LabCom.

Kodak. [Internet] Disponível em: <<http://www.kodak.com/PT/pt/corp/aboutus/heritage/georgeeastman/default.htm> [Consult. 12 de Junho 2017]

Lavín de las Heras, E. & Römer Pieretti, M. (2015). *Fotoperiodismo con el móvil: ¿ En fin o reivención de los fotógrafos de prensa?* Revista Científica de Cine y Fotografía. [Internet] Disponível em <<http://www.clubedejornalistas.pt/wp-content/uploads/2016/02/fotojornalismotelemoveis.pdf> > [Consult. 10 de Agosto 2016].

Ludwing de Colónia, M. (1998) *Fotografia do Século XX*. Taschen.

Manzini, E. J. (2004) *Entrevista Semi-Estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros*. [Internet] Disponível em <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_e_entrevista_semi-estruturada.pdf> [Consult. 14 de Dezembro 2015].

Marques, C. S. T. (2008). *O Cidadão Jornalista: Realidade ou Ficção?* www.bocc.ubi.pt [Internet] Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/marques-cheila-cidadao-jornalista-realidade-ou-ficcao.pdf> > [Consult. 5 de Maio 2016].

Martins, C. (2013). *A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética: Apontamentos sobre a fotografia vencedora do World Press Photo 2010*. www.bocc.ubi.pt [Internet] Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013->

[imagem-fotografica-como-uma-forma-de-comunicacao.pdf](#)> [Consult. 1 de Fevereiro de 2016].

Meirinho de Souza, D. R. (2010) A Fotografia enquanto representação do real: A identidade visual criada pelas imagens dos povos do Médio-Oriente publicadas na National Geographic. www.bocc.ubi.pt [Internet] Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-daniel-a-fotografia-enquanto-representacao-do-real.pdf>> [Consult. 9 de Fevereiro 2016].

Meirinho, D. (2016). Olhares em Foco. Fotografia Participativa e Empoderamento Juvenil. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Livros LabCom.

Melani Rocha & Sousa, J.P. (2008). Rumos do jornalismo na sociedade digital: Brasil e Portugal. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.

Monteiro, C. (2012) Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes. Porto Alegre. Edipucrs.

Moreira Aroso, I.M. (2013) As redes sociais como ferramentas de jornalismo participativo nos meios de comunicação regionais: um estudo de caso. www.bocc.ubi.pt [Internet] Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-2013-redes-sociais-ferramenta-jornalismo.pdf>> [Consult. 9 de Setembro 2016]

Mauad, A. M. (1996) Através da imagem: fotografia e história de interfaces. Tempo. Rio de Janeiro. [Internet] Disponível em <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf> [Consult. 13 de Março 2016].

NetProf. [Internet] Disponível em: <http://www.netprof.pt/netprof/servlet/getDocumento?TemaID=NPL070103&id_versao=11895> [Consult. 13 de Dezembro 2016]

Newhall, B. (2002) *Historia de la fotografia*. 2ª ed. Barcelona. Editorial Gustavo Gill, SA.

Pantti, M. & Sirén, S. (2015) The Fragility of Photo-Truth. Digital Journalism. [Internet] Disponível em <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/21670811.2015.1034518>> [Consult. 21 de Agosto 2016]

Pena, F. (2007) *Teoria do Jornalismo*. São Paulo, Editora Contexto.

Polaroid. [Internet] Disponível em: <<http://www.polaroid.com/>> [Consult. 14 de Novembro 2016]

PORDATA. [Internet] Disponível em: <<https://www.pordata.pt/>> [Consult. 7 de Agosto 2017]

Santaella; L. & Noth; W. (2005). *Imagem: Cognição, Semiótica, mídia*. São Paulo, Brasil, Iluminaras.

Santos, R. (2010) *Do Jornalismo aos Media Estudos sobre a Realidade Portuguesa*. Lisboa, Universidade Católica Editora.

Sougez, M.L & Pereira, L. (2001) *A História da Fotografia*. 1ª ed. Lisboa, DinaLivro.

Sousa, A.B. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa, Livros Horizonte

Sousa, J.P. (1998). *Uma História do Fotojornalismo Ocidental*. [Internet] Disponível em <<https://focusfoto.com.br/wp-content/uploads/2012/04/HISTORIA-CRITICA-DO-FOTOJORNALISMO-OCIDENTAL.pdf>> [Consult. 28 de Novembro 2015].

Sousa, J. P. (2002). *Fotojornalismo. Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. www.bocc.ubi.pt [Internet] Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>> [Consult. 30 de Janeiro 2016].

Wardle, C. & Dubberley; S. (2014) *Amateur Footage: A Global Study of User-Generated Content*. Tow Center For Digital Journalism. [Internet] Disponível em <http://towcenter.org/wp-content/uploads/2014/04/80458_Tow-Center-Report-WEB.pdf> [Consult. 19 de Agosto 2016].

Traquina, N. (2010) *Do chumbo à Era Digital: 13 Leituras do Jornalismo em Portugal*. Lisboa, Livros Horizonte.

Van Der Haak, B. Parks; M. & Castells; M. (2012). *The Future of Journalism: Networked Journalism*. International Journal of Communication. [Internet] Disponível em <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/viewFile/1750/832>> [Consult. 02 de Agosto 2016].

Veras Neto, F. D. & Vieira Dantas, M.E [s.d.] Novas Tecnologias: Paradigma Entre Inclusão Digital e Analfabetismo Digital na Escola. UNASUR. [Internet] Disponível em <http://www.editorarealize.com.br/revistas/setepe/trabalhos/Modalidade_1datahora_29_09_2014_15_26_28_idinscrito_406_8617963df4636790f556e4b65b59fa24.pdf> [Consult. 7 de Julho 2016].

Vilas-Boas, A. (2010). O que é a Cultura Visual? Porto, AVB.

Zambujal, M. (2010). Jornalismo & Jornalistas. [Internet] Disponível em <<http://www.clubedejornalistas.pt/wp-content/uploads/2010/06/JJ42.pdf>> [Consult. 1 de Julho 2017].

Zamith, F. (2008). Ciberjornalismo. As potencialidades da internet nos sites noticiosos portugueses. 1ª ed. Porto, Afrontamento.

Anexos

Anexo I

Guião da Entrevista Semiestruturada

Planificação da entrevista

- Apresentação do tema;
- Apresentação do objeto de estudo;
- Público-Alvo: Fotojornalistas/Jornalistas;
- Solicitar a autorização para a gravação do som da entrevista;
- Garantir que se trata de um estudo, cuja informação será utilizada somente para fins académicos;
- Material: Guião de entrevista e Computador.

Entrevista:

1. O que é para si um jornalista cidadão?
2. Considera, então, que uma das vantagens/desvantagens é (...)?
3. Na sua opinião, deve o conteúdo criado por amadores ser publicado nos média noticiosos? Porquê?
4. Que critérios podem ser utilizados para a publicação desse conteúdo?
5. Que mudanças pode a utilização de conteúdos de amadores produzir nas redações?
6. A facilidade de manipulação das fotografias tornou-se um problema ou uma mais-valia? (Esse conteúdo deve ser verificado? Sim ou Não? Como?)
7. Algum trabalho amador já transformou o seu, seja sugerindo-o, seja limitando-o?
8. A internet enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo (por exemplo: com uso das redes sociais virtuais)?
9. Quais as suas perspetivas para o futuro quanto à profissão de fotojornalista?

Anexo II

Análises das entrevistas realizadas

Entrevista à fotojornalista Ana Brígida

Categories	Subcategorias	Unidades de Registo	Unidades de Contexto
Conceito	Jornalismo Cidadão	Rapidez. Sentido de Oportunidade.	“Eu acho que eventualmente eles são importantes, porque nem sempre os fotojornalistas conseguem estar a tempo e a horas nos sítios, então também, é bom quem consiga apanhar os momentos na altura certa.”
	Vantagens	As fotografias, são importantes, apesar da sua possível falta de qualidade.	“Por mais que as fotografias, se calhar, não sejam incríveis, não deixam de ser importantes na mesma.”
	Desvantagens	É visto como um problema. As fotografias não são pagas, quando utilizadas pelos meios de comunicação social. Injusto. Valor Baixo de Mercado. Fácil divulgação.	“ Isso é um problema para nós fotojornalistas, acaba por ser um problema porque essas fotografias vão parar aos jornais. São dadas, não existe nenhum pagamento para elas.” “(…) acaba por não ser justo, no sentido que nós depois não precisamos de ser pagos. Ou seja, o valor de mercado vai sempre baixando, porque se calhar as pessoas procuram muito mais uma pessoa qualquer que esteve lá e fotografou e que ainda por cima anda a divulgar as fotografias por todo o lado. (...)”
Conteúdo amador	Opinião relativamente à divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos	Possibilidade de ser divulgado. Deveria ser através de pagamento.	“Eventualmente, acho que pode ser divulgado, mas acho que deveria ser de uma forma justa, que é com pagamento. Porque caso contrario, acaba por acontecer aquilo que disse à bocado.”
Conteúdo amador	Critérios que podem ser utilizados para a publicação nos meios noticiosos.	Pagamento. Acontecimentos importantes (independentemente da qualidade da fotografia).	“Então, não é só o pagamento, eu acho que eventualmente, em alguns casos quando são coisas muito importantes que estão a acontecer se calhar é importante que existam registos independentemente da fotografia é boa ou má, o que seja. (...)”

		Não descredibilizar o trabalho dos profissionais.	“(...) Mas se calhar é importante que o fotojornalista, chegue lá e fotografe as coisas bem fotografadas e com contexto, e com a importância que a coisa tem de eventualmente de ter.”
Meios de Comunicação Social	Mudanças que o conteúdos de amadores pode causar	Falta de qualidade do conteúdo.	“A falta de qualidade, muita falta de qualidade.”
Manipulação de Fotografias	Problema ou mais-valia?	<p>Problema.</p> <p>Vantajoso no sentido de acertar as cores na fotografia.</p> <p>Impensável retirar elementos das fotografias em jornalismo.</p> <p>Referência a alteração de cores em laboratório (fotografia analógica).</p>	<p>“É um problema porque, a palavra manipulação já não é boa por si só (...)”</p> <p>“Eu pessoalmente, nunca tiro nada das fotografias, é bom que exista o Photoshop para podermos acertar as cores, fazer mais contraste, menos contraste (...)”</p> <p>“(...) Agora fazer manipulação de tirar objetos, ou tirar pessoas para melhorar a imagem, em jornalismo acho que não faz sentido absolutamente nenhum.”</p> <p>“Também se faziam antigamente nos laboratórios a preto e branco, portanto esse tipo de alteração da imagem, acho que é normal acontecer.”</p>
Conteúdo amador	Deve ser verificado?	A exigência da rapidez de publicação de notícias, dificulta o processo e verificação do conteúdo antes de ser publicado.	“(...) existe uma grande pressão para se conseguir ser o primeiro a dar a notícia, porque depois existem não sei quantos mil outros jornais e outras publicações online. Então eles têm mesmo de ser-super rápidos para passar a notícia, para serem se calhar os primeiros a terem os cliques. E se no texto acontece isso, também eventualmente se calhar existem algumas fotos que vão sem serem verificadas, porque existe uma urgência muito grande em ser rápidos.”
	Como?	<p>Difícil provar a veracidade das fotografias.</p> <p>Recorrer a</p>	“Principalmente em fotografia, eu acho que é muito difícil. Lá está, mas aí, é onde entram os fotógrafos profissionais, porque supostamente, supostamente ou eticamente, os

		fotógrafos profissionais, de forma a obter trabalho credível e de boa qualidade.	profissionais não deveriam fazer ou não o fariam. (...) “ (...) existem os profissionais para alguma coisa. E os profissionais supostamente saberão contextualizar, não manipular e supostamente estão a enviar trabalho a sério. Agora os cidadãos, não se sabe, e é muito difícil conseguires provar o quer que seja.”
	Limitou ou sugeriu o trabalho profissional	Negativo	“Acho que não.”
Internet	Enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo	Afirmativo. Acontecimentos como: manifestações, protestos, concertos. Afluência dos blogues. A internet, criou a necessidade de se querer mostrar as próprias fotografias. Antes da internet as pessoas só tinham acesso às fotografias através dos jornais.	“Sim, sem dúvida. Principalmente em acontecimentos, como manifestações, protestos, concertos.” “(…)os blogues também de repente foram assim uma coisa que rebentaram com isto tudo do fotojornalismo.” “As pessoas querem mostrar que estiveram nos sítios, as pessoas querem ter as próprias fotos tiradas por elas (...)” “Antigamente o fotojornalismo era muito mais importante (...) no sentido em que os fotógrafos profissionais iam aos sítios e as pessoas só tinham acesso a essas fotografias, através de jornais (...)” “(…)incentivam as pessoas a saírem de casa e mostrarem os seus trabalhos.”
Tecnologia (Internet, maquinas fotografias e Telemóveis)	Alterações no fotojornalismo.	Trouxe alterações ao fotojornalismo. A internet, é uma forma de mostrar os trabalhos dos profissionais e amadores.	“Completamente. Por um lado, para os fotógrafos eu acho que é muito bom porque temos uma forma imensa de podermos mostrar os nossos trabalhos, mas tal como nós, toda a gente.”

<p>Futuro da profissão</p>	<p>Perspetivas em relação ao Fotojornalismo</p>	<p>Encerramento de jornais.</p> <p>Existência de maiores oportunidades para o jornalismo escrito, do que para o fotojornalismo.</p> <p>Perspetivas de futuro negativas no país de origem.</p> <p>Aspeto positivo: a recorrência a fotógrafos amadores conjugada com a sua falta de profissionalismo, pode levar a que os fotógrafos profissionais sejam procurados, pelos jornais. Embora seja complicado. Procura constante de novos trabalho.</p>	<p>“Não são boas. Os jornais estão a fechar (...)”</p> <p>“(...) se comparamos com jornalismo por exemplo, com o jornalismo escrito, numa redacção por exemplo, enquanto existem 5 fotógrafos, existem 60 jornalistas.”</p> <p>“Mas aqui em Portugal então, é super complicado. Mas, então, o futuro não é propriamente fácil.”</p> <p>“Mas por um lado também vejo uma coisa boa, que é as pessoas cada vez também estão a entender que fazem uma vez com essas pessoas, duas vezes, e se calhar não gostam assim tanto dos trabalhos, e depois então numa terceira vez, se calhar já vão pedir a um jornalista, a um fotógrafo profissional para fazer esse trabalho. Mas nos jornais é um bocadinho complicado.”</p> <p>“(...) portanto é aproveitar como nós estamos agora, e se calhar daqui a uma semana não vai haver nada, se calhar daqui a um mês não vai haver nada e estar sempre à procura. Portanto, eu não vejo assim um bom futuro para isto.”</p>
-----------------------------------	--	---	--

Entrevista ao fotojornalista Pepe Brix

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Unidades de Contexto
	<p>Opinião sobre o Jornalismo Cidadão</p>	<p>O cidadão jornalista, tem liberdade para expor os trabalhos fotográficos sem ter uma história por trás das mesmas.</p> <p>Um jornalista</p>	<p>“(...)inicialmente, eu acima de tudo, fotografa só e expunha, não escrevia grande coisa sobre o trabalho.”</p> <p>“(...) agora enquanto jornalista e não tanto enquanto cidadão, ter a certeza ou certificar-me de que todos aqueles argumentos ou de que todos aqueles</p>

Conceito		<p>profissional tem de garantir a veracidade dos dados que recolhe.</p> <p>A remuneração é a principal diferença entre amadores e profissionais. Os amadores não são pagos para o fazer.</p> <p>O cidadão jornalista, fotografa por gosto.</p>	<p>factos que eu recolho sobre essas historias, são realmente verídicos (...)"</p> <p>" (...)a remuneração, acima de tudo."</p> <p>"Um jornalista amador, é uma pessoa que faz aquilo unicamente por gosto, e acaba por ter alguma liberdade porque também não está a depender disso, acho eu. "</p>
	Vantagens	<p>Não depende da fotografia para viver.</p> <p>Não é pago para fotografar.</p> <p>Não ter de cumprir prazos.</p> <p>Dedicar o tempo que deseja à realização de determinado trabalho fotográfico.</p>	<p>"(...) é o facto de não estar a depender disso para viver, ou seja, o teu ordenado não é aquele. "</p> <p>"(...) olhas para um determinado assunto, apaixonas-te por aquilo, queres partilhar aquela história, e vais dedicar o tempo que tu achas que tens de dedicar àquela historia para partilha-la da melhor forma possível."</p>
	Desvantagens		
Conteúdo amador	Opinião relativamente à divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos	<p>Atualmente, canais noticiosos já utilizam conteúdo proveniente de blogues de jornalistas amadores.</p> <p>Pode ser publicado desde que esse conteúdo seja verídico.</p> <p>A veracidade dos factos é imprescindível ao fotojornalismo.</p>	<p>" (...) muitos canais noticiosos, que vão buscar, que uma das suas fontes são blogues, por exemplo de jornalistas amadores."</p> <p>"Eu só acho que isso pode acontecer desde que essas agências noticiosas se certifiquem, que aquilo que la está é realmente verdade. "</p> <p>"É como em tudo, todas as fontes tem de ser averiguadas (...)"</p> <p>"O jornalismo acima de tudo, tem de ter isso em conta."</p>
Conteúdo	Critérios que	Depende da	"Acima de tudo depende dos

<p>amador</p>	<p>podem ser utilizados para a publicação nos meios noticiosos.</p>	<p>natureza dos trabalhos fotográficos.</p> <p>A forma como os factos são abordados.</p> <p>Pela forma como narra a informação que complementa as fotografias.</p> <p>Linguagem escrita utilizada.</p> <p>Linguagem Fotográfica.</p> <p>Entender o conceito do trabalho fotográfico.</p> <p>Garantir a veracidade e interesse do trabalho fotográfico.</p>	<p>trabalhos.”</p> <p>“(…)a forma como esse fotografo aborda esse assunto, a profundidade e a veracidade com que ele depois se debruça sobre esse assunto.”</p> <p>“(…)pela forma como ele rediz, depois essa informação, complementar essas fotografias.”</p> <p>“(…) qualidade do próprio português. Acho que também deve ser um critério.”</p> <p>“(…) uma questão de língua fotográfica. “</p> <p>“(…) o que está aqui em causa é entender o conceito com que aquele trabalho foi feito e, ver se realmente esse conceito é um conceito válido: se é interessante se não é, se é apelativo, se vai envolver as pessoas ou não (…)”.</p>
<p>Meios de Comunicação Social</p>	<p>Mudanças que o conteúdos de amadores pode causar</p>	<p>Menos investimento em investigação por parte dos jornais e canais televisivos.</p> <p>Filtrar a informação produzida por amadores, de modo a retirar apenas o que é relevante.</p> <p>Ao garantir a filtragem de informação criada por amadores, irá dar mais espaço de manobra às redações para se dedicarem a investigações mais profundas.</p>	<p>“(…) pelo menos nas redacções que têm esse tipo de iniciativa, liberta um bocado também uma parte em que hoje em dia há menos investimento por parte dos jornais, dos canais televisivos, que é essa parte de investigação.”</p> <p>“(…) se houver mais atenção a esse jornalismo amador, sempre com muita atenção (…)”</p> <p>“(…) para não passar informação que não seja ruído.”</p> <p>“(…) filtrar esse ruído nesses canais noticiosos amadores, eu acho que isso sobretudo vai libertar espaço para que esses canais jornalísticos possam estar mais à vontade para ou investigarem outros trabalhos maiores, que exigem mais recursos, coisas mais científicos (…)”</p> <p>“(…) a grande mudança era essa, libertar um bocado essas redacções.</p>

			Ou pelo menos aproveitar recursos para assegurar essas redacções para outras investigações mais consistentes.”
Manipulação de Fotografias	Problema ou mais -valia?	<p>A possibilidade de alterar as fotografias não é uma realidade recente. Existe desde a época da fotografia analógica.</p> <p>No analógico, os negativos podem ser trabalhados de diferentes formas.</p> <p>Hoje em dia, a tecnologia permite editar as fotografias mais facilmente. Utilizando programas como: Photoshop e Lightroom.</p> <p>A edição da fotografia permite que os fotógrafos criem a sua linguagem própria.</p>	<p>“Tem se ideia de que na era da fotografia analógica as fotografias eram publicadas exatamente como elas eram.”</p> <p>“(…) tu quando pegas num negativo depois de o fotografar, tu podes interpretar aquele negativo de mil e uma formas diferentes.”</p> <p>“(…) o que acontece hoje em dia, com Softwares como Lightroom ou mesmo Photoshop (…) é um laboratório digital, em que tu fazes exatamente as mesmas coisas que fazias antigamente, mas com muito mais facilidade e sem tantos desperdícios.”</p> <p>“A edição permite também que os fotógrafos, acho eu, tenham uma linguagem própria na forma como apresentam o seu trabalho.”</p>
Conteúdo amador	Deve ser verificado?		
	Como?		
	Limitou ou sugeriu o seu trabalho profissional	Não limitou.	“Não. Eu acho que há espaço para todos, cabe depois ao público escolher aquilo que lhe interessa.”

<p>Internet</p>	<p>Enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo</p>	<p>Ajudou a que alguns fotógrafos amadores ganhassem popularidade com a publicação dos seus trabalhos.</p> <p>A constante ação de fotógrafos amadores na internet, proporcionou que estes se tornassem profissionais.</p> <p>Influenciou fotógrafos amadores e fotógrafos profissionais.</p> <p>Ajudou a emancipação de fotógrafos freelancers.</p> <p>A presença crescente de jornais online, lançou a oportunidade de mais pessoas poderem contribuir com fotografias.</p>	<p>“Eu acho que veio ajudar, obviamente, que alguns fotógrafos amadores tenham ganho alguma projeção.”</p> <p>“(…)alguns fotógrafos amadores, tenham deixado de ser amadores e passassem a ser profissionais. “</p> <p>“ (...) dessa visibilidade tenham surgido oportunidades. “</p> <p>“ (...) a internet acabou por influenciar tanto os fotógrafos amadores como os fotógrafos profissionais. Há muitos freelancers, que é o meu caso por exemplo, em que a internet foi uma alavanca.”</p> <p>“Hoje em dia, tens os jornais online em que as notícias são em muito maior quantidade nos canais online dos que os canais de impressão. E faz com que haja muito mais janelas de oportunidade, para muito mais gente estar a fotografar para esses canais.”</p>
------------------------	---	--	--

<p>Perspetivas em relação ao Fotojornalismo</p>	<p>O desenvolvimento da internet, irá proporcionar que os jornais online se desenvolvam de tal forma, que os jornais impressos tendam a desaparecer.</p> <p>Crescente consciência ecológica, associada ao aumento de jornais digitais.</p> <p>Será assim, menos um canal impresso em que os fotojornalistas poderão oferecer contributos.</p> <p>Crescimento e desenvolvimento dos jornais online.</p>	<p>“(…)os jornais vão acabar por desaparecer, acho eu. E claro, essa mudança vai se reflectir no mundo do fotojornalistas, é menos um canal por assim dizer.”</p> <p>“(…)a maior parte das assinaturas da maior parte dos jornais têm vindo a reduzir nos últimos tempos (…)”</p> <p>“(…)acho que a tendência, é otimizar essa consciência ecológica (…)”</p> <p>“(…)os jornais vão acabar por desaparecer (…)”</p> <p>“Mas a minha perspectiva de futuro é que cada vez mais se faça uso de canais online para divulgar os trabalhos e para noticiar aquilo que se vai passando.”</p>
--	--	--

Entrevista ao fotojornalista Miguel Proença

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Unidades de Contexto
<p>Conceito</p>	<p>Opinião sobre o Jornalismo Cidadão</p>	<p>Uma pessoa que provavelmente terá alguma cultura, para ter conhecimento sobre o que quer falar.</p> <p>Uma pessoa que tem acesso a locais ou histórias que os jornalistas não têm.</p>	<p>“(…)é uma pessoa que provavelmente tem de ter alguma cultura para saber o que está a querer falar.”</p> <p>“(…) tem de ser algum tipo de cultura, tem de ter algum tipo de objectividade no que está a contar.”</p> <p>“(…) este cidadão jornalista tem acesso, ou muitas vezes a locais ou a historias que, digamos, os tradicionais não têm acesso.”</p>
	<p>Vantagens</p>		

	Desvantagens	<p>A profissão irá desaparecer, devido à rapidez que o jornalista cidadão tem acesso à informação.</p> <p>O Sucesso das pessoas que utilizam o Instagram, estão a substituir os fotógrafos profissionais.</p> <p>A evolução tecnológica pelo mundo inteiro, faz com que as pessoas tirem cada vez melhores fotografias. O que se torna assim, uma desvantagem.</p>	<p>“Acho que essa profissão daqui a alguns anos vai desaparecer. Repara, a rapidez com que o cidadão jornalista tem acesso a estas histórias, a estas notícias...”</p> <p>“(...) a fotografia sempre teve uma função essencial, tanto no jornalismo, como na arte, como na moda. E já há muitos “instagramers” que estão a cumprir a função dos fotógrafos profissionais (...)”</p> <p>“(...) uma desvantagem porquê (...)”</p> <p>“(...)o mundo inteiro está ligado á internet.”</p> <p>“(...) com a descoberta das novas tecnologias noutras partes do mundo, com essa descoberta, com a experimentação (...) “</p> <p>“Acho que as pessoas vão conseguir tirar melhores fotografias (...)”</p>
Conteúdo amador	Opinião relativamente à divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos	<p>Não tem opinião absoluta.</p> <p>Com as redes sociais: Twitter, Facebook e Instagram, as pessoas tem a liberdade de contar histórias.</p> <p>Existência de plataformas de conteúdos criados por cidadãos, caso houvesse uma supervisão. Deste modo, os jornalistas profissionais poderiam utilizar algumas fontes de informação de amadores.</p>	<p>“(...) depende. Nessa minha opinião não posso ser absoluto.”</p> <p>“(...) surgiu estas plataformas ,as tais plataformas como o Twitter, o Facebook, o Instagram. As pessoas podem contar as histórias que quiseram.”</p> <p>“(...)acho que teria interesse a existência dessas plataformas com uma supervisão, digamos assim, onde os jornalistas pudessem ir buscar algumas fontes. ”</p>
Conteúdo amador	Critérios que podem ser	Os amadores deviam poder	“Acho que estes amadores deviam, como eu te disse, ter alguma

	<p>utilizados para a publicação nos meios noticiosos.</p>	<p>contribuir, caso algum jornalista profissional, queira usar o seu conteúdo.</p> <p>Investir na educação das pessoas.</p> <p>Objectividade.</p> <p>Revisão de conteúdo mais exigente.</p> <p>A rapidez exigida pelas novas tecnologias, levou à necessidade de se estar sempre a criar novas histórias.</p>	<p>contribuição para alguns jornalistas que quisessem (...)”</p> <p>“(...)mas se calhar mais na educação. Porque repara, só a formação das pessoas é que as vai conseguir perceber o que está errado e o que não é.”</p> <p>“(...) serem mais objectivos(...)</p> <p>“(...) azafama que a tecnologia nos levou a ter, querem que os jornalistas estejam constantemente a criar histórias. Acho que devia haver um abrandar e uma revisão dos conteúdos que são publicados por parte desses grandes grupos de comunicação.”</p>
<p>Meios de Comunicação Social</p>	<p>Mudanças que o conteúdos de amadores pode causar</p>	<p>O acesso gratuito dos conteúdos criados por cidadãos, levou à perda de interesse dos meios de comunicação social, em utilizar conteúdo criado por profissionais, pois este conteúdo é pago.</p>	<p>“(...) enquanto estes cidadãos jornalistas nós temos acesso gratuito a muito dos seus conteúdos, nos jornais ou nesses meios de comunicação tradicionais temos que pagar. E muitos deles o que está acontecer é que as pessoas não estão aderir a esse pagamento, a essa compra de notícias (...)”</p>

Manipulação de Fotografias	Problema ou mais-valia?	<p>Problema.</p> <p>Alerta para a manipulação de imagens e de notícias.</p> <p>Para um amador a manipulação é mais difícil, do que um profissional.</p> <p>Há casos de fotojornalistas profissionais que fizeram manipulação.</p>	<p>“ Um problema.”</p> <p>“Falamos aqui na manipulação de imagens como podemos falar de outro aspeto, de manipulação de notícias (...)”</p> <p>“Acho que é mais difícil para um amador fazer uma manipulação do que um profissional. Há imensos casos, por exemplo de fotojornalistas que apareceram no Wordpress Photo, que fizeram manipulação, mesmo sendo profissionais.”</p>
Conteúdo amador	Deve ser verificado?	<p>Tem de ser verificado de alguma forma.</p> <p>Tem de existir objetividade.</p>	<p>“Tem de ser, de alguma forma, tem de ser verificado.”</p> <p>“(...)eu penso que terá de existir alguma objetividade nisso.”</p>
	Como?		
	Limitou ou sugeriu o seu trabalho profissional	<p>Negativo.</p> <p>Há jornais que utilizam fotografias tiradas por cidadãos, como por exemplo, o Jornal de Notícias.</p>	<p>“Não.”</p> <p>“ (...)eu trabalho mais em projectos longos.”</p> <p>“Mas o Jornal de Notícias usa diversas vezes fotografias tiradas por cidadãos na capa.”</p>
Internet	Enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo	<p>Afirmativo.</p> <p>Atualmente há uma maior quantidade de imagens com melhor qualidade. O surgimento do Instagram marcou o nascimento de novos fotógrafos amadores.</p>	<p>“ Sim, sem dúvida.”</p> <p>“ (...) agora há muito maior quantidade de imagens com melhor qualidade. Acho que por exemplo o surgimento do Instagram foi uma absoluta explosão desse surgimento de novos “pseudo” fotógrafos, ou aprendizes de fotógrafos.”</p>

<p>Tecnologia (Internet, maquinas fotografias e Telemóveis)</p>	<p>Alterações no fotojornalismo.</p>	<p>Afirmativo.</p> <p>Desde o nascimento do iphone, que existem fotojornalistas que apenas trabalham com o telemóvel.</p> <p>Existem publicações com fotografias de Smarphones.</p> <p>É assim mais uma ferramenta (iphone), que antigamente não estava disponível para as pessoas. Atualmente existem pessoas que fazem documentários com o iphone.</p>	<p>“ Sim (...) “</p> <p>“Porque desde que surgiu o iphone há fotojornalistas que trabalham só com o telemóvel (...)”</p> <p>“(…) temos publicações dessas, fotografias em livro, etc. , com fotografias de smartphone, neste caso.”</p> <p>“(…) é mais uma ferramenta que até então, não estava disponível para as pessoas, há quem grave, há quem faça documentários com iphone.”</p>
<p>Futuro da profissão</p>	<p>Perspetivas em relação ao Fotojornalismo</p>	<p>O Fotojornalismo está a ligar se de certa forma ao marketing. Os fotojornalistas para além e tirarem boas fotografias, tem de dar o seu melhor de modo a obter lucro.</p> <p>A quantidade de imagens existentes, faz com que os editores já não apreciem tanto, as fotografias de fotógrafos profissionais.</p> <p>Visão negativa em relação ao futuro do fotojornalismo.</p>	<p>“Um fotojornalista, se trabalhar como freelancer, que é o meu caso, além de tirar boas fotografias e tentar dar o seu melhor, tem de ter um lucro. Um jogo de cintura para o marketing (...) “</p> <p>“(…) com tanta imagem que existe, já não existe aqueles editores, que se dão ao luxo de apreciar a fotografia de alguns fotógrafos.”</p> <p>“(…) acho que isto está a levar um rumo para a categoria do fotojornalista, para mim não vejo um grande futuro.”</p>

Entrevista ao fotojornalista Daniel Rodrigues

Categories	Subcategories	Unidades de Registo	Unidades de Contexto
Conceito	Opinião sobre o Jornalismo Cidadão	<p>Qualquer pessoa pode ser um jornalista cidadão, basta ter um smartphone.</p> <p>É uma pessoa comum que utiliza o telemóvel para fazer e reportar uma notícia.</p> <p>É o futuro.</p>	<p>“(…) qualquer pessoa é jornalista cidadão.”</p> <p>“(…) hoje em dia, qualquer pessoa tem um smartphone e acontece a notícia em frente dele (…)”</p> <p>“(…) para mim é uma pessoa comum que usa o seu telefone e faz notícia, repórter de notícia através do telemóvel.”</p> <p>“(…) acho que pronto é o futuro.”</p>
	Vantagens	<p>Leva a que os profissionais tenham mais rigor na execução do seu trabalho.</p> <p>Redes sociais e fotógrafos amadores não são vistos como algo mau. Reforçam as diferenças, para quem vê, entre fotografias de fotojornalistas e amadores.</p> <p>A nível profissional, é um incentivo para melhorar a qualidade do trabalho e para se diferenciar dos amadores.</p>	<p>“A vantagem que eu vejo é que faz com que a gente tenha, em termos profissionais (…), tenhamos ter mais rigor no nosso trabalho.”</p> <p>“(…) há pessoas que dizem que as redes sociais e que os fotógrafos amadores é uma coisa má, eu não acho (…)”</p> <p>“(…)é para as pessoas que seguem o meu trabalho, as pessoas que veem fotografia, o fotojornalismo, saibam notar a diferença entre um profissional e um amador.”</p> <p>“(…) até faz com que eu lute para ser melhor e que se note a diferença entre um profissional e um amador. É um incentivo (…)”</p>
		<p>São publicadas notícias falsas.</p> <p>Os jornalistas cidadãos não sabem distinguir o que é verdade e o</p>	<p>“(…) às vezes saem muito notícias falsas ou algo do género por causa disso (…)”</p> <p>“(…) não sabe distinguir o que é verdade, o que é notícia o que não é notícia, e pronto sem falar na</p>

	Desvantagens	<p>que é notícia.</p> <p>A qualidade de trabalho de um fotojornalista cidadão, é completamente diferente de um fotojornalista profissional.</p> <p>Nem sempre é verdade o que o jornalista cidadão expõe.</p>	<p>qualidade em termos de fotográficos.”</p> <p>“(…) um fotojornalista cidadão é completamente diferente de um profissional em termos de qualidade. “</p> <p>“(…) é preciso ter muito cuidado às vezes, com o jornalista cidadão, porque as vezes nem sempre é verdade que ele diz, o que não diz.”</p>
Conteúdo amador	Opinião relativamente à divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos	<p>Não concorda que o conteúdo de amadores seja publicado.</p> <p>Os profissionais, ao contrário dos amadores, sabem como trabalhar.</p> <p>No entanto atualmente, os smarphones e as redes sociais possibilitaram a emancipação do jornalista cidadão.</p>	<p>“(…) não concordo.”</p> <p>“(…)que nós profissionais sabemos o que é bom, o que é errado, como é que se faz e não o amador. Mas hoje, em dia, por causa dos smartphones e das redes sociais, cada vez mais é utilizado o jornalista cidadão.”</p>
Conteúdo amador	Critérios que podem ser utilizados para a publicação nos meios noticiosos.		
Meios de Comunicação Social	Mudanças que o conteúdos de amadores pode causar	<p>Despedimento de profissionais.</p> <p>Os meios de comunicação social, aproveitam as fotografias de amadores, o que por conseguinte diminui o número de profissionais nas redações.</p>	<p>“(…) em vez de contratar profissionais, estão a despedir.”</p> <p>“(…) aproveitam-se muito das fotografias amadoras, do jornalista cidadão, para aproveitar as notícias e cada vez mais há menos profissionais nas redações.”</p> <p>“(…) nota-se na qualidade do jornal, há jornais que não têm qualidade nenhuma a nível jornalístico (…)”</p>

		Este facto, é notável na perda de qualidade dos jornais.	“E há outros que continuam com profissionais e contratam profissionais e dos melhores e a diferença é enorme.”
Manipulação de Fotografias	Problema ou mais-valia?	Sempre existiu manipulação da fotografia. As novas tecnologias facilitaram a manipulação de imagem.	“(…) hoje em dia qualquer pessoa consegue mexer no Photoshop. Antigamente, ou ainda hoje, a câmara escura, é só profissionais e quem entendesse da área que conseguia fazer. Mas manipulação de imagem sempre houve.” “(…) com a nova tecnologia é mais fácil de fazer (…)”.
Conteúdo amador	Deve ser verificado?		
	Como?		
	Limitou ou sugeriu o seu trabalho profissional	Afirmativo. Não se recorda de exemplos a nível pessoal.	“ Já, sim já aconteceu.” “(…) não me recordo.”
Internet	Enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo	Foi positivo e negativo. As funcionalidades do Facebook, como fazer diretos, ou a possibilidade de fazer partilhas do conteúdo publicado, facilitaram a distribuição do conteúdo amador. Esquecendo-se da importância do conteúdo profissional. A internet tem a vantagem de permitir que os profissionais, mostrem o seu trabalho de forma ilimitada.	“(…)foi bom e foi mau. “ “(…) hoje em dia basta fazer um vídeo ao vivo no Facebook para as pessoas verem, ou um amador publicar no Facebook e haver partilhas. E já não interessa se foi um profissional (…)” “Mas também é bom para nós, porque é o maior site de amostra do nosso trabalho que a gente possa ter.” “As pessoas seguem no Facebook, seguem no Instagram, no Twitter, nas redes sociais e vão vendo o meu trabalho. Ou seja, é a maior mostra de publicidade (…)”

		<p>Através das redes sociais as pessoas tem a oportunidade de ver os desenvolvimentos trabalho do profissional.</p> <p>É a maior mostra de publicidade.</p>	
<p>Tecnologia (Internet, maquinas fotografias e Telemóveis)</p>	<p>Alterações no fotojornalismo.</p>	<p>Alteração dos modos de trabalhar e partilha de notícias.</p>	<p>“Veio alterar a nossa maneira de trabalhar e de partilhar as notícias.”</p>

<p>Futuro da profissão</p>	<p>Perspectivas em relação ao Fotojornalismo</p>	<p>No futuro, o fotojornalismo irá recorrer cada vez mais ao vídeo.</p> <p>Aparecimento de vídeos a 360 graus, pois acredita-se que o espectador sente-se dentro da reportagem/ação.</p> <p>No futuro, o fotojornalismo não irá desaparecer. Talvez seja mais complicado.</p> <p>Irá ser mais complicado fazer, publicar e partilhar fotografias/portefólios.</p> <p>A facilidade de partilhar vídeos, e a possibilidade de por publicidade, acaba por ser uma forma de os jornais obterem mais lucro.</p>	<p>“(...) cada vez mais no futuro, o fotojornalista profissional vai ter de saber fazer vídeo.”</p> <p>“(...) eu trabalho para o New York Times, sempre fiz fotografia para eles. E agora estou a começar com os vídeos a 360 graus (...) porque a pessoa sente-se mesmo dentro da reportagem, dentro da ação.”</p> <p>“(...) o fotojornalismo não vai morrer, há quem diga que vai morrer.”</p> <p>“Não acredito nisso, o fotojornalismo sempre vai existir, se calhar vai ser mais complicado (...)”</p> <p>“Vai ser mais complicado, fazer fotografias, partilhar portefólios, ou publicar portefólios (...)”</p> <p>“(...)há cinco atrás, era muito mais fácil publicar num jornal um portefólio sobre um tema importante, do que hoje em dia.”</p> <p>“(...) se for um vídeo, as pessoas, já há “shares”, já há cliques e com publicidade e tudo. Acaba por os jornais ganharem mais dinheiro com isso, acabam por optar mais pelo vídeo (...)”</p>
-----------------------------------	---	--	--

Entrevista ao fotojornalista Pedro Pina

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Unidades de Contexto
<p>Conceito</p>	<p>Jornalismo Cidadão</p>	<p>Dúvida se jornalismo cidadão, deveria existir ou não.</p> <p>Um jornalista</p>	<p>“Muito sinceramente eu nem sei se isso deveria existir (...)”</p> <p>“(...) um jornalista tem de respeitar determinadas regras, antes de publicar seja o que for, e com isto, estou a falar</p>

		<p>profissional tem de respeitar regras antes da publicação de conteúdo (texto ou imagem).</p> <p>O jornalista cidadão desconhece os critérios do jornalismo profissional. Muitas vezes o que fazem é apenas divulgar o que sabem ou conhecem. Estes não se preocupam em confirmar a informação.</p> <p>Não lhes devia ser dada credibilidade automática.</p> <p>Poder-se-ia utilizar informação de cidadãos. Mas o desenvolvimento da mesma, deveria ser feito por profissionais.</p>	<p>de jornalismo em texto, em televisão, fotojornalismo, etc. A ferramenta muda, o jornalismo está sempre presente.”</p> <p>“O jornalista cidadão, muitas vezes nem sabe que critérios são esses, o que muitas vezes fazem é simplesmente divulgar o que sabem, ou que conhecem, ou algo que tem acesso. Mas não se preocupam propriamente em confirmar fontes, em arranjar o contraditório (...)”</p> <p>“ (...) não lhes devia ser dada uma credibilidade automática só porque estão no local, ou só porque estão lá.”</p> <p>“São bons para (...)ter acesso a uma primeira informação (...)”</p> <p>“(...) o desenvolvimento tem de ser feito ou deveria ser feito por jornalistas que saibam quais são as regras no jornalismo.”</p>
	<p>Vantagens</p>	<p>Afirmativo.</p> <p>Vantajoso, caso determinado meio de comunicação social não tenha nenhum profissional no local do acontecimento. Nesse caso, é mais fácil</p>	<p>“Há, sem dúvida. “</p> <p>“ (...) se acontece alguma coisa no sítio onde determinado meio de comunicação social não tem ninguém, é muito mais fácil tentar contactar as pessoas de lá, para que tentem recolher informações do que está acontecer.”</p> <p>“ (...) pode ser um texto, um depoimento áudio, pode ser fotografias, pode ser vídeo.”</p>

		<p>contactar pessoas desse local de modo a recolher informações.</p> <p>Pode ser um texto, depoimento, áudio, fotografias, vídeos.</p>	
	<p>Desvantagens</p>	<p>Um fotojornalista cidadão, como não tem conhecimento das regras, poderia alterar elementos numa fotografia para esta ficar mais apelativa. Um fotojornalista profissional tem noção que esse procedimento é errado.</p> <p>Um jornalista está sujeito a critérios de ética, moral. Tem de ser isento e objetivo.</p> <p>Um jornalista cidadão pode não ter noção que está agir incorretamente. Como consequência a falta de qualidade a nível da imagem é notória.</p>	<p>“Um fotojornalista cidadão (...) se calhar estaria mais à vontade para alterar esses tais elementos numa fotografia para ela fique melhor ou para que fique mais apelativa, do que um fotojornalista que tenha noção que não pode fazer isso.”</p> <p>“É verdade que é muito mais fácil para um jornal ou para uma agência ir procurar alguém que esteja no local de determinada notícia do que estar a enviar alguém para lá. As consequências disso é que vais ter uma qualidade bastante inferior a nível de imagem.”</p> <p>“(...) um jornalista, e la está tem de estar sujeito aos tais critérios de ética, moral, não pode tomar partidos, tem de ser isento, tem de ser objectivo. “</p> <p>“(...) alguém que não aprendeu (...)”</p> <p>“ Pode não ter noção de que está a fazer algo de errado, ou algo que devia de estar a ser feito de outra maneira. E depois lá está, a qualidade também de nota.”</p> <p>“(...) é muito mais prático e muito mais barato, tu ires à internet procurar alguém que esteja no local onde queres fotografar e contratar essa pessoa por metade do preço, do que estares a enviar alguém para lá (...)”</p> <p>“(...) pode encontrar fotojornalistas la, mas nem sempre isso acontece.”</p>

		<p>É mais fácil e económico para um jornal/agência contractar pessoas estejam no local, do que enviar profissionais.</p> <p>Mesmo que não se enviei profissionais para o local em questão, é possível encontrar fotojornalistas. No entanto, é raro acontecer.</p> <p>Atualmente, existem pessoas que se disponibilizam para trabalhar em condições de trabalho precárias. O que faz com os meios de comunicação social aproveitem, porque desse modo investem menos dinheiro.</p>	<p>“ (...) há muita gente, que se disponibiliza para trabalhar em condições menos boas, a ser mal pago, sem grandes garantias e eles aproveitam.”</p>
<p>Conteúdo amador</p>	<p>Opinião relativamente à divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos</p>	<p>Não sabe.</p> <p>A exigência de publicar notícias durante 24 horas, através da internet e televisão, levou a que atualmente sejam publicadas muitas notícias que não</p>	<p>“ Não sei (...).”</p> <p>“Alimentar um site 24 horas, e alimentar canais de televisão 24 horas por dia. Muitas das notícias que são publicadas, não são revistas por isso é que... todos os dias tu vês notícias com erros, notícias com dados incorrectos, etc.”</p> <p>“Eu não me choca que as notícias feitas por jornalistas cidadãos, sejam publicadas, desde que alguém com</p>

		<p>verificadas. Acabando assim por ter erros e dados incorretos.</p> <p>As notícias de jornalistas cidadãos poderiam ser publicadas, desde que os profissionais tenham a capacidade para as rever e confirmar.</p> <p>Muitas pessoas partilham notícias nas redes sociais sem as ler, apenas leem o título e o lead. Ocasionalmente essas notícias podem ser falsas. gerando desinformação.</p> <p>Quanto aos profissionais, atualmente, não há garantias que estes publiquem informação credível.</p> <p>São publicadas mentiras em meios de Comunicação Social.</p>	<p>noções de jornalismo tenha a capacidade de rever essas notícias, de confirmar, principalmente de confirmar.”</p> <p>“ (...) há tanta gente a partilhar coisas no Facebook sem abrir, vê o título, vê o lead e partilha, a acreditar que aquilo é verdade. E isso estás a criar desinformação, estás desinformar as pessoas e elas vão tomar decisões com base em informação que não é verdadeira.”</p> <p>“(…) não sei se concordo exactamente, acho que informação obtida através de um cidadão jornalista sem dúvida que deve ser tomada em conta, deve ser analisada, e eventualmente utilizada para escrever alguma coisa.”</p> <p>“E tu podes me perguntar o que é que me garante a mim que alguém que escreva alguma coisa no jornal não inventa. Neste momento nada me garante.”</p> <p>“(…) estou cada vez mais desiludido com o jornalismo, são publicadas mentiras em meios de comunicação social.”</p>
Conteúdo amador	CrITÉRIOS que podem ser utilizados para a publicação nos meios noticiosos.	A informação deve ser analisada e confirmada antes de ser publicada.	<p>“(…) a informação deve ser analisada, deve-lhe ser dada alguma importância. Mas não deve ser publicada sem ser confirmada primeiro.”</p> <p>“(…) que é o que todos os jornalistas fazem. Qualquer jornalista se recebe</p>

		<p>Antes de publicarem notícias, a confirmação da informação em outras fontes é um método de trabalho dos jornalistas profissionais.</p> <p>O mais importante é a confirmação da informação. Para garantir que esta é verdadeira e não manipulada.</p> <p>Frequentemente, a única fonte de informação é proveniente de amadores.</p>	<p>informação de uma fonte, não devia publicar sem confirmar pelo menos noutra fonte.”</p> <p>“(…) o mais importante é a confirmação da informação, que é obtida. Normalmente através de outras fontes, investigar mais, explorar mais. Para garantir que a informação que obtivemos, é verdadeira.”</p> <p>“ Depois de confirmar que realmente as fotografias são daquele sítio, não são de outro sítio, ter alguma garantia que não foram manipuladas, etc. não me choca nada utilizar conteúdos feitos por amadores. Porque muitas vezes são a única fonte de informação.”</p>
Meios de Comunicação Social	Mudanças que o conteúdos de amadores pode causar	<p>Tem causado mudanças.</p> <p>No jornalismo a imagem tem cada vez menos importância.</p> <p>Um jornalista pode ir para o terreno e fazer várias tarefas: usar microfone, gravar som, usar câmara e telemóvel para filmar. Uma pessoa tem várias funções.</p> <p>Está-se a reduzir a qualidade do conteúdo, para evitar despesas.</p>	<p>“ E tem causado. “</p> <p>“(…) a imagem tem cada vez menos importância no jornalismo.”</p> <p>“ Ou pelo menos, segundo quem manda. Continuo achar que tem muita importância (…)”</p> <p>“(…) tu consegues meter um jornalista a ir para o terreno com o microfone, gravador de som, uma câmara de filmar e o telemóvel para filmar; tens uma pessoa a fazer as três coisas.”</p> <p>“(…) estão a reduzir a qualidade para evitar despesas.”</p>
		A manipulação é sempre um problema.	“A manipulação, acho que é sempre um problema.”

<p>Manipulação de Fotografias</p>	<p>Problema ou mais-valia?</p>	<p>A função do fotojornalismo e do jornalismo é informar e constatar a realidade.</p> <p>Ao existir manipulação o trabalho não está a ser bem executado.</p> <p>Um fotojornalista cidadão poderá alterar uma fotografia para que esta fique mais apelativa, julgando que não está a cometer um erro.</p> <p>Um fotojornalista profissional, tem de mostrar a realidade sem a manipular as fotografias.</p>	<p>“(...) fotojornalismo tal como do jornalismo, é informar e constatar a realidade, como ela é.”</p> <p>“Se estamos a manipular a realidade, então não estamos a fazer bem o nosso trabalho.”</p> <p>“(...) um fotojornalista enviou uma fotografia (...)”</p> <p>“(...) acrescentou mais dois mísseis à imagem e aumentou a quantidade de fumo que lá estava.”</p> <p>“Um fotojornalista cidadão, se calhar olhava para aquilo, fazia aquilo. E pensava – “não há-de haver grande problema, estamos em guerra, e eu estou a mostrar a guerra, o que estou a fazer é a mostrar um bocadinho mais daquilo que lá está”. Mas ali o que estava em causa são os valores, teoricamente nós temos que mostrar aquilo que está, ponto final, sem manipular a realidade.”</p>
<p>Conteúdo amador</p>	<p>Deve ser verificado?</p>		
	<p>Como?</p>		
	<p>Limitou ou sugeriu o trabalho profissional</p>	<p>Afirmativo.</p> <p>Os meios de comunicação, procuram pessoas que executem o trabalho com orçamentos mais baixos, para evitar despesas.</p>	<p>“(...) já sim.”</p> <p>“E eu dei-lhes um orçamento e a resposta deles foi esta – “ Olha isso é demasiado dinheiro, nós temos gente, arranjam um fotógrafo que vem fotografar isto por dois ou três bilhetes para o festival” – E repara, essa pessoa na realidade está a tirar trabalho, se calhar nem faz disso vida, e está a tirar</p>

		<p>Essas pessoas tiram trabalho aos profissionais quem vivem da fotografia.</p> <p>Já aconteceu ficar sem trabalho, por causa de pessoas que aceitam trabalhar sem serem pagas. Ou pessoas que aceitam como pagamento bilhetes para um festival, refeições, etc.</p>	<p>trabalho a quem faz disso vida (...)”</p> <p>“ (...) eu tenho os meus valores e normalmente não cobro a abaixo desses valores.”</p> <p>“ (...) as pessoas se conformam com uma qualidade menor, desde que não paguem tanto.”</p> <p>“ (...) sim, já me aconteceu eu ficar sem trabalho, por alguém ou que cobrasse menos, ou que não cobrasse, ou que pagasse em refeições, ou bilhetes.”</p>
Internet	Enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo	<p>A fotografia está mais acessível para a maioria das pessoas. Com a internet, tornou-se mais fácil ter acesso a informação relativamente a questões de formação na área da fotografia.</p> <p>As redes sociais permitiram que os fotógrafos amadores exponham o seu trabalho.</p> <p>Veio alterar o fotojornalismo, mas as pessoas tem a possibilidade de escolher o que é melhor para se informarem.</p>	<p>“ (...) desde que a fotografia se democratizou entre aspas, e ficou muito mais acessível para a grande maioria das pessoas, é muito mais fácil. E depois também mesmo em questões de formação, tu tens tudo na internet. Tu consegues ter acesso, consegues aprender uma data de coisas na internet.”</p> <p>“ (...) fotógrafos excelentes, muito bons mesmo que ninguém conhece. E a única maneira de eles se darem a conhecer é: Facebook, Instagram...”</p> <p>“Sim, veio alterar um bocadinho, mas cabe um bocado às pessoas também escolherem aquilo que querem ver e que acham que é bom para elas se informarem.”</p>

<p>Tecnologia (Internet, maquinas fotografias e Telemóveis)</p>	<p>Alterações no fotojornalismo.</p>	<p>Atualmente, toda a gente possuiu um smartphone.</p> <p>As fotografias dos smartphones têm bastante qualidade.</p> <p>O jornalismo cidadão, é mais fácil e prático para quem tem de gerir meios.</p>	<p>“Toda a gente tem um telemóvel hoje em dia, toda a gente tem um smarphone, As fotografias dos smartphones já têm bastante qualidade, E lá está, é muito mais prático, é muito mais fácil para quem tem de gerir meios, o jornalismo cidadão.”</p>
<p>Futuro da profissão</p>	<p>Perspetivas em relação ao Fotojornalismo</p>	<p>O fotojornalista terá de se adaptar.</p> <p>Todos os meios de comunicação social, estão também presentes na internet.</p> <p>Por esse motivo todos os meios de comunicação social precisam de fotografia/imagem. E não se tem verificado a consciência dessa importância.</p> <p>Para trabalhar em fotojornalismo, terá também de fazer outros trabalhos fotográficos, para conseguir ter independência económica.</p>	<p>“ Acho que o fotojornalista terá de se adaptar (...)”</p> <p>“ (...) todos os meios de comunicação social mesmo as rádios e as televisões estão no on-line agora, ou seja, toda a gente precisa de fotografia.”</p> <p>“Hoje em dia, todos os meios de comunicação social precisam de fotografia. E eu não os vejo a ganhar consciência da importância que isso tem, que a imagem tem.”</p> <p>“E parece-me que quem quer trabalhar em fotojornalismo, vai ter de se adaptar. Ou fazer de vez em quando ou fazer fotografia de outro tipo para conseguir pagar as contas.”</p> <p>(...) não estou muito otimista. Eu sinceramente gostava que quem mandasse nisto ganhasse uma consciência da importância do fotojornalismo e da fotografia na comunicação social.”</p>

Entrevista à fotojornalista Inês Costa Monteiro

Categories	Subcategories	Unidades de Registo	Unidades de Contexto
Conceito	Opinião sobre o Jornalismo Cidadão	<p>O conceito jornalismo profissional e jornalismo cidadão estão cada vez mais próximos.</p> <p>Com a internet e os smartphones os acontecimentos são mais fáceis de ser retratados.</p> <p>Qualquer pessoa que esteja a presenciar um acontecimento pode retratá-lo (exemplo: vídeo, fotografia, post no facebook).</p> <p>O jornalista cidadão, é uma pessoa que se interessa pela área do jornalismo e desempenha o papel de jornalista. Para além de observar, descreve, mostra e espalha a mensagem a outras pessoas.</p>	<p>“(….)hoje em dia, cada vez mais se misturam estes dois termos. Ou seja, se há 30 anos, 40, a profissão estava muito afastada da sociedade.”</p> <p>“(…) cada vez mais um mero cidadão também é jornalista.”</p> <p>“Com a internet e principalmente com os <i>smartphones</i> os acontecimentos, estão mais próximos de cada um, de serem retratados.”</p> <p>“Hoje em dia, qualquer pessoa que esteja lá pode retratá-lo, pode desempenhar o papel do jornalista. Seja com vídeo, seja com uma fotografia, seja com um post no Facebook (….)”</p> <p>“(…) o jornalista cidadão, é uma pessoa que simplesmente se interessa e que desempenha ambos os papeis. Ou seja, não só o papel de cidadão, de olhar e de ver e de reparar e de funções em sociedade, mas também o papel de jornalista, que é o de descrever e o de mostrar às pessoas, e o de espalhar a mensagem.”</p>
	Vantagens	<p>O facto de ser um algo que não foi trabalhado. Um cidadão ao descrever um acontecimento, irá fazê-lo consoante aquilo que visualizou. Não estará preocupado com o facto de captar a atenção dos leitores.</p>	<p>“(…) é o facto de ser uma coisa crua.”</p> <p>“Se tu fores um mero mortal, tu simplesmente vais descrever aquilo como os teus olhos e como os teus valores te estão a mostrar. Ou seja, tu não vais estar a pensar que se fizeres um vídeo da criança que foi morta, te vai render mais cliques do que se fizeres um vídeo do panorama geral, que são as pessoas em pânico (….)”</p> <p>“(…) qualquer pessoa normal, pode</p>

		<p>São várias perspetivas do mundo.</p> <p>Estes vários pontos de vista podem ajudar os profissionais a estudar/analisar determinado assunto. Pode ser vantajoso a longo prazo.</p>	<p>ser jornalista é que esses truques ficam um bocado em desvantagem perante o olhar normal da pessoa.”</p> <p>“(…) são vários olhares do mundo várias visões, varias perspetivas. Até mesmo para se calhar chegar a uma verdade, aí mais estudada, se calhar estas várias visões ajudam-nos muito.”</p> <p>“Tu com esse material, tu vais muito mais conseguir formar um puzzle sobre realmente aquilo que aconteceu. E acho que isso é vantajoso para nós a longo prazo (…)”</p>
	<p>Desvantagens</p>	<p>Existem desvantagens para a profissão.</p> <p>Atualmente, qualquer pessoa pode tanto ser fotógrafo como jornalista.</p> <p>Uma boa cultura geral ajuda ao desempenho desse papel de jornalista, apesar de não possuírem o dom da palavra.</p> <p>Qualquer pessoa que saiba escrever pode ser jornalista. Este facto não é novidade.</p> <p>O facto dos cidadãos tirarem e publicarem fotografias, não incomoda.</p> <p>Não é tão fácil ser fotógrafo como jornalista. Porque uma fotografia</p>	<p>“Para a profissão, obviamente que existem (…)”</p> <p>“Hoje em dia qualquer pessoa pode ser fotógrafo, como pode ser jornalista.”</p> <p>“(…) o jornalismo, prende-se essencialmente com cultura geral, nada mais, ou seja, tu podes saber escrever muito bem, mas se tu não sabes falar sobre economia, política, desporto (…)”</p> <p>“Elas podem ser jornalistas porque elas tem verdadeiro conhecimento, se calhar não tem o dom da palavra, mas o dom da palavra é uma coisa que se treina a longo prazo.”</p> <p>“Qualquer pessoa pode ser jornalista desde que saiba escrever bem. Mas isso não é uma coisa nova. Eu acho que isso é uma coisa que simplesmente as pessoas não quiseram encarar durante muito tempo.”</p> <p>“ Eu acho que dantes chateava-me muito mais do que chateia agora.”</p> <p>“(…) tu não podes ser tão facilmente fotógrafo como podes ser jornalista, porquê? Porque uma opinião tens</p>

		<p>exige a presença no local.</p> <p>Atualmente existem muitas imagens, que podem ajudar os ajudar os profissionais. Tal e qual como a escrita.</p> <p>A fotografia exige a presença do jornalista cidadão, caso contrário, não seria possível esta existir. Uma opinião é mais fácil de obter, através da realização de pesquisas. Partindo desse ponto de vista, as possibilidades de ser um fotógrafo cidadão é menor.</p>	<p>sobre tudo, uma fotografia tu não a consegues ter a não ser que estejas lá (...)"</p> <p>"E até teres jeito e teres uma máquina, tudo muito bem. Mas isso não significa que tu tenhas acesso, a outras coisas."</p> <p>"(...) hoje em dia nós temos muitas imagens, muitas delas boas, muitas delas más. E que a nível de acontecimentos do momento, sim elas também nos podem ajudar, tal e qual como a escrita."</p> <p>"(...) tu uma opinião, tu podes tê-la. Podes formar um texto baseado, os teus argumentos, em cinco ou seis textos que leste, simplesmente da internet. Uma fotografia, tu não a podes ter se não tiveres no local. E acho que só por aí, isso já diminui imenso as possibilidades de ser um fotógrafo cidadão."</p>
<p>Conteúdo amador</p>	<p>Opinião relativamente à divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos</p>	<p>As fotografias poderão ser publicadas na falta de uma boa fotografia/fotógrafo. Mas a longo prazo, poderia ser mau. Para a publicação tem de haver regulamentação, porque as fotografias de cidadãos não são pagas. Esse facto, não pode ser motivo para descredibilizar o trabalho dos profissionais e, eventualmente recorrer ao despedimento dos mesmos.</p> <p>A publicação de conteúdo amador existe para exceção</p>	<p>" (...) na falta de uma boa fotografia, de um fotógrafo (...)"</p> <p>"Acho que sim. Agora a questão é, como nós sociedade temos um grave problema em equilibrar as coisas, eu acho que isso a longo prazo seria mau."</p> <p>" (...) no dia em que for despedida porque há três mil fulanos a mandar fotos para um jornal porque querem vê-las publicadas e porque são fotos de graça não é, se calhar aí torna-se um problema. Por isso, eu acho que tem de haver alguma regulamentação."</p> <p>"No entanto, existem para exceção à regra."</p>

		à regra.	
Conteúdo amador	Critérios que podem ser utilizados para a publicação nos meios noticiosos.	<p>Qualidade da fotografia.</p> <p>Equilíbrio de cores, o enquadramento, o balanço dos brancos e perceber se a foto não foi adulterada.</p> <p>Saber em que contexto a fotografia foi tirada. Os fotógrafos profissionais têm de cumprir regras, o que deve ser tomado em conta na escolha das fotografias de amadores.</p> <p>Perceber se a foto é insubstituível.</p> <p>O momento certo e o sentido de oportunidade, em certas situações é uma vantagem dos fotógrafos amadores.</p>	<p>“A qualidade da foto, isso é uma coisa bastante importante, e no mínimo dos mínimos, as regras básicas de equilíbrio de cores, o enquadramento, o balanço dos brancos. E também tentar perceber se a foto não foi adulterada (...)”</p> <p>“(...) eu acho que importa saber um bocado como é que essa fotografia foi tirada. Porque, é assim, se eu tenho de cumprir um perímetro de cinco metros perante X artista, e depois vai lá um fulano que salta as grandes e consegue ter uma foto a metro. É assim, há regras para todos (...)”</p> <p>“(...) tentar perceber, se essa foto é verdadeiramente insubstituível.”</p> <p>“Aquele momento, aquela fotografia e mais ninguém conseguiu tirar e isso é uma coisa incrível. Pronto, às vezes, tem tudo a ver com oportunidade, com o momento certo.”</p> <p>“(...) a partir disso tudo se poderá perceber se a fotografia, poderá ser publicada ou não. Ou deve ser publicada ou não.”</p>
Meios de Comunicação Social	Mudanças que o conteúdos de amadores pode causar	<p>As redações começam a viver com base em conteúdo amador. Despedimento de profissionais.</p> <p>O facto de qualquer pessoa poder ser fotógrafo, faz com que as redações se esqueçam da importância dos profissionais.</p>	<p>“(...) as redações começam a viver com base nesse conteúdo e deixarem de pagar a bancos de imagens (...)”</p> <p>“Despedimentos de pessoal, mais particularmente dos fotógrafos.”</p> <p>“(...) qualquer pessoa poder ser um fotógrafo, e esquecerem-se um bocadinho que há pessoas realmente especializadas nisso.”</p>
		<p>Uma fotografia manipulada, manipula a opinião pública.</p> <p>Deveria ser crime.</p>	<p>“(...) uma fotografia manipulada, manipula a opinião pública.”</p> <p>“(...) manipular a realidade, eu para mim, acho que isso devia ser crime.”</p>

Manipulação de Fotografias	Problema ou mais-valia?	Não é correto.	“Se tu estás a manipular uma fotografia, estás a tentar manipular a realidade. E acho que isso não é correto, e tem bastantes mais desvantagens do que vantagens.”
Conteúdo amador	Deve ser verificado?		
	Como?		
	Limitou ou sugeriu o seu trabalho profissional	Negativo. Utilização de fotografias do Google caso não tenha uma fotografia específica. Utilização de fotografias presentes no Google, por outros meios de comunicação.	“(…) que eu me lembre, acho que não. “ “(…) muitas vezes pedem fotografias na redação, sei lá fotografias de dois velhotes à chuva. Isso é uma fotografia, muito específica (…)” “(…) eu não a tenho (…)” “(…) vou ao Google (…)” “Se tu entenderes isso por amadores, por fotógrafos amadores, ok sim já. Já limitou o meu. Agora se tu entenderes como o Google tem milhões e milhões de fotografias, e que eu própria já vi as minhas fotografias no Google a serem usadas por outros meios de comunicação ou por outras pessoas, não. Por isso, acho que a resposta é mesmo não.”
Internet	Enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo	Afirmativo, mas em dúvida. A internet não modificou o fotojornalismo, mas sim o comportamento das pessoas. Modificou as relações pessoais, e a forma como cada pessoa olha para si própria. O número de likes, amigos e comentários nas	“Sim, eu acho que sim, mas eu acho que não é bem esse ângulo.” “(…) eu acho que a internet não veio atingir o fotojornalismo. Eu acho que a internet, veio atingir as pessoas. A forma como as pessoas se relacionam, a forma como as pessoas olham para elas, porque se tu pensares, é difícil chegar a esta conclusão, mas o número de likes, o número de amigos, ou o número de comentários. Influência muito outras pessoas (…)” “(…) tens instagramrs, blogueres, que são pessoas que vivem à base de likes. E eu acho que isso não tem muito a ver com o fotojornalismo.”

		<p>redes sociais, exerce muita influência nas pessoas.</p> <p>Instagrams e blogueres vivem de likes.</p>	<p>“Porque alterando as pessoas, obviamente que altera tudo o resto. Mas essencialmente alterou as pessoas.”</p>
<p>Tecnologia (Internet, máquinas fotografias e Telemóveis)</p>	<p>Alterações no fotojornalismo.</p>	<p>Afirmativo.</p> <p>Devido essencialmente aos telemóveis, porque as máquinas não são tão acessíveis economicamente.</p>	<p>“ Sim, sem dúvida. É assim, das máquinas se calhar nem tanto porque toda a gente tem um telemóvel, mas não é assim tão fácil ter uma máquina (...)”</p>
<p>Futuro da profissão</p>	<p>Perspetivas em relação ao Fotojornalismo</p>	<p>Irão aumentar os fotógrafos que trabalham em regime freelancers.</p> <p>A nível de <i>life style</i>, as empresas contactam fotógrafos quando precisam de fazer uma reportagem, ou seja, para trabalhos pontuais.</p> <p>Não se aplica a casos de política, sociedade ou economia.</p>	<p>“Se calhar os fotógrafos vão começar a viver cada vez mais como freelancers.”</p> <p>“ (...) contractos freelancers para os fotógrafos, ou seja, para trabalharem para agências, trabalhos pontuais – a abertura de uma nova loja, de um novo restaurante, um jogo de futebol ou “whatever”- isso tudo, sem incluir claro, casos de política, sociedade ou economia.”</p> <p>“ (...) a nível do <i>life style</i>, é a minha área, cada vez é mais isso. Ou seja, as empresas contratam um fotógrafo, quando é necessário fazer uma reportagem enviam essas fotos que já pagaram para os meios de comunicação e os meios de comunicação, não precisam de ter um fotógrafo ao mesmo tempo. Como os fotógrafos vivem desses contractos freelancers, e têm espaço para irem fazendo as suas reportagens ou os seus ensaios e tentarem vende-los. E pronto, se calhar a longo prazo, acho que é isso que vai acontecer.”</p>

Entrevista ao fotojornalista Rui Miguel Pedrosa

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Unidades de Contexto
Conceito	Opinião sobre o Jornalismo Cidadão	<p>Discorda com a existência de jornalismo cidadão.</p> <p>Os jornalistas cidadãos, desconhecem as regras de trabalho. Não cumprem com o código deontológico.</p> <p>Não sabem filtrar a informação.</p> <p>Os órgãos de comunicação social incentivam o jornalismo cidadão.</p> <p>A utilização de conteúdo amador é vista com uma forma de reduzir custos, por parte dos meios noticiosos.</p> <p>O jornalismo é reflexo da sociedade. A redução de custos é fulcral.</p> <p>Frequentemente o apuramento dos factos é esquecido.</p> <p>O jornalista cidadão nem sempre tem noção se é correto publicar determinado conteúdo.</p> <p>Aplica-se para o</p>	<p>“Eu acho mal, não têm ideia do que estão a fazer, fotografam só porque é giro.”</p> <p>“ (...) não comprem o código deontológico (...)”</p> <p>“ (...) não tem noções de nada. Acham que é só fotografar (...)”</p> <p>“ (...) se formos fotografar um acidente, temos de ter cuidado.”</p> <p>“ (...) falta-lhes filtro, falta-lhes noção “</p> <p>“ (...) acho que a culpa é principalmente dos órgãos de comunicação social, da televisão e jornal.”</p> <p>“Porque eles próprios incentivam (...)”</p> <p>“Um bocado reflexo também do que é o jornalismo, a comunicação social hoje em dia, porque anda tudo com redução de custos. E acham que assim é uma forma de reduzir custos e ter as fotografias ou as imagens mais rapidamente (...)”</p> <p>“(...) acho que aplica-se a palavra, é contraditório porque esquece-se muitas vezes do que é que apurar os factos (...)”</p> <p>“E isto dito também para quem escreve, porque há muita gente que escreve, não é só da fotografia. O apurar as coisas, acham que é só chegar escrever e está feito. E neste caso, a fotografia é exactamente a mesma coisa.”</p> <p>“(...) por vezes vemos coisas que não são bonitas de se ver e o cidadão acha que aquilo é muito giro e isso é terrível.”</p>

		<p>jornalismo escrito e para o fotojornalismo. Os jornalistas profissionais são o primeiro e principal filtro da informação que é publicada no jornal.</p>	<p>“Nós somos o primeiro filtro de tudo aquilo que sai no jornal, obviamente não quer dizer que nós na imagem não tenhamos uma foto mas a maioria das vezes não enviamos porque sabemos que aquilo vai ferir algumas susceptibilidades.”</p>
	Vantagens	<p>Não se recorda de nenhuma vantagem específica.</p> <p>Como nem sempre os jornalistas profissionais conseguem estar no local, a colaboração dos cidadãos pode ser uma ajuda para os chefes. No entanto, é raro que ação dos cidadãos seja vantajosa.</p> <p>As entidades patronais recorrem aos profissionais quando é realmente necessário (eventos, acontecimentos, etc.)</p>	<p>“Assim de repente, não me ocorre nenhuma, sinceramente.”</p> <p>“(…) às vezes, nós não conseguimos estar em todo o lado. Não quer dizer que não seja, às vezes, uma ajuda para os chefes, para os patrões (…)”</p> <p>“ Não quer dizer que seja uma vantagem, sinceramente na maioria das vezes é mais uma desvantagem do que uma vantagem. Porque uma vantagem, acho que os casos são muito raros.”</p> <p>“(…) o que realmente é notícia, as entidades patronais mandam para lá e nós vamos para lá, e fazemos a cobertura do evento ou acontecimento, o que for.”</p>
	Desvantagens		
Conteúdo amador	Opinião relativamente à divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos	<p>O conteúdo amador não devia ser publicado nos meios noticiosos.</p> <p>As entidades patronais devem recorrer aos jornalistas profissionais.</p>	<p>“Acho que não devia de ser.”</p> <p>“Porque nós temos uma carteira profissional e quando uma entidade paternal tem um funcionário, alguém, um freelancer o que for, esse freelancer, esse jornalista tem carteira profissional.”</p> <p>“(…) significa que sabe o que está a</p>

		<p>Pois estes sabem quais são as regras que devem cumprir.</p> <p>Segundo a lei, quando há pessoas que trabalham sem carteira profissional, a respectiva entidade patronal, supostamente, é multada.</p> <p>No entanto, existem casos em de pessoas que trabalham sem carteira profissional, cujos chefes não pagam multa. Incentiva as pessoas que não sabem as regras de trabalho a contribuírem com conteúdo (fotos, textos, vídeos).</p>	<p>fazer, sabe quais são os códigos que devem cumprir (...)”</p> <p>“(...) quando trabalham pessoas que não tem carteira, profissional para essa entidade patronal, essa entidade patronal teoricamente é multada.”</p> <p>“ Isto é a lei, tem de pagar uma multa.”</p> <p>“(...) infelizmente há casos de colegas que nem sequer têm carteira profissional e os patrões não pagam nenhuma multa (...)”</p> <p>“ (...) está a incentivar essas pessoas que não sabem as regras a mandarem essas fotos ou textos, vídeos (...)”</p>
Conteúdo amador	Crítérios que podem ser utilizados para a publicação nos meios noticiosos.		
Meios de Comunicação Social	Mudanças que o conteúdos de amadores pode causar	<p>Desemprego de jornalistas profissionais.</p> <p>As empresas de comunicação social optam pela contribuição de amadores.</p> <p>Contribui para a falta de qualidade dos jornais.</p>	<p>“(...) vai acabar por levar ao desemprego de muita gente porque muitos jornais vão optar por isso.”</p> <p>“(...) acho que isso contribui um bocado para o desemprego para essas pessoas. Acho que é a principal razão e para a fraca qualidade, para a falta de qualidade do jornal.”</p>
		<p>Sempre existiu a edição e manipulação de fotografia</p>	<p>“A edição, a manipulação da fotografia, sempre existiu. Mesmo no analógico.”</p>

<p>Manipulação de Fotografias</p>	<p>Problema ou mais-valia?</p>	<p>(análogo e digital).</p> <p>Os factos nem sempre são apurados.</p> <p>Ocasionalmente utilizam-se fotos que não coincidem com aquilo que aconteceu (por exemplo: fotos de arquivo).</p> <p>Nos jornais a manipulação não deve existir. Apesar de existirem casos em que isso ocorreu.</p> <p>A função dos jornalistas profissionais é relatar a verdade.</p>	<p>“ (...) Eu acho que às vezes não há é o apuramento dos factos.”</p> <p>“ Muitas das vezes usam-se fotos para noticiar algo que aconteceu que depois nem sequer é relativo àquilo. Usam uma fotografia de arquivo por exemplo.”</p> <p>“ (...) a manipulação da fotografia, falando directamente da manipulação, sempre existiu, vai continuar a existir, mas nos jornais é assim, não deve existir. Embora haja casos e sabemos de casos que isso existiu.”</p> <p>“ (...) nós estamos lá para contar a verdade. Não é para estar a manipular as coisas. É a notícia, é o que está ali, é aquele momento, é o que interessa.”</p>
<p>Conteúdo amador</p>	<p>Deve ser verificado?</p>		
	<p>Como?</p>	<p>A rapidez de publicação do dia-a-dia, não permite que os jornais tenham tempo suficiente de comprovar a veracidade da informação recebida.</p> <p>Existem pessoas especializadas na área e meios técnicos, para avaliar -se determina fotografia é falsa ou não.</p> <p>Por exemplo em concurso, existem regras para combater a manipulação</p>	<p>“Os jornais, e com a pressa e adrenalina que há no dia-a-dia por causa da pressão (...)”</p> <p>“(...) não que eles não vão ver se aquilo é manipulado ou não, ou se foi editado ou não.”</p> <p>“(...) acho que os meios para isso, são através de meios técnicos, são pessoas especializadas na área.”</p> <p>“(...) concursos, o World Press Photo por exemplo, que mais tarde se veio descobrir que as fotos foram manipuladas. E só se descobre que é manipulado porque já há regras para combater isso mesmo.”</p> <p>“(...) já existe meios, sistemas, programas para ver que tipo de edições é que aquilo já tem.”</p> <p>“Agora solução para isso, passa pelos jornais depois fazerem as rectificações</p>

		<p>(exemplo: Word Press Photo).</p> <p>Para solucionar esse problema os jornais têm de fazer rectificações. No entanto, a maioria das vezes, quando são feitas as rectificações o leitor já não as vai ver. Ficando com uma ideia errada do que aconteceu.</p>	<p>(...)”</p> <p>“O que muitas das vezes já é tarde, porque o leitor já não vai ver essa rectificação e fica com aquela ideia, que aquilo é que foi o que aconteceu.”</p>
	<p>Limitou ou sugeriu o seu trabalho profissional</p>	<p>A acção dos fotógrafos amadores limitou o seu trabalho.</p> <p>Existem muitos pedidos de acreditação de pessoas que tem blogues, para fotografar eventos, concertos, jogos de futebol, etc. Apesar disso, não têm carteira profissional e normalmente não cumprem regras enquanto fotografam.</p> <p>Os profissionais cumprem as regras. Existem áreas específicas onde se pode estar a fotografar. Os fotógrafos amadores nem sempre respeitam essa área.</p> <p>Os fotógrafos amadores não se encontraram a trabalhar na área e ocupam espaço que</p>	<p>“ Posso dar o exemplo concreto (...)”</p> <p>“ (...)há muitos pedidos de acreditação por muitas pessoas que tem o blogue (...)”</p> <p>“ (...) acham que têm direito a estar ali. Muitas das vezes nem sequer têm carteira profissional, muitas das vezes são esses que não cumprem as regras.”</p> <p>“(...) nós sabemos que há regras (...)”</p> <p>“ (...) nós temos uma área onde nós podemos estar.”</p> <p>“ (...) pode haver alguém que chega e ultrapasse esse perímetro, e por causa dele, sofreremos todos com isso.”</p> <p>“ E por exemplo, em espectáculos (...)”</p> <p>“ (...) um blogue qualquer, pede acreditação e entra, depois acabam por tirar o espaço a outros meios maiores.”</p> <p>“ Entende-se como estar dentro de um perímetro que é para profissionais que estão a trabalhar para outros meios e que eles estão ali muitas das vezes e não cumprem as regras. “</p> <p>“ No futebol também acontece isso (...)”</p>

		poderia ser utilizado por fotógrafos profissionais.	“(...) nem sequer está a trabalhar para ninguém, está ali a ocupar o espaço.”
Internet	Enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo	<p>É um meio de publicação e partilha mais fácil para os fotógrafos profissionais mostrarem o seu trabalho.</p> <p>O facto de os cidadãos publicarem fotografias na internet sobre determinado acontecimento, não faz deles fotojornalistas.</p> <p>As redes sociais facilitaram a partilha de fotografias.</p> <p>Geralmente, os cidadãos não tem noção que existem fotojornalistas.</p> <p>As redes sociais digitais, permitem ver fotografias de colegas, que não tiveram oportunidade de ser publicadas pelos meios de comunicação.</p> <p>Conteúdo criado por jornalistas cidadãos é censurado, no seu ponto de vista.</p>	<p>“É um meio de partilha mais fácil para mostrar aquilo que nós fazemos.”</p> <p>“(...) nós, quem fotografa.”</p> <p>“O facto de ter fotografado, por exemplo um incêndio que houve de larga escala, vai fotografar, e mete numa página, num álbum do Facebook com fotos, não faz dele fotojornalista.”</p> <p>“(...) eu acho que eles nem sequer têm noção, muitas das vezes, nem sequer têm noção que existem fotojornalistas.”</p> <p>“Facilitou imenso a mostra de fotos, a partilha de fotos.”</p> <p>“Gosto de ver, gosto da aproximação que as redes sociais permitem.”</p> <p>“(...) muitas das vezes são fotos que não tiveram espaço no jornal ou no site (...)”</p> <p>“(...) às vezes, a rede social, acaba por ser esse meio de ajuda de nós vermos o que os outros estão a fazer.”</p> <p>“(...) gosto de ver sempre o que os outros estão a fazer.”</p> <p>“(...) se é o jornalista cidadão, sinceramente lá está, eu censuro, acabo por ver, mas censuro.”</p> <p>“(...) acabo por ver para perceber o que está feito ou não.”</p>

<p>Tecnologia (Internet, maquinas fotografias e Telemóveis)</p>	<p>Alterações no fotojornalismo.</p>		
<p>Futuro da profissão</p>	<p>Perspetivas em relação ao Fotojornalismo</p>	<p>Melhoria e desenvolvimento da profissão.</p> <p>No entanto, atualmente a profissão encontra-se a passar por dificuldades.</p> <p>Há excelentes fotojornalistas desempregados.</p> <p>No casos dos freelancers, realizar uma reportagem é um grande investimento.</p> <p>Existem poucos jornais que reconheçam a importância do fotojornalismo.</p> <p>Apesar disso, também já se verificou que alguns jornais já reconhecem a importância dos</p>	<p>“(…) espero que cresça muito, espero que fique muito melhor do que aquilo que é.”</p> <p>“Embora, não está muito famoso (…)”</p> <p>“(…) temos excelentes fotojornalistas que estão no desemprego (…)”</p> <p>“(…) ir fazer reportagens custa muito dinheiro, isto quando é um freelancer, é um investimento enorme.”</p> <p>“(…) são poucos os jornais que dão importância ao fotojornalista (…)”</p> <p>“(…) também já houve o oposto, já houve jornais que percebendo a importância do fotojornalista, por exemplo publicaram uma página ou um jornal que não tinha fotos. E o leitor aí já estranha, já se queixa, já comenta que está ali qualquer coisa mal (…)”</p> <p>“(…) infelizmente, a falta de leis de caché, para pagar certos trabalhos importantíssimos.”</p> <p>“(…) gostava que percebessem mais a importância da fotografia e o impacto que a fotografia tem e faz.”</p>

		<p>fotojornalistas.</p> <p>Existem poucas leis relativamente ao cachê, para financiar trabalhos importantes.</p> <p>No futuro, gostaria que os meios de comunicação social, percebessem a importância e impacto da fotografia.</p>	
--	--	--	--

Entrevista ao fotojornalista António Pedrosa

Categories	Subcategorias	Unidades de Registo	Unidades de Contexto
Conceito	Opinião sobre o Jornalismo Cidadão	<p>Considera que não existe jornalista cidadão.</p> <p>Existem cidadãos que fazem fotografia, que poderão ser utilizadas por jornais.</p> <p>A contribuição de cidadãos, sempre existiu. Atualmente, fortaleceu-se devido às redes sociais.</p>	<p>“Eu acho que não existe jornalista cidadão. O que existe é cidadãos, que fazem fotografia que às vezes podem ser utilizadas por jornais.”</p> <p>“ (...) esta utilização que a imprensa tem das fotografias feitas por amadores, é uma questão que sempre existiu. Claro que agora existe mais facilmente, devido às redes sociais (...)”</p> <p>“Por isso eu não vejo aí nenhuma questão de concorrência, nem vejo aí nenhuma questão que seja negativo para o jornalismo. Acho que isso sempre aconteceu. Simplesmente agora, acontece em maior quantidade.”</p>

	Vantagens	<p>É visto como um acontecimento natural, não tendo também vantagens ou desvantagens.</p> <p>É impossível ter um jornalista em todos os locais, pronto a noticiar.</p> <p>O jornalista profissional trabalha seguindo, regras éticas e profissionais. Os jornalistas cidadão não.</p>	<p>“ (...) não é uma questão que se possa colocar de vantagens ou desvantagens. É impossível tu teres um jornalista em cada esquina. O jornalista trabalha segundo regras éticas e regras profissionais. O cidadão jornalista, não faz assim (...)”</p>
	Desvantagens		
Conteúdo amador	Opinião relativamente à divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos	Concorda com a divulgação de conteúdo amador nos meios noticiosos.	“Eu acho que sim.”
Conteúdo amador	Critérios que podem ser utilizados para a publicação nos meios noticiosos.	<p>Perceber a natureza da informação e se é verdadeira.</p> <p>É impraticável, para os jornalistas profissionais, estarem em todos os locais para cobrirem notícias inesperadas.</p> <p>A comunicação social não pode abandonar o compromisso de produzir notícias.</p> <p>As imagens, som e textos tem de ser filtrados antes da</p>	<p>“ (...) perceber de onde elas vêm, como é que elas vêm, se existe alguma motivação política, social, ou se existe verdade.”</p> <p>“ (...) porque acho que é absolutamente impossível nós estamos em todos os sítios a fazer esses acontecimentos de acaso.”</p> <p>“ (...) se os órgãos de comunicação social se devem abster de cobrir a atualidade (...)”</p> <p>“Não, isso acho que não.”</p> <p>“E nem os jornais, nem a televisão, se pode subtrair do seu papel que tem na sociedade.”</p>

		<p>sua publicação.</p> <p>A veracidade da informação é o critério principal.</p> <p>Não considera a qualidade um critério. Porque não se pode garantir qualidade ao conteúdo criado por um cidadão.</p>	<p>“(…) tem de filtrar as imagens, os textos, o som, tem de os filtrar. “</p> <p>“(…)critério da verdade eu acho que é sempre critério principal, para a utilização disso.”</p> <p>“A qualidade não, não acho que seja um critério.”</p> <p>“Se é cidadão, tu não podes garantir que o cidadão tenha um critério de qualidade.”</p>
<p>Meios de Comunicação Social</p>	<p>Mudanças que o conteúdos de amadores pode causar</p>	<p>A utilização de conteúdo amador não está a provocar mudanças nas redações.</p> <p>Atualmente, as mudanças que estão a ocorrer no jornalismo são de natureza económica e política.</p> <p>Reforça novamente a premissa, que a utilização desse conteúdo sempre foi feita.</p> <p>Um jornal ou uma televisão não consegue sobreviver apenas com o jornalismo cidadão.</p>	<p>“Eu não acho que esteja a haver mudanças da utilização desse conteúdo, produz nas redações. As mudanças que existe de fazer jornalismo atualmente, são dotadas por razões económicas e por razões políticas. A utilização desse tipo de conteúdo sempre foi feita.”</p> <p>“ (...) não consegues construir um jornal, uma televisão, à custa de jornalismo cidadão.”</p> <p>“Só porque vem mais quantidade de coisas, não quer dizer que quer dizer que permita mudanças no jornalismo.”</p>

<p>Manipulação de Fotografias</p>	<p>Problema ou mais-valia?</p>	<p>Os profissionais têm de cumprir regras de ética, não podem manipular.</p> <p>Os fotojornalistas ao fotografarem determinado ângulo estão a fazer escolhas.</p> <p>Dois fotojornalistas no mesmo local podem tirar fotografias com intenções diferentes.</p> <p>Os cidadãos jornalistas não necessitam de ter regras. O seu conteúdo tem de ser verificado por quem vai publicar.</p> <p>Considera que a maioria dos cidadãos não faz manipulação. Assim que tiram foto, tem tendência a publicar rapidamente nas redes sociais.</p>	<p>“Um jornalista, um fotojornalista, tem regras de ética.”</p> <p>“(…) um jornalista se tiver regras, não pode criar.”</p> <p>“(…) a partir do momento em que fotografas num rectângulo ou num quadrado, estás a fazer escolhas. E duas pessoas lado a lado podem fazer imagens, com sentidos completamente diferentes.”</p> <p>“(…) os cidadãos jornalistas não precisam de ter regras. A utilização desse tipo de imagem tem de ser sempre verificada por parte de quem vai publicar (…)”</p> <p>“(…) acho que a maior parte não faz a manipulação da imagem, o filtro que eles têm, entre o fazer e aquilo saltar é quase nulo. Saltar para as redes sociais.”</p>
<p>Conteúdo amador</p>	<p>Deve ser verificado?</p>		
	<p>Como?</p>		
	<p>Limitou ou sugeriu o seu trabalho profissional</p>	<p>Negativo.</p>	<p>“Não.”</p>

<p>Internet</p>	<p>Enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo</p>	<p>Afirmativo. Está relacionado com a distribuição.</p> <p>Antes da era digital, era imprescindível a presença de um fotógrafo profissional.</p> <p>Com a internet e com o facto de todos os telemóveis possuírem câmara, a mostra de fotografias é mais fácil.</p> <p>A metodologia de produzir conteúdo jornalístico sempre foi igual.</p> <p>A imprensa continua a ter a obrigação de verificar o conteúdo.</p> <p>A pedido dos jornais, nos dias de hoje, existem jornalistas que trabalham com Instagram, Facebook e Twitter.</p>	<p>“Mas é lógico que sim, isso tem a ver com a distribuição.”</p> <p>“Antes da era digital, era preciso que estivesse lá um fotógrafo (...)”</p> <p>“A internet, a partir do momento em que todos os telefones tem uma câmara, toda a gente tem redes sociais, é lógico que mostrar as coisas é muito mais facilitado. Mas as questões do jornalismo, são exactamente as mesmas agora, que eram antigamente.”</p> <p>“ (...) a imprensa continua a ter obrigações de verificação daquilo que vem e do porquê, localização, espaço temporal/social e histórica dos acontecimentos.”</p> <p>“ (...) muitos jornalistas trabalham com Instagram, com Facebook, com Twitter.”</p> <p>“E muitos jornais também pedem a jornalistas para trabalharem assim, desta forma.”</p>
<p>Tecnologia (Internet, maquinas fotografias e Telemóveis)</p>	<p>Alterações no fotojornalismo.</p>		

<p>Futuro da profissão</p>	<p>Perspetivas em relação ao Fotojornalismo</p>	<p>Não é uma profissão em risco. É uma profissão necessária, tem futuro.</p> <p>Os baixos orçamentos que a imprensa paga aos fotojornalistas, são uma preocupação.</p> <p>Em comparação com comentadores com agenda política, estes são consideravelmente melhor pagos, do que os fotojornalistas.</p>	<p>“(...)eu acho que não é uma profissão, uma profissão em risco. Acho que tem uma evolução, acho que temos uma necessidade da nossa existência.”</p> <p>“(...) a mim preocupa-me muito a questão de em Portugal, que é a questão do voluntariado (...)”</p> <p>(...) por exemplo, num jornal, no impresso, ser o mais mal pago, aquele que trabalha. Versos os comentadores com agenda política, são pagos a peso de ouro.”</p> <p>“(...) nós temos futuro. Como é que nos vamos pagar daqui a cinco, dez anos, não sabemos muito bem.”</p>
-----------------------------------	--	--	--

Anexo III

Autorização de captação e cedência de som

Miguel Proença



Autorização de Captação e Cedência de Som

O presente documento é referente ao termo de Autorização de Captação e Cedência de Som relativo à dissertação de Mestrado em Audiovisual e Multimédia, a realizar pela aluna Marina da Paz Torre da Escola Superior de Comunicação Social. Tendo em vista a aplicação de entrevistas formais, é de salientar que a recolha de som será utilizada exclusivamente para fins académicos, em especial para compor a dissertação da aluna.

Neste sentido, solicita-se a autorização do(a) presente participante para se proceder a captação de som.

Autorizo a captação e cedência de som para os efeitos supramencionados.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Miguel Proença', written over a horizontal line.

(Assinatura do(a) participante)

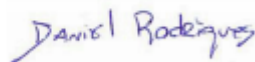
Porto, 8, de Fevereiro de 2017

Autorização de Captação e Cedência de Som

O presente documento é referente ao termo de Autorização de Captação e Cedência de Som relativo à dissertação de Mestrado em Audiovisual e Multimédia, a realizar pela aluna Marina da Paz Torre da Escola Superior de Comunicação Social. Tendo em vista a aplicação de entrevistas formais, é de salientar que a recolha de som será utilizada exclusivamente para fins académicos, em especial para compor a dissertação da aluna.

Neste sentido, solicita-se a autorização do(a) presente participante para se proceder a captação de som.

Autorizo a captação e cedência de som para os efeitos supramencionados.



(Assinatura do(a) participante)

Porto, 08, de Fevereiro de 2017

António Pedrosa



Autorização de Captação e Cedência de Som

O presente documento é referente ao termo de Autorização de Captação e Cedência de Som relativo à dissertação de Mestrado em Audiovisual e Multimédia, a realizar pela aluna Marina da Paz Torre da Escola Superior de Comunicação Social. Tendo em vista a aplicação de entrevistas formais, é de salientar que a recolha de som será utilizada exclusivamente para fins académicos, em especial para compor a dissertação da aluna.

Neste sentido, solicita-se a autorização do(a) presente participante para se proceder a captação de som.

Autorizo a captação e cedência de som para os efeitos supramencionados.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Pedrosa", written over a horizontal line.

(Assinatura do(a) participante)

Porto, 10 de Abril de 2017

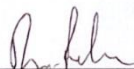


Autorização de Captação e Cedência de Som

O presente documento é referente ao termo de Autorização de Captação e Cedência de Som relativo à dissertação de Mestrado em Audiovisual e Multimédia, a realizar pela aluna Marina da Paz Torre da Escola Superior de Comunicação Social. Tendo em vista a aplicação de entrevistas formais, é de salientar que a recolha de som será utilizada exclusivamente para fins académicos, em especial para compor a dissertação da aluna.

Neste sentido, solicita-se a autorização do(a) presente participante para se proceder a captação de som.

Autorizo a captação e cedência de som para os efeitos supramencionados.

A handwritten signature in black ink, appearing to be "Marina da Paz Torre", written over a horizontal line.

(Assinatura do(a) participante)

Marina, 30, de Junho de 2017

Autorização de Captação e Cedência de Som

O presente documento é referente ao termo de Autorização de Captação e Cedência de Som relativo à dissertação de Mestrado em Audiovisual e Multimédia, a realizar pela aluna Marina da Paz Torre da Escola Superior de Comunicação Social. Tendo em vista a aplicação de entrevistas formais, é de salientar que a recolha de som será utilizada exclusivamente para fins académicos, em especial para compor a dissertação da aluna.

Neste sentido, solicita-se a autorização do(a) presente participante para se proceder a captação de som.

Autorizo a captação e cedência de som para os efeitos supramencionados.



(Assinatura do(a) participante)

Viu e concordou em 03 de Setembro de 2017

Autorização de Captação e Cedência de Som

O presente documento é referente ao termo de Autorização de Captação e Cedência de Som relativo à dissertação de Mestrado em Audiovisual e Multimédia, a realizar pela aluna Marina da Paz Torre da Escola Superior de Comunicação Social. Tendo em vista a aplicação de entrevistas formais, é de salientar que a recolha de som será utilizada exclusivamente para fins académicos, em especial para compor a dissertação da aluna.

Neste sentido, solicita-se a autorização do(a) presente participante para se proceder a captação de som.

Autorizo a captação e cedência de som para os efeitos supramencionados.



(Assinatura do(a) participante)

13 de Agosto de 2017

Anexo IV

Entrevistas a fotojornalistas

1- Ana Brígida

A entrevista foi realizada e gravada no dia 31 de Janeiro de 2017, via Skype.

Início da transcrição.

Marina Torre: O que é para si um jornalista cidadão?

Ana Brígida: Eu acho que eventualmente eles são importantes, porque nem sempre os fotojornalistas conseguem estar a tempo e a horas nos sítios, então também, é bom quem consiga apanhar os momentos na altura certa. Por mais que as fotografias, se calhar, não sejam incríveis, não deixam de ser importantes na mesma. Mas posso dizer uma data de coisas sobre isto porque, de qualquer das formas, depois essas fotografias são dadas eventualmente a jornais, publicadas no Facebook, etc. Isso é um problema para nós fotojornalistas, acaba por ser um problema porque, essas fotografias vão parar aos jornais. São dadas, não existe nenhum pagamento para elas. Normalmente essas pessoas que estão a fazer essas fotografias na rua tem outros trabalhos, portanto na verdade ficam contentes ou ficam felizes, porque as fotografias aparecem num jornal ou aparecem na internet através de alguns sites ou algumas publicações on-line.

Mas depois acaba por não ser justo, no sentido que nós depois não precisamos de ser pagos. Ou seja, o valor de mercado vai sempre baixando, porque se calhar as pessoas procuram muito mais uma pessoa qualquer que esteve lá e fotografou e que ainda por cima anda a divulgar as fotografias por todo o lado. Portanto, é isso que eu acho, por um lado é importante, mas depois tem outro revés.

Marina Torre: Então na sua opinião, apesar disso, considera que é importante que esse conteúdo seja divulgado nos meios de comunicação social?

Ana Brígida: Bom, sem dúvida que é um problema. Hoje em dia toda a gente acha que consegue fotografar bem. Ainda por cima, na minha opinião, hoje em dia com as redes sociais, (Facebook, Instagram, onde seja...) o que acontece muito é que uma pessoa, mete uma fotografia que na verdade pode ser uma fotografia de pouca qualidade, e claro que os

amigos não vão dizer mal da fotografia, vão dizer bem. Então todas as pessoas acabam por ficar com o ego elevado e isso acaba por ajudar ainda mais, a essas pessoas façam isso.

Eventualmente, acho que pode ser divulgado, mas acho que deveria ser de uma forma justa, que é com pagamento. Porque caso contrário, acaba por acontecer aquilo que disse à bocado.

Marina Torre: Então um dos critérios que poderia ser usado para esse efeito, seria o pagamento?

Ana Brígida: Bem, não só. Eu sei, eu consigo fazer decoração de casas, mas não é por isso que eu vou começar a fazer design à borla para outras pessoas, ou começar achar que isto é muito engraçado e começar a fazer design a toda a hora. Ou seja, acho que as pessoas também têm de ter noção, que existem profissionais para isso. Até porque existem muitas coisas em que às vezes existe perigo, tantas coisas... Alguém que não seja de jornalismo e esteja a fazer fotografias de uma determinada cena, se não tiver também umas bases jornalísticas sobre aquilo que está a fazer, eventualmente pode também estar a transmitir a ideia errada. Então, não é só o pagamento, eu acho que eventualmente, em alguns casos quando são coisas muito importantes que estão a acontecer se calhar, é importante que existam registos independentemente da fotografia é boa ou má, o que seja. Agora, a fotografia também não vive sozinha, só da fotografia. É bom que também exista texto, entre outras coisas que os profissionais, eventualmente estão habituados a contextualizar também as coisas. Já para não falar da qualidade fotográfica. É difícil responder a essa pergunta só com uma resposta. Tem estes dois lados não é, não deixa de ser importante, mas por um lado se existem profissionais... nós conseguimos ser rápidos a chegar às ações. Então eventualmente, acho que vou utilizar uma explosão como exemplo. Se calhar uma pessoa apanhou logo o momento da explosão. Mas se calhar é importante que o fotojornalista, chegue lá e fotografe as coisas bem fotografadas e com contexto e com a importância que a coisa tem de eventualmente de ter. Porque, se calhar uma pessoa vai só achar muito engraçado fotografar aquilo e mostrar que teve na hora certa à hora certa – “que bonita fotografia que eu tenho aqui” – e as coisas não são só assim.

Marina Torre: Que mudanças pode a utilização de conteúdos de amadores produzir nas redações?

Ana Brígida: A falta de qualidade, muita falta de qualidade.

Marina Torre: A facilidade de manipulação das fotografias, acha que se tornou um problema ou uma mais-valia?

Ana Brígida: Um problema. É um problema porque, a palavra manipulação já não é boa por si só portanto, seja em relações humanas seja em fotografia, ou em que área seja não é bom. A manipulação da imagem, ainda mais em jornalismo, significa que nós estamos a “puxar” para um determinado ponto de vista que não é o real. A partir do momento em que temos uma fotografia, em que se tira uma parte que não fica bonita ou só decidir fazer a fotografia desta parte e não fazer a fotografia da outra. Já existem muitos casos antigos, de outras fotografias em que isso aconteceu, temos de estar sempre a pensar também no público, quem está a receber a informação da imagem. E lá está, mais uma vez o contexto também importa, portanto é isso qualquer fotografia que seja manipulada, para mim não faz sentido. Eu pessoalmente, nunca tiro nada das fotografias, é bom que exista o Photoshop para podermos acertar as cores, fazer mais contraste, menos contraste. Também se faziam antigamente nos laboratórios a preto e branco, portanto esse tipo de alteração da imagem, acho que é normal acontecer. Agora fazer manipulação de tirar objeto, ou tirar pessoas para melhorar a imagem, em jornalismo acho que não faz sentido absolutamente nenhum.

Marina Torre: Então, esse conteúdo deve ser verificado?

Ana Brígida: Claro, esperemos que sim, que seja verificado. A questão aqui é que muitas das vezes, as coisas nos jornais são todas muito rápidas, ou seja, ainda mais hoje em dia com as redes sociais, e com o online, etc. Nós hoje em dia vemos muitos erros de escrita, na fotografia isso não acontece tanto, mas vemos muitos erros de escrita no on-line, por exemplo. E isso é porque existe uma grande pressão para se conseguir ser o primeiro a dar a notícia, porque depois existem não sei quantos mil outros jornais e outras publicações online, então eles têm mesmo de ser super-rápidos para passar a notícia, para serem se calhar os primeiros a terem os cliques. E se no texto acontece isso, também eventualmente se calhar existem algumas fotos que vão sem serem verificadas, porque existe uma urgência muito grande em ser rápidos.

Marina Torre: E como é que acha que esse conteúdo poderia ser verificado?

Ana Brígida: É muito difícil, eu acho. Principalmente em fotografia, eu acho que é muito difícil. Lá está, mas aí, é onde entram os fotógrafos profissionais, porque supostamente, supostamente ou eticamente, os profissionais não deveriam fazer ou não o fariam. Então ai se calhar entra outra vez a história que estávamos a falar à bocado, de será que é bom ou mau receber essas fotografias. Portanto, é isso, é preciso ter muito cuidado, existem os profissionais para alguma coisa. E os profissionais supostamente saberão contextualizar, não

manipular e supostamente estão a enviar trabalho a sério. Agora os cidadãos, não se sabe, e é muito difícil conseguires provar o quer que seja.

Marina Torre: Algum trabalho amador já transformou o seu, seja sugerindo-o, seja limitando-o?

Ana Brígida: Acho que não.

Marina Torre: A internet enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo? Por exemplo com o uso redes sociais virtuais?

Ana Brígida: Sim, sem dúvida. Principalmente em acontecimentos, como manifestações, protestos, concertos. Muito mesmo, ainda por cima, não só as redes sociais, mas hoje em dia acho que estamos a passar uma altura em que o fotojornalismo é assim uma profissão cheia de *glamour*. Toda a gente viaja, e fotografa manifestações e os concertos e é *super cool*. Hoje em dia vê-se muito, muito, muito, principalmente nos concertos e nas manifestações. Nos concertos vêes imensos miúdos mais novos que são bloguistas, os blogues também de repente foram assim uma coisa que rebentaram com isto tudo do fotojornalismo. Porque, eu digo entre aspas, porque o fotojornalismo é muita coisa...começaram a haver os blogues de moda, os blogues de música, começaram haver essas coisas todas e portanto, hoje em dia, modificou-se muito, muito, muito. As pessoas querem mostrar que estiveram nos sítios, as pessoas querem ter as próprias fotos tiradas por elas para poderem mostrar aos amigos que fizeram, e que estiveram lá, e que aconteceram, e que a fotografia é boa. E parece que fotojornalismo, é assim uma forma de mostrar às outras pessoas, através até das redes sociais, que somos ativos, que estamos nos sítios, que temos alguma coisa que fazemos que é boa, que é bonita. Mas acho que sim, que incentivou muito, porque antigamente, onde é que as pessoas podiam mostrar este tipo de fotografias? Saíam com as máquinas à rua, mas era muito menos gente do que hoje em dia. Porque as pessoas não divulgavam. Antigamente o fotojornalismo era muito mais importante, importante entre aspas, era muito mais importante no sentido em que os fotógrafos profissionais iam aos sítios e as pessoas só tinham acesso a essas fotografias, através de jornais ou do que fosse, das revistas. Mas agora não, agora toda a gente quer estar em cima do acontecimento, e mostrar que estiveram lá, fizeram e tudo mais. É claro que incentivam as pessoas a saírem de casa e mostrarem os seus trabalhos.

Marina Torre: Portanto a internet, a máquinas fotográficas e os telemóveis veio alterar o cenário do fotojornalismo?

Ana Brígida: Completamente. Por um lado, para os fotógrafos eu acho que é muito bom porque temos uma forma imensa de podermos mostrar os nossos trabalhos, mas tal como nós, toda a gente. Tem os dois lados da medalha, tem partes boas e tem partes más.

Marina Torre: Então quais as suas perspetivas para o futuro em relação ao fotojornalismo?

Ana Brígida: Não são boas. Os jornais estão a fechar, as pessoas que estão nos lugares... Se comparamos com jornalismo por exemplo, com o jornalismo escrito, numa redação por exemplo, enquanto existem 5 fotógrafos, existem 60 jornalistas. E estamos a falar de uma coisa pequena, uma redação pequena. Portanto para os jornalistas de escrita, há muito mais rotatividade, ainda que seja uma área muito difícil também, acaba por ser um bocadinho mais fácil, para eles poderem ter opções diferentes, as portas estão sempre a abrir e a fechar. Não é bem assim, mas generalizando é mais ou menos isto. Para os fotógrafos, é um bocado diferente, portanto, as pessoas que estão há 15 anos no jornal tão cedo só saem quando se reformam, certo. Agarram aqueles lugares, como qualquer um de nós agarraria, porque já é raro ter essa oportunidade de ter um contacto num jornal ou numa agência. Agência é um bocadinho mais fácil, ainda assim, mas mesmo assim é preciso ter muito trabalho para se conseguir estar numa agência com contrato. Mas aqui em Portugal então, é super complicado. Mas, então, o futuro não é propriamente fácil. Ainda mais difícil é, quando vemos pessoas mais novas a entrar no mercado de trabalho e a fazerem os trabalhos ou de graça, ou por muito pouco dinheiro, ou porque o filho do amigo também tira umas fotografias que até são fixes, e então as pessoas acabam por tentar ir mais por essa via porque não querem gastar dinheiro. Mas por um lado também vejo uma coisa boa, que é as pessoas cada vez também estão a entender que fazem uma vez com essas pessoas, duas vezes, e se calhar não gostam assim tanto dos trabalhos, e depois então numa terceira vez se calhar já vão pedir a um jornalista, a um fotógrafo profissional para fazer esse trabalho. Mas nos jornais é um bocadinho complicado. Eu honestamente tenho ouvido assim nos últimos anos, muitos sítios que dizem “-olhem vamos parar de chamar colaborador”, portanto é aproveitar como nós estamos agora e se calhar, daqui a uma semana não vai haver nada, se calhar daqui a um mês não vai haver nada e estar sempre à procura. Portanto, eu não vejo assim um bom futuro para isto. Nos meus últimos dez anos, dei-me bem portanto, ainda tenho esperanças.

Fim da transcrição.

2-Pepe Brix

A entrevista foi realizada e gravada no dia 06 de Fevereiro de 2017, via Skype.

Início da transcrição.

Marina Torre: O que é para si um jornalista cidadão?

Pepe Brix: Bom, o que é que é isso de ser um jornalista cidadão. Eu curiosamente comecei a fotografar porque o meu pai era fotógrafo, o meu avô era fotógrafo, apanhei um bocado essa paixão pela fotografia com eles. O meu avô, curiosamente também, antes de ser fotógrafo era artista de circo, sempre andou para trás e para à frente. E não sei se por isso, eu ganhei também muito o gosto pela viagem. E comecei a partir mais ou menos de 2005, comecei a viajar, a fazer inter-rails sozinho, e comecei aliar duas coisas que eu adorava, que era: fotografar e viajar ao mesmo tempo. Para mim era perfeito e ainda contínuo a fazer isso. E um dos meus principais objetivos é continuar a ganhar o suficiente, pelo menos para conseguir viajar. E com isso tudo à medida que fui fotografando, fui me apercebendo que sentia que havia determinadas coisas que eu gostava de reportar, mais do que outras, por exemplo: nunca fui uma pessoa de fotografar paisagens, sempre me dediquei muito mais à fotografia documental. Portanto, tudo o que tinha a ver com comunidades, com determinada atividade, seja lá o que for. Comecei a sentir essa necessidade de organizar essas histórias, de redigi-las além da fotografia. Porque inicialmente, eu acima de tudo, fotografava só e expunha, não escrevia grande coisa sobre o trabalho. E o que eu faço atualmente e agora também a trabalhar com o National Geographic, Diário de Notícias, etc., isso obriga-me um bocado a aprofundar um bocadinho mais essas histórias e a redigir qualquer coisa sobre elas. Ora, eu não deixo de ser um cidadão mais interessado por determinados temas em que procuro aprofunda-los, para poder partilhar essas histórias de uma forma mais aprofundada. Cabe-me a mim, agora enquanto jornalista e não tanto enquanto cidadão, ter a certeza ou certificar-me de que todos aqueles argumentos ou de que todos aqueles factos que eu recolho sobre essas histórias, são realmente verídicos, são realmente verdade. Para depois mete-los na minha história e partilhar uma visão sobre um determinado assunto.

Marina Torre: Então o que diferencia os profissionais dos amadores seria a parte da veracidade?

Pepe Brix: Eu diria que é a remuneração, acima de tudo. E mais, um jornalista profissional, depois acaba por ficar de certa forma comprometido. Porque uma vez que está a depender disso para viver ele tem obrigatoriamente que publicar, recolher informações, tem de partilhar essas histórias forçosamente e às vezes isso condiciona o trabalho dos jornalistas, acho eu. Um jornalista amador é uma pessoa que faz aquilo unicamente por gosto e acaba por ter alguma liberdade, porque também não está a depender disso, acho eu.

Marina Torre: Quais as vantagens e desvantagens que considera relativamente ao jornalismo cidadão?

Pepe Brix: A grande vantagem que eu tinha comentado contigo agora, é o facto de não estar a depender disso para viver, ou seja, o teu ordenado não é aquele. Isso deixa-te aqui algum à vontade, para podes as coisas com mais paixão, com menos preocupações, não tens aquela coisa de – ok eu preciso de agarrar histórias para partilhar, preciso disso para viver, preciso de publicar. Não, tu estás livre disso, olhas para um determinado assunto, apaixonas-te por aquilo, queres partilhar aquela história, e vais dedicar o tempo que tu achas que tens de dedicar àquela história para partilha-la da melhor forma possível. E acho que isso é uma grande vantagem.

Marina Torre: Quanto a esse conteúdo, criado por amadores, pensa que possa ser divulgado pelos meios de comunicação social?

Pepe Brix: Em muitos casos isso acontece. Tu já tens muitos canais noticiosos, que vão buscar, que uma das suas fontes são blogues, por exemplo de jornalistas amadores. Eu só acho que isso pode acontecer desde que essas agências noticiosas se certifiquem, que aquilo que lá está é realmente verdade. E claro que isso depois também com algum tempo, essas agências noticiosas já conhecem determinados blogues, já conhecem o jornalista amador e já sabem se é uma fonte segura, se não é. É como em tudo, todas as fontes tem de ser averiguadas, até tu as conheceres tens de ver se são uma fonte segura ou não. O jornalismo acima de tudo, tem de ter isso em conta.

Marina Torre: Que critérios pensa que podem ser utilizados para a publicar esse conteúdo dos amadores?

Pepe Brix: Acima de tudo depende dos trabalhos. Se estamos a falar, por exemplo de trabalhos de fotojornalismo, fotografia documental, há aí um critério, eu estou a falar disso

porque é a minha área, não é. Há um critério que tem a ver com uma seleção natural pela qualidade do trabalho, a forma como esse fotógrafo aborda esse assunto, a profundidade e a veracidade com que ele depois se debruça sobre esse assunto. Acima de tudo pela forma como ele rediz, depois essa informação, complementar essas fotografias. E em qualquer redação obviamente que a forma como isso é escrito, a qualidade do próprio português. Acho que também deve ser um critério.

Marina Torre: E das fotografias, neste caso?

Pepe Brix: E das fotografias nesse caso, uma questão de língua fotográfica. Também acho que deve ser abordada. Isso é muito relativo, pode ser seja o que for, o que está aqui em causa é entender o conceito com que aquele trabalho foi feito, e ver se realmente esse conceito é um conceito válido: se é interessante se não é, se é apelativo, se vai envolver as pessoas ou não, muitas vezes passa um bocado por aí.

Marina Torre: Que mudanças pensa que esse conteúdo amador pode produzir nas redacções?

Pepe Brix: Por um lado, acima de tudo aquilo que eu acho que viria acontecer, ou que está acontecer, pelo menos nas redacções que têm esse tipo de iniciativa, liberta um bocado também uma parte em que hoje em dia há menos investimento por parte dos jornais, dos canais televisivos, que é essa parte de investigação. Às vezes perde-se muito tempo na redacção. O que eu acho é que se houver mais atenção a esse jornalismo amador, sempre com muita atenção, exactamente por causa dessa questão, para não se banalizar a notícia também, e para não passar informação que não seja ruído. Ruído já há muito. Se houver esse cuidado de filtrar esse ruído nesses canais noticiosos amadores, eu acho que isso sobretudo vai libertar espaço para que esses canais jornalísticos possam estar mais à vontade para ou investigarem outros trabalhos maiores, que exigem mais recursos, coisas mais científicas, por exemplo. Investigações mais profundas. Portanto, eu acho que acima de tudo, a grande mudança era essa, libertar um bocado essas redacções. Ou pelo menos aproveitar recursos para assegurar essas redacções para outras investigações mais consistentes.

Marina Torre: A facilidade de manipulação das fotografias tornou-se um problema ou uma mais-valia?

Pepe Brix: Isso é assim. Vou ter de dar a minha opinião em relação a isso. Há muitos fotógrafos que começaram a fotografar já na era digital. E eu acho que essa discussão, acontece porque, eles não tem uma noção de como é que funcionava na altura da fotografia analógica. Tem se ideia de que na era da fotografia analógica, as fotografias eram publicadas exatamente como elas eram. Mas repara, um fotógrafo, que era fotógrafo e era um perito e laboratório fotográfico, que dizia uma coisa muito interessante que é: “ Um negativo é como uma partitura do compositor de música, a sua reprodução é uma interpretação do original.” Isso quer dizer o quê, tu quando pegas num negativo depois de o fotografar, tu podes interpretar aquele negativo de mil e uma formas diferentes. Podes querer que aquele negativo, depois quando seja impresso tenha muito mais contraste, muito menos contraste, podes fazer máscaras em laboratório que te permite escurecer só zonas pontuais da fotografia, como céus, zonas de sombra. Ou seja, o que acontece hoje em dia, com Softwares como Lightroom ou mesmo Photoshop, embora já não se edite fotografias com o Photoshop. Quase todos os fotógrafos usam programas semelhantes ao Lightroom. O que acontece é o Lightroom, é um laboratório digital, em que tu fazes exatamente as mesmas coisas que fazias antigamente, mas com muito mais facilidade e sem tantos desperdícios. Antigamente tu para fazeres uma cópia, em que ias fazer uma impressão de alto contraste, com cuidado específico no céu, dessa imagem por exemplo, tu ias gastar cinco ou seis folhas de papel para fazer testes. Hoje em dia, estás meia hora em frente da imagem, a olhar para o ecrã e editar até que ela fique da forma que tu queres. Portanto acho que é um bocado hipócrita até, discutir coisas como essas. Uma coisa é tu teres uma fotografia, apanhou um pássaro nessa fotografia e tu apagas esse pássaro, isso é uma coisa. Mas isso é adulteração da imagem, outra coisa é a edição da imagem. A edição permite também que os fotógrafos, acho eu, tenham uma linguagem própria na forma como apresentam o seu trabalho.

Marina Torre: Relativamente aos fotógrafos amadores, como é que pensa que esse conteúdo deve ser verificado? Pode ser manipulado ou não, então têm de arranjar uma forma de verifica-lo.

Pepe Brix: Eu acho que o conteúdo tem de ser tratado e isso é diferente. Estava precisamente agora quando me ligas-te a editar, estou a editar um trabalho que estou a fazer na Islândia, sobre a indústria de pescas da Islândia. E eu tenho uma linguagem que está associada a esse trabalho especificamente, estou-lhe a dar um tratamento. Esse tratamento passa por tu fazeres a seleção das imagens, e depois da seleção dessas imagens fazeres a edição, dessas imagens,

que é precisamente tratar as imagens, dar-lhe uma coerência, a nível da densidade, dar-lhe uma coerência a nível das cores, das tonalidades predominantes das fotografias. Isso não é adulterar a imagem. Isto é, eu estou a fazer um documentário fotográfico, este documentário fotográfico pretende passar uma mensagem, essa edição só me vai ajudar a otimizar essa mensagem. Portanto, eu não estou aqui a pegar na cabeça de ninguém e a por a cabeça do outro, nem estou a tirar o pássaro que estava lá, não estou a tirar um gato que eu não queria que estivesse lá não, não estou a fazer nada disso. É uma questão de tratamento da imagem, eu acho que isso é legítimo.

Marina Torre: Algum trabalho de algum fotógrafo amador já transformou o seu, seja sugerindo-o, seja limitando-o?

Pepe Brix: É uma pergunta complicadíssima. Porque há tantos fotógrafos amadores actualmente, chega a um ponto em que há até fotógrafos amadores que tiram remunerações desses trabalhos. E depois não sei até que ponto, eles deixam de ser fotógrafos amadores e passam a ser fotógrafos profissionais também. Mas as minhas grandes referências são fotógrafos profissionais, não tenho assim nenhum fotógrafo amador.

Marina Torre: Assim, nunca nenhum interferiu no seu trabalho?

Pepe Brix: Não. Eu acho que há espaço para todos, cabe depois ao público escolher aquilo que lhe interessa.

Marina Torre: A internet enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo?

Pepe Brix: Eu acho que a internet, num modo geral e dando especial atenção às redes sociais, e quem diz redes sociais diz todos aquelas canais de fotografia, que são utilizados como o “500px”, etc. Eu acho que veio ajudar, obviamente, que alguns fotógrafos amadores tenham ganho alguma projecção. E que se calhar alguns fotógrafos amadores, tenham deixado de ser amadores e passassem a ser profissionais. Tiveram essa visibilidade e dessa visibilidade tenham surgido oportunidades. Mas isso eu julgo que a internet acabou por influenciar tanto os fotógrafos amadores como os fotógrafos profissionais. Há muitos freelancers, que é o meu caso por exemplo, em que a internet foi uma alavanca.

Marina Torre: Então assim a internet veio revolucionar completamente, o fotojornalismo...

Pepe Brix: Sim, eu diria que sim. Antigamente os canais... 'Pra já abriram-se novos canais para publicação. Ou seja, tens mais espaço para publicar determinados artigos e antigamente tinhas os canais, que eram os canais impressos, que eram super limitados. Logo chegar a um lugar onde possas publicar alguma coisa era muito mais difícil. Hoje em dia, tens os jornais on-line em que as notícias são em muito maior quantidade nos canais online dos que os canais de impressão. E faz com que haja muito mais janelas de oportunidade, para muito mais gente estar a fotografar para esses canais.

Marina Torre: Quais as suas perspectivas para o futuro em relação ao fotojornalismo?

Pepe Brix: Eu acho que futuramente algumas coisas vão mudar nesses canais que estava a falar, que são os canais impressos e isso está a mudar. Acho que a maior parte das assinaturas da maior parte dos jornais têm vindo a reduzir nos últimos tempos, embora o pessoal da velha guarda faça sempre essa menção para que não se perca o gosto pela leitura física dos jornais. Eu pessoalmente, acho que a tendência, é otimizar essa consciência ecológica que nós estamos a ganhar agora e vamos otimizar esse conceito. E mais cedo ou mais tarde, os jornais vão acabar por desaparecer, acho eu. E claro, essa mudança vai se refletir no mundo dos fotojornalistas, é menos um canal, por assim dizer. Se calhar vão ser impressas coisas... livros sobre determinados assuntos, documentários fotográficos impressos como tu tens. Eu acho que isso é outro tipo de criação, são obras que as pessoas comprem quase para coleccionar. Mas a minha perspectiva de futuro é que cada vez mais se faça uso de canais online para divulgar os trabalhos e para noticiar aquilo que se vai passando.

Marina Torre: Acha que isso é uma vantagem?

Pepe Brix: Acho que não é bom, nem é mau, no ponto de vista em que é menos pesado ecologicamente. Portanto, é bom por aí. Mas a nível de jornalismo, acho que é o que é. É um caminho e acho que vale o que vale.

Fim da transcrição.

3-Miguel Proença

A entrevista foi realizada e gravada no dia 08 de Fevereiro de 2017, via Skype.

Início da Transcrição.

Marina Torre: O que é para si um jornalista cidadão?

Miguel Proença: Para mim, sei lá, é uma pessoa que provavelmente tem de ter alguma cultura para saber o que está a querer falar. Eu acho que é um dos grande problemas...é as pessoas que querem retractar alguma coisa, tem de ser algum tipo de cultura, tem de ter algum tipo de objetividade no que está a contar. Tem de ter algum tipo de, sei lá, este cidadão jornalista tem acesso, ou muitas vezes a locais ou a histórias que, digamos, os tradicionais não têm acesso. Acho que como cidadãos todos temos o dever de escrever algo que não esteja bem ou que não esteja de acordo como deveria estar neste caso.

Marina Torre: E quanto ao fotojornalismo?

Miguel Proença: Nessa perspetiva sou um bocado pessimista. Por exemplo, o Spot News, que é o estamos aqui a falar mais concretamente. Acho que essa profissão daqui a alguns anos vai desaparecer. Repara, a rapidez com que o cidadão jornalista tem acesso a estas histórias, a estas notícias...o fotojornalista que trabalha a Spot News, por exemplo os anos 60 ou nos anos 40, as notícias demoravam muito mais tempo a chegar às populações ou diversas regiões. E o fotojornalista tinha essa função de ir quanto mais rápido melhor, ir lá tentar fotografar, a tal situação ou ilustrar a tal notícia, digamos assim. Acho que essa prontidão que a Spot News já não tem devido ao avanço das tecnologias tenderá a desaparecer. Acho que o futuro, neste caso do fotojornalismo, será um tipo de história mais elaborada, mais profunda. O cidadão jornalista por não ter formação ou experiência, não conseguirá contar da mesma forma.

Marina Torre: Então o facto de vir a desaparecer, será uma desvantagem, neste caso?

Miguel Proença: Sim, uma desvantagem porquê, repara uma coisa, com a descoberta de... o mundo inteiro está ligado á internet. Ou seja com a descoberta das novas tecnologias noutras partes do mundo, com essa descoberta, com a experimentação, acho que...sei lá como hei-de de dizer isto de uma forma que não esteja a insultar as pessoas da minha classe. Acho que as pessoas vão conseguir tirar melhores fotografias, percebes. Ou seja, acho que essa função do fotojornalista de Spot News, vai se perder um pouco. E se calhar podemos, não sei se a pergunta mais à frente viria a surgir, mas o está acontecer agora, a fotografia sempre teve uma função essencial, tanto no jornalismo, como na arte, como na moda. E já há muitos “instagramers” que estão a cumprir a função dos fotógrafos profissionais para diversas campanhas de moda. Por exemplo, a Mercedes fez uma campanha, que eu nem sabia vi há pouco tempo, contratou dois “instagramers”. E eles foram lá a uma viagem aos Estados Unidos e quem tirasse as melhores fotografias do carro, iria ficar com um carro. Ou alguém que, por exemplo fotografa uns sapatos - imagina a Rita Pereira, nem sei se é Rita Pereira, aquela rapariga que faz as novelas - poderá fotografar uns sapatos e como ela tem milhares ou centenas de milhares de seguidores, já não precisa de existir um fotógrafo que fotografe esses sapatos de uma forma...

Marina Torre: Acabam por influenciar, os “instagramers” acabam por influenciar as pessoas...

Miguel Proença: Sim, dessa forma porquê, porque estas empresas, se calhar estamos a desviar demasiado o tema, mas estas empresas contratam estes “instagramers”. Estão mais interessadas não na qualidade do produto final como é a função da fotografia, mas mais nas audiências, com o lucro que podem gerar desses “instagramers”.

Marina Torre: Na sua opinião, pensa que o conteúdo criado por amadores deve ser divulgado nos meios de comunicação social?

Miguel Proença: Acho que depende. Nessa minha opinião não posso ser absoluto. Porque, repara por exemplo, o que aconteceu desde que surgiu estas plataformas, as tais plataformas como o Twitter, o Facebook, o Instagram. As pessoas ponderam contar as histórias que quiseram. Mas entretanto, *mainstream media* ou esses grupos de notícias, começaram se a aperceber que esse iria ser um método de sucesso. Ou seja, os cidadãos iriam ter um papel demasiado importante nesta matéria. Ou seja, o que eles também se começaram aperceber,

que teriam de criar alguma forma, tipo se calhar algumas plataformas que eles pudessem ir buscar algo. E acho que isto surge de duas formas: acho que teria interesse a existência dessas plataformas com uma supervisão, digamos assim, onde os jornalistas pudessem ir buscar algumas fontes. Mas não existir a selva que existe agora, que é uma verdadeira selva.

Marina Torre: Então que critérios é que acha que podem ser usados para publicação dos cidadãos?

Miguel Proença: É uma desvantagem deste método de jornalismo, digamos assim, porque estamos sempre a duvidar de algo porque não é feito porque alguém que é profissional, ou que se diz ser profissional. Mas desculpa podes-me repetir a pergunta?

Marina Torre: Que critérios é que acha que podem ser usados para publicar esse conteúdo de amadores?

Miguel Proença: Acho que estes amadores deviam, como eu te disse, ter alguma contribuição para alguns jornalistas que quisessem...mas a grande questão aqui é os governos investirem se calhar mais, não na compra de armas, mas se calhar mais na educação. Porque repara, só a formação das pessoas é que as vai conseguir perceber o que está errado e o que não é. Acho que é impensável cortar a liberdade às pessoas que querem, mesmo não estando correctas.

Marina Torre: Mas por exemplo, no ponto de vista dos meios de comunicação social, que critérios é que pensa que podiam usar para seleccionar esse conteúdo?

Miguel Proença: Eu acho que meios de comunicação tradicionais foram um bocado apanhados desprevenidos, com esta explosão dos ataques dos túmulos sociais, etc. Os escândalos financeiros que têm acontecido, que levaram estas pessoas a querer mostrar a indignação, etc. O que é que ia dizer a seguir... repete a pergunta, entretanto esqueci-me do que estava a dizer.

Marina Torre: Que critérios é que podem ser usados para os meios de comunicação Social, usarem esse conteúdo dos amadores?

Miguel Proença: Sim, como eu te tinha dito. Se calhar, ficamos na parte da educação dos governos gastarem dinheirinho, gastar mais dinheiro na educação. Mas se calhar serem mais objectivos, a maior parte das notícias que nós vemos agora tipo... azafama que a tecnologia

nos levou a ter, querem que os jornalistas estejam constantemente a criar histórias. Acho que devia haver um abrandar e uma revisão dos conteúdos que são publicados por parte desses grandes grupos de comunicação. Temos notícias, que no meu entender não servem para nada.

Marina Torre: Que mudanças é que pensa que a utilização de conteúdo produzido por amadores pode produzir nas redacções?

Miguel Proença: Já produziu, repara, o que eu disse ainda há pouco a quantidade de cidadãos jornalistas que existe agora é tanto e saem tantas notícias. Temos o exemplo do Ikilix, por exemplo não sei se se tu conheces o de Intersep, que foram criados a partir destes cidadãos jornalistas que arranjam financiamento e que passaram de cidadãos jornalistas e passaram a um grupo, digamos a um grupo independente de notícias.

Mas queria dizer outra coisa que me esqueci: Há o interset e há outro que se chama o...se calhar já conheces da CNN. Isto, já me perdi outra vez, não posso estar aqui a olhar para as notas, se não vou estar constantemente a perder-me. Desculpa-la, repete outra vez a pergunta.

Marina Torre: Que mudanças pode a utilização de conteúdo produzido por amadores pode produzir nas redacções?

Miguel Proença: Acho que a grande questão é a pressão exercida sobre estes cidadãos jornalistas, sobre estes novos digamos grupos independentes, estão a surgir perante as redacções, que se encontravam até agora bastante estabelecidas. Outra questão muito importante, é questão da sobrevivência de alguns meios destes de comunicação, por exemplo, enquanto estes cidadãos jornalistas nós temos acesso gratuito a muito dos seus conteúdos, nos jornais ou nesses meios de comunicação tradicionais temos que pagar. E muitos deles o que está acontecer é que as pessoas não estão aderir a esse pagamento, a essa compra de notícias entre aspas. E nesse aspecto acho que os cidadãos jornalistas estão a pressionar bastante estes grupos de comunicação.

Marina Torre: E quanto à facilidade de hoje em dia de manipular às fotografias, pensa que se tornou um problema ou uma mais valia?

Miguel Proença: Um problema. Falamos aqui na manipulação de imagens como podemos falar de outro aspeto, de manipulação de notícias, que foi a grande salanhada criada. Por

exemplo, o Trump na minha opinião é presidente dos Estados Unidos à custa disso. À custa dessa trapalhada que existiu, entre os cidadãos jornalistas, grupos de comunicação que não sabiam o que estavam a dizer, ou seja, criou aqui uma confusão na cabeça das pessoas, que foi tudo uma grande confusão e ele foi eleito presidente dos estados unidos. Acho que a manipulação é um dos grande problemas deste tipo de jornalismo, não só para o cidadão, mas também para os tais *mainstring media*, que vão buscar muitas das vezes essas pequenas notícias, lançadas pelos cidadãos e são obrigamos a gastar dinheiro e tempo a procurar a fonte, a veracidade dessas notícias.

Marina Torre: O mesmo acontece com a fotografia, então?

Miguel Proença: Sim. Não acontece, se calhar de uma forma tão... com uma dimensão tão grande que acontece com as notícias escritas neste caso. Acho que é mais difícil para um amador fazer uma manipulação do que um profissional. Há imensos casos, por exemplo de fotojornalistas que apareceram no Wordpress Photo, que fizeram manipulação mesmo sendo profissionais. Não falo tão em manipulação, mas por exemplo no que será aficionado. O que será tipo o fotojornalismo, o documentário, a realidade é relativa como é lógico, mas... é isso.

Marina Torre: Como é que acha que esse conteúdo poderia ser verificado?

Miguel Proença: Tem de ser, de alguma forma, tem de ser verificado. Imaginemos que houve cruzamento de diversas fontes dessa informação. Imaginemos que se a função de um grupo ou de um jornal é dar uma notícia e informar as pessoas, eu penso que terá de existir alguma objectividade nisso.

Marina Torre: Algum trabalho de algum amador já transformou-o seu, seja sugerindo-o seja limitando-o?

Miguel Proença: O meu trabalho?

Marina Torre: Sim, sim.

Miguel Proença: Não. Eu também não sou bom exemplo, porque eu não trabalho muito, como é que hei-de de explicar, eu trabalho mais em projectos longos.

Marina Torre: Direccionados para o fotojornalismo também?

Miguel Proença: Sim. Não um Spot News, não no momento. Mas acho que qualquer pessoa que trabalhe no Spot News, sente-se neste momento, sente ameaçado. Com este fenómeno do... Não é só isso, da fotografia, mas a página do jornal de notícias. O Público não porque o Público é um jornal mais, não sei como é que lhe hei de chamar. Mas o Jornal de Notícias, usa diversas vezes fotografias tiradas por cidadãos na capa. Estou-me a lembrar de uma notícia, que houve há pouco tempo, aqui perto de onde eu moro, e a capa era um “homezinho” no telhado, mas fotografado por um amador.

Marina Torre: A internet enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo?

Miguel Proença: Sim, sem dúvida.

Marina Torre: Por exemplo com uso das redes sociais.

Miguel Proença: Não só com o fotojornalismo, sei lá acho que agora há muito maior quantidade de imagens com melhor qualidade. Acho que por exemplo o surgimento do Instagram foi uma absoluta explosão desse surgimento de novos “pseudó” fotógrafos, ou aprendizes de fotógrafos. Não podemos comparar o que era a internet antes de existir o Instagram, depois de existir o Instagram. Até porque aqui nós temos outra questão, aqui temos a questão do, também temos uma questão se calhar de, como é eu hei de dizer isto... É importante que a questão que falamos há pouco, a questão das audiências, é uma questão que leva o Instagram, o instagram foi uma plataforma que possibilitou gerar negócios que antigamente, é um tipo de negócios que antigamente não existiam. As redes sociais, estou a falar do Instagram, mas se calhar também o Facebook, o Twitter, não que é mais focado. Mas há celebridades que não são fotógrafos, que não são jornalistas e vivem precisamente só das redes sociais, e da audiência que conseguiram criar de alguma forma, pelo que não seja maioritário mas...

Marina Torre: A utilização das máquinas fotografias, internet e telemóveis, vieram alterar o cenário do fotojornalismo?

Miguel Proença: Sim, vieram. Aqui se calhar não ponho, como se calhar estou a falar demasiado nelas, destas plataformas, do Instagram. Mas ponho mais se calhar, aqui o ênfase na evolução tecnológica. Porque, desde que surgiu o iPhone há fotojornalistas que trabalham só com o telemóvel, por exemplo. E nós temos publicações dessas, fotografias em livro, etc., com fotografias de smartphone, neste caso. Ou seja, é mais uma ferramenta que até então, não estava disponível para as pessoas, há quem grave, há quem faça documentários com iPhone.

Marina Torre: Quais as suas perspetivas para o futuro quanto à profissão de fotojornalista?

Miguel Proença: Sabes que antigamente, já tenho pensando algumas vezes nisto. Se nós fizermos uma analogia por exemplo, entre um jogador de futebol e um fotógrafo. Um jogador de futebol tem que jogar, tem de saber bem marcar golos, se for avançado tem de marcar golos, tem de controlar bem a bola, etc. Um fotojornalista, se trabalhar como freelancer, que é o meu caso, além de tirar boas fotografias e tentar dar o seu melhor, tem de ter um lucro. Um jogo de cintura para o marketing, porque agora o que acontece é que, eu quase que um dia destes os freelancers terão de pagar para trabalhar, está-me a parecer isso. Já não existem editores como existiam antigamente, devido a isto, ao surgimento destas plataformas, com tanta imagem que existe, já não existe aqueles editores, que se dão ao luxo de apreciar a fotografia de alguns fotógrafos. Os chamariam porque tinham o interesse de procurar o melhor fotógrafo, neste caso para o editorial que queriam fazer. Acho que as redes sociais tem algum peso neste tipo de, já me estou a repetir porque já tínhamos falado nisto. Sobre os tais “instagramers” da Mercedes, ou da tal celebridade que fotografou os sapatos. Percebes, acho que isto está a levar um rumo para a categoria do fotojornalista, para mim não vejo um grande futuro.

Fim da transcrição.

4-Daniel Rodrigues

A entrevista foi realizada e gravada no dia 08 de Fevereiro de 2017, via Skype.

Início da Transcrição.

Marina Torre: O que é para si, um jornalista cidadão?

Daniel Rodrigues: Para mim é transmitir através da imagem. Não sou jornalista, sou fotojornalista, que a minha função, ou seja, é reportar as coisas que eu vejo, reportagem através da imagem. Posso ter um bocado jeito para tirar fotos, mas para escrever sou um zero à esquerda. Para mim, ser fotojornalista é transmitir através das minhas imagens, problemas que acontecem quer em Portugal, quer no mundo inteiro. É a minha vida, é aquilo que mais gosto de fazer e já que não posso mudar o mundo, ou menos tentar com as minhas fotografias.

Marina Torre: E enquanto fotojornalista cidadão, o que pensa que é, como é que define isso?

Daniel Rodrigues: Acho que o jornalista cidadão é profissional, porque hoje em dia, como é que eu hei de explicar, qualquer pessoa é jornalista cidadão. Porquê, porque hoje em dia, qualquer pessoa tem um smartphone e acontece a notícia em frente dele, dessa pessoa. E ela começa a filmar, e depois um dia até para um jornal, ou até faz direto no Facebook, ou Instagram ou nas redes sociais. E há uma diferença para mim entre o jornalista cidadão e o jornalista profissional, eu não me considero um jornalista cidadão mas sim um profissional, um fotojornalista profissional, que é um bocado diferente, ou muito diferente. Pronto, para mim ser jornalista/fotojornalista é o que eu digo, é tentar transmitir os problemas que acontecem no mundo, redes sociais, outros tipos, pelos menos através das minhas imagens.

Marina Torre: Mas como é que define mesmo o fotojornalista cidadão? Eu sei que é profissional.

Daniel Rodrigues: Eu não me considero um jornalista cidadão, um jornalista cidadão para mim é uma pessoa comum que usa o seu telefone e faz notícia, repórter de notícia através do telemóvel. Isso é que é um cidadão normal, eu considero-me um fotojornalista profissional.

Marina Torre: Sim, eu sei que é profissional, quero saber a sua opinião em relação aos outros.

Daniel Rodrigues: Em relação aos outros é assim, acho que pronto é o futuro. E é o que está acontecer agora, qualquer pessoa possa fazer a sua notícia. Mas temos de ter muito cuidado, às vezes saem muitas notícias falsas, ou algo do género por causa disso, por causa dessa

chamado jornalista cidadão. Um jornalista cidadão não é profissional, ou seja, não sabe distinguir o que é verdade, o que é notícia, o que não é notícia e pronto sem falar na qualidade em termos de fotográficos. Estamos a falar em termos fotográficos, um fotojornalista cidadão é completamente diferente de um profissional em termos de qualidade.

Marina Torre: Então, uma das desvantagens seria por exemplo a falta de qualidade?

Daniel Rodrigues: Sim, em termos fotográficos. E depois mesmo, é o que eu digo, é preciso ter muito cuidado, às vezes com o jornalista cidadão, porque as vezes nem sempre é verdade que ele diz, o que não diz. E muitas notícias falsas acabam por acontecer por causa disso.

Marina Torre: Apesar de considerar essas desvantagens, considera que haja também vantagens em relação ao fotojornalismo cidadão?

Daniel Rodrigues: A vantagem que eu vejo é que faz com que a gente tenha, em termos profissionais, tenha, tenhamos ter mais rigor no nosso trabalho. Ou seja, há pessoas que dizem que as redes sociais e que os fotógrafos amadores é uma coisa má, eu não acho, eu não vejo que seja totalmente uma coisa má. Porquê, porque faz com que também, lutar mais e trabalhar melhor. Que é para as pessoas que que seguem o meu trabalho, as pessoas que veem fotografia, o fotojornalismo, saibam notar a diferença entre um profissional e um amador. Por isso nem tudo é mau, para mim até faz com que eu lute para ser melhor e que se note a diferença entre um profissional e um amador. É um incentivo, digamos assim.

Marina Torre: Então e na sua opinião, deve o conteúdo criado por amadores ser publicado nos média noticiosos?

Daniel Rodrigues: Na minha opinião, não concordo. Existem profissionais para alguma coisa. Quando tenho o meu carro avariado, não peço à minha avó para arranjar o carro, vou a um profissional, que é um mecânico. Embora ela possa perceber um bocadinho de mecânica, quero que seja um profissional. Aí é a tal diferença, em que nós profissionais sabemos o que é bom, o que é errado, como é que se faz e não o amador. Mas hoje, em dia, por causa dos smartphones e das redes sociais, cada vez mais é utilizado o jornalista cidadão.

Marina Torre: Que mudanças pode a utilização de conteúdos de amadores produzir nas redacções?

Daniel Rodrigues: Muita, porque hoje em dia, em vez de contratar profissionais, estão a despedir. Por isso, já se nota, não é só o facto de não venderem jornais em termos de papel, e não haver publicidade e acaba por haver crise nos jornais. Mas também, porque aproveitam-se muito das fotografias amadoras, do jornalista cidadão, para aproveitar as notícias e cada vez mais há menos profissionais nas redacções. O que é péssimo. E nota-se na qualidade do jornal, há jornais que não têm qualidade nenhuma a nível jornalístico e em termos de informação e tudo. E há outros que continuam com profissionais e contratam profissionais e dos melhores e a diferença é enorme.

Marina Torre: E quanto à facilidade de manipulação das fotografias tornou-se um problema ou uma mais-valia?

Daniel Rodrigues: É um bocado subjetivo, entre colegas já tivemos muita vez essa conversa. Sempre houve manipulação de imagem. Sempre houve, só que antigamente demorava dois dias a manipular uma imagem, porque era feito no quarto escuro e era tudo manual. Hoje em dia, temos o Photoshop e em dez segundos conseguimos manipular a imagem. Simplesmente há mais facilidade porque é mais rápido. E hoje em dia qualquer pessoa consegue mexer no Photoshop. Antigamente, ou ainda hoje, a câmara escura, é só profissionais e que entendesse da área que conseguia fazer. Mas manipulação de imagem sempre houve. É verdade que hoje em dia, com a nova tecnologia é mais fácil de fazer, mas sempre houve manipulação de imagem.

Marina Torre: Algum trabalho amador já transformou o seu, seja sugerindo-o, seja limitando-o?

Daniel Rodrigues: Tenho colegas meus que são amadores, e acho que podiam muito bem ser profissionais. Não quer dizer que sendo amador, que seja mau, ou que seja péssimo. Não, não estou a dizer que todos os amadores sejam péssimos. Já há muitos amadores, que nem sequer querem ser profissionais e são considerados amadores. É o caso em Portugal, do Rui Palha, ele considera-se a si próprio um amador. É considerado a nível mundial um dos melhores fotógrafos de rua, a nível mundial. E ele considera-se um amador. Por isso há muitos

amadores que são muito bons. O significado de amador, não é significado que seja de má qualidade.

Marina Torre: Nenhum trabalho então, interferiu no seu?

Daniel Rodrigues: Já, sim já aconteceu. Agora assim à primeira mão, não me recordo. Mas conheço muitos trabalhos de notícia na hora...Olha o último trabalho que me recordo, não é meu mas recordo-me dessa notícia, que foi uma explosão que houve na Petrogal em Matosinhos, em Lessa. E os jornais, como estavam lá amadores, os amadorres estavam logo na praia com os smartphones a tirar fotos, os jornais acabaram por aproveitar as fotografias dos amadores, em vez dos profissionais. Os profissionais chegaram dez minutos mais tarde, mas as fotos não diferenciavam muito. Só que o amador não tem de pagar, o profissional não tem de pagar.

Marina Torre: Pensa que a internet enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo (por exemplo: com as redes sociais virtuais)?

Daniel Rodrigues: É assim, foi bom e foi mau. Foi mau nesse aspeto, porquê, porque hoje em dia basta fazer um vídeo ao vivo no Facebook para as pessoas verem, ou um amador publicar no Facebook e haver partilhas. E já não interessa se foi um profissional e às vezes, são maus por causa disso. Mas também é bom para nós, porque é o maior site de amostra do nosso trabalho que a gente possa ter. Eu tenho o meu site, mas ninguém vai ao meu site – “Daniel Rodrigues tem um site, vamos ver as fotografias do Daniel Rodrigues, vamos ao site” – não. As pessoas seguem no Facebook, seguem no Instagram, no Twitter, nas redes sociais e vão vendo o meu trabalho. Ou seja, é a maior mostra de publicidade que a gente tem, ou seja, nem tudo nas redes sociais é mau. É bom para publicidade, para partilhar mensagens, tenho a certeza que reportórios que eu faço são mais vistos se eu publicar no Facebook do que só publicar no meu site ou num jornal português, por exemplo. O Facebook, tem aquela coisa das partilhas e dos gostos e acaba por ser um bom meio de passar a mensagem, do problema, da notícia. Ou seja, nem tudo é mau.

Marina Torre: Então a internet, as máquinas fotográficas, a facilidade de acesso e uso, veio alterar o cenário do fotojornalismo?

Daniel Rodrigues: Sim. Veio alterar a nossa maneira de trabalhar e de partilhar as notícias.

Marina Torre: Quais as suas perspectivas para o futuro quanto à profissão de fotojornalista?

Daniel Rodrigues: O futuro do...infelizmente, não concordo com isso mas tenho de o fazer, é cada vez mais o futuro do fotojornalista é também passar pelo vídeo. Muitas vezes, há jornais ou revistas, que contactam a perguntar se eu faço um serviço. E eu respondo sim, mando os meus honorários, depois eles dizem assim “- É verdade, mas também queremos que faça vídeo.” Ou seja, cada vez mais no futuro, o fotojornalista profissional vai ter de saber fazer vídeo. Por exemplo, eu trabalho para o New York Times, sempre fiz fotografia para eles. E agora estou a começar com o vídeo a 360 graus, que é o vídeo em que dá para ver 360 graus. E eu sou fotógrafo e faço e até é um projecto novo, dizem que é o futuro do jornalismo, os vídeos a 360 graus porque a pessoa sente-se mesmo dentro da reportagem, dentro da acção. Mas eu sou formado em fotografia. Ou seja, o futuro vai passar muito por aí. Porque aí está, numa fotografia quem gosta realmente de uma fotografia, vai ver. É assim, o fotojornalismo não vai morrer, há quem diga que vai morrer. Daqui a 15 anos, já não me recordo, vai morrer o fotojornalismo. Não acredito nisso, o fotojornalismo sempre vai existir, se calhar vai ser mais complicado do que é hoje em dia. Vai ser mais complicado, fazer fotografias, partilhar portefólios, ou publicar portefólios, ainda hoje o é. Por exemplo, há cinco atrás, era muito mais fácil publicar num jornal um portefólio sobre um tema importante, do que hoje em dia. Hoje dia, dizem que não há dinheiro, não há dinheiro para publicar reportagens. E pronto, a culpa é sempre do dinheiro, nunca há dinheiro. E agora, se for um vídeo, as pessoas, já há “shares”, já há cliques e com publicidade e tudo. Acaba por os jornais ganharem mais dinheiro com isso, acabam por optar mais pelo vídeo por causa disso. Acho que o futuro vai muito passar pelo vídeo.

Fim da transcrição.

5-Pedro Pina

A entrevista foi realizada e gravada no dia 16 de Fevereiro de 2017, via Skype.

Início da transcrição.

Marina Torre: O que é para si um jornalista cidadão?

Pedro Pina: Muito sinceramente eu nem sei se isso deveria existir, o jornalismo cidadão ou o jornalista cidadão. Os jornalistas, teoricamente tem de estar sujeitos a determinados critérios morais e éticos, aos quais os cidadãos, comuns entre aspas porque somos todos, não tem de estar. E teoricamente um jornalista, não é isso que se verifica sempre hoje em dia. Mas teoricamente um jornalista tem de respeitar determinadas regras, antes de publicar seja o que for e com isto, estou a falar de jornalismo em texto, em televisão, fotojornalismo, etc. A ferramenta muda, o jornalismo está sempre presente. O jornalista cidadão, muitas vezes nem sabe que critérios são esses. O que muitas vezes fazem é simplesmente divulgar que sabem, ou que conhecem, ou algo que tem acesso. Mas não se preocupam propriamente em confirmar fontes, em arranjar o contraditório. Ou seja, eu não sei. Acho que é importante, rapara, temos acesso a muito mais coisas, a muito mais informação, nesta Era da globalização e das redes sociais, e grande parte das notícias vêm através das redes sociais. Porque há cidadãos que fazem o papel do jornalista, mas acho que não deviam, não lhes devia ser dado uma credibilidade automática só porque estão no local, ou só porque estão lá. São bons para, não sei, ter acesso a uma primeira informação, ter acesso a uma base. Mas depois, o desenvolvimento tem de ser feito ou deveria ser feito por jornalistas que saibam quais são as regras no jornalismo. Não sei se isto respondeu exactamente aquilo que tu pedias.

Marina Torre: E quanto ao fotojornalismo ia pelo mesmo caminho?

Pedro Pina: Sim. No fotojornalismo, acho que se passa exactamente o mesmo. Repara, teoricamente, um fotojornalista não pode, e já houve vários casos destes, em agências, em jornais grandes. A Reuters já despediu alguns fotojornalistas por causa disto, tu teoricamente não podes retirar ou acrescentar elementos à fotografia. Todos nós fazemos uma pós-produção simples – mexemos nos contrastes, mexemos na luminosidade. Mas retirar elementos...as retirar elementos, ou acrescentar elementos à fotografia não deve ser feito. Um fotojornalista cidadão, se calhar não tem tanta, nem estou a dizer que seria uma coisa depositada ou consciente entre aspas. Mas se calhar estaria mais à vontade para alterar esses tais elementos numa fotografia para ela fique melhor ou para que fique mais apelativa, do que um fotojornalista que tenha noção que não pode fazer isso. E quando eu digo, alterar ou retirar e acrescentar elementos estou a referir-me também a situações e o local do momento. Há uns tempos, já foi há uns anos, falou-se numa fotografia que tinha... eu tenho ideia que foi isto,

não me lembro muito bem. Mas uma fotografia num cenário de conflito, num cenário de guerra, em que tinham colocado um peluche para dramatizar mais a fotografia. E acho que o fotojornalista, pegou no peluche e pôs lá um boneco, e pôs lá no enquadramento que ele queria fazer. Isto não é propriamente correcto, diria eu, porque já estás a alterar a realidade. Obviamente quando tu decides fotografar determinado enquadramento, em vez de outro também estás a escolher a tua realidade que tu queres mostrar. Mas ali já estar a alterar, não te sei explicar muito bem, se estas a modificar elementos que teoricamente não estariam lá se tu não tivesses lá, pronto. É verdade que é muito mais fácil para um jornal ou para uma agência ir procurar alguém que esteja no local de determinada notícia do que estar a enviar alguém para lá. As consequências disso é que vais ter uma qualidade bastante inferior a nível de imagem.

Marina Torre: Então, considera que uma das desvantagens seria, por exemplo, a manipulação e a falta de qualidade?

Pedro Pina: Sim. Se tiveres a falar da fotografia, sim. Eu acho sim, repara, tens muitos, principalmente nos últimos anos e eu já sou dessa geração, nunca trabalhei com analógico, com filme. Trabalhei sempre com digital, a fotografia democratizou-se neste momento tens: câmaras fotográficas com muita qualidade acessíveis a muita gente. E lá está, se não tens que revelar, não tens de ampliar não tens de fazer uma data coisas. Passou a ser muito mais barato tu trabalhares com fotografia. Mas depois tens esse problema é verdade, um fotojornalista acima de tudo é um jornalista, e lá está, tem de estar sujeito aos tais critérios de ética, moral, não pode tomar partidos, tem de ser isento, tem de ser objectivo. Obviamente que isso é tudo uma utopia. Mas temos de fazer o máximo para que seja assim. E eu acho que alguém que não aprendeu, não estou a dizer que não possa depois evoluir nesse sentido, mas alguém que não aprendeu esses valores, porque são valores que ensinam, que aprendi na faculdade. Pode não ter noção de que está a fazer algo de errado, ou algo que devia de estar a ser feito de outra maneira. E depois lá está, a qualidade também de nota. Por coincidência ou não, eu hoje tive a ler um artigo no blogue de fotografia do New York Times, cujo título é “O futuro incerto do fotojornalismo” e é uma entrevista a um editor de fotografia, que trabalha na área há 40 anos. E ele diz exactamente isso, ele utilizou uma expressão que eu achei genial – “A fotografia nos últimos anos, tornou-se a fast food para os editores.” – é muito mais prático e muito mais barato, tu ires à internet procurar alguém que esteja no local onde queres fotografar e contratar essa pessoa por metade do preço, do que estares a enviar alguém para lá, pagar viagens de avião, pagar alojamento e essas coisas todas. É muito mais prático e muito mais aliciante, para um editor, para quem tem de gerir o dinheiro, arranjar alguém que não seja propriamente

fotojornalista. Obviamente que depois pode encontrar fotojornalistas lá, mas nem sempre isso acontece. Então e como há muita gente, que se disponibiliza para trabalhar em condições menos boas, a ser mal pago, sem grandes garantias e eles aproveitam. Enquanto houver essas pessoas que se sujeitam a trabalhar por valores mais baixos, isso vai continuar acontecer. E a verdade é que depois a qualidade da imagem no geral vai diminuir.

Marina Torre: E quanto às vantagens desse fotojornalismo cidadão?

Pedro Pina: Há, sem dúvida. Repara, queria dar-te um exemplo concreto mas não me estou a lembrar de nenhum. Mas se acontece alguma coisa no sítio onde determinado meio de comunicação social não tem ninguém, é muito mais fácil tentar contactar as pessoas de lá, para que tentem recolher informações do que está acontecer. E quando eu digo informação, pode ser um texto, um depoimento áudio, pode ser fotografias, pode ser vídeo. Toda a gente tem um telemóvel hoje em dia, toda a gente tem um smarphone, As fotografias dos smartphones já têm bastante qualidade, E lá está, é muito mais prático, é muito mais fácil para quem tem de gerir meios, o jornalismo cidadão. Não ter de enviar ninguém, estar lá naquele momento logo. Para além disso, eu não vejo grandes vantagens, muito sinceramente. Mas também nunca pensei muito nisto.

Marina Torre: Voltando ao assunto da manipulação de fotografias, a facilidade de manipulação, pensa que se tornou um problema ou uma mais-valia?

Pedro Pina: A manipulação, acho que é sempre um problema. Com manipulação eu quero dizer, retirar ou acrescentar elementos à fotografia, que não estivessem lá ou que não estivessem lá e que tu não os quisesses lá. Porque na fotografia isso não me chateia. Se fores fazer publicidade, se fores fazer um editorial de moda, se fores fazer o que quer que seja, isso não me chateia nada. É perfeitamente legítimo. Agora, o objectivo do fotojornalismo tal como do jornalismo, é informar e constatar a realidade, como ela é. Como nós a vemos, tentando ser o mais objectivo possível. Se estamos a manipular a realidade, então não estamos a fazer bem o nosso trabalho. E isto da manipulação de fotografias há vários exemplos. Estou a lembrar-me agora de um, acho que foi da Reuters, num cenário de guerra também, em que um fotógrafo, um fotojornalista enviou uma fotografia, não sei se estavam a ser disparados uns mísseis ou tinha acabado de haver uma explosão, e havia algum fumo na fotografia. E o que ele, exato estavam a ser disparados uns mísseis, ele copiou, fez um copy-past relativamente simples. E acrescentou mais dois mísseis à imagem e aumentou a quantidade de fumo que lá estava. Não é que isso fosse ter um impacto muito grande, porque repara, os mísseis estavam lá, o fumo estava lá. Ele acrescentou mais alguns para dramatizar mais a imagem. Um

fotojornalista cidadão, se calhar olhava para aquilo, fazia aquilo. E pensava: “não há-de haver grande problema, estamos em guerra, e eu estou a mostrar a guerra, o que estou a fazer é a mostrar um bocadinho mais daquilo que lá está”. Mas ali o que estava em causa são os valores, teoricamente nos temos que mostrar aquilo que está, ponto final, sem manipular a realidade.

Marina Torre: Na sua opinião, pensa que o conteúdo criado por amadores deve ser divulgado nos meios de comunicação social?

Pedro Pina: Não sei, muito sinceramente, não sei. Todos os jornalistas tem editores, e teoricamente, apesar de não acontecer muito hoje em dia, com a necessidade que há de colocar notícias on-line e artigos e encher chouriços entre aspas. Alimentar um site 24 horas, e alimentar canais de televisão 24 horas por dia. Muitas das notícias que são publicadas, não são revistas por isso é que todos os dias tu vês notícias com erros, notícias com dados incorretos, etc. Eu não me choca que as notícias feitas por jornalistas cidadãos, sejam publicadas, desde que alguém com noções de jornalismo tenha a capacidade de rever essas notícias, de confirmar, principalmente de confirmar. Repara, se alguém no interior de uma administração qualquer, seja de uma empresa seja de um governo, que tenham acesso a determinados dados que sejam importantes e que sejam para informar o público, a população. Não me choca que eles escrevam texto ou que façam um depoimento qualquer, agora antes de ser publicado, acho que tem de ser revisto e tem de ser confirmado. Porque se não, há uns tempos surgiu um site, não sei se é muito antigo eu não tomei conhecimento há relativamente pouco tempo, que é o “Ser Noticias”, se não me engano. Em que qualquer pessoa pode chegar ao site, escrever uma notícia, por uma fotografia e partilhar. E aquilo aparece no Facebook como se fosse uma notícia verdadeira e um meio de comunicação social verdadeiro. A não ser que tu entres no site, e que vais ao site e la dentro consegues perceber que é um site de noticias falsas entre aspas, noticias inventadas. Mas há tanta gente a partilhar coisas no Facebook sem abrir, vê o título, vê o lead e partilha, a acreditar que aquilo é verdade. E isso estás a criar desinformação, estás desinformar as pessoas e elas vão tomar decisões com base em informação que não é verdadeira. Por isso, não sei se concordo exactamente, acho que informação obtida através de um cidadão jornalista sem dúvida que deve ser tomada em conta, deve ser analisada, e eventualmente utilizada para escrever alguma coisa. Porque repara, há muitos jornalistas cidadãos com blogues. O que é que me diz, quem é que me garante, que a pessoa que escreve aquele blogue, de vez em quando não inventa uma coisa qualquer. E tu podes me perguntar o que é que me garante a mim que alguém que escreva alguma coisa no jornal não inventa. Neste momento nada me garante. Eu sou um bocado

ingénuo e gosto de acreditar que as pessoas, que as pessoas tem bom senso e que respeitam alguns valores. Mas muito sinceramente hoje em dia, e é por isso que eu estou cada vez mais desiludido com o jornalismo, são publicadas mentiras em meios de comunicação social. São publicadas mentiras e ninguém é responsabilizado. Por isso olha, não sei. Será que devem publicar notícias os jornalistas? Tendo em conta a forma como o jornalismo é feito, se calhar sim olha. Se calhar até fazia bem. Mas ingenuamente vou te responder que não. Que sim senhor, que a informação deve ser analisada, deve-lhe ser dada alguma importância. Mas não deve ser publicada sem ser confirmada primeiro.

Marina Torre: Então, um dos critérios seria a confirmação da informação?

Pedro Pina: Sim, repara que é o que todos os jornalistas fazem. Qualquer jornalista se recebe informação de uma fonte, não devia publicar sem confirmar pelo menos noutra fonte. E isso não acontece. Conheces o António Granado?

Marina Torre: Sim.

Pedro Pina: Sim, pronto. António Granado, hoje fez um post no Facebook. Ele fez um post no Facebook que diz respeito à auditoria que devia ter sido feita às contas de Belém. E o Observador pegou agora no post dele, exactamente por causa disso. E ele diz que... desculpa lá, deixa-me só encontrar aquilo. Ainda por cima, a auditoria de Junho de 2016, tinha sido confirmada ao DN por uma fonte oficial de Belém. O Diário de Notícias, fez uma notícia com base, numa fonte oficial de Belém. Teoricamente é uma fonte credível, mas pelos vistos, não era. Porque não foi feita nenhuma auditoria. Ou seja, qualquer jornalista, recebeu aquela informação e devia ter confirmado. É verdade que uma fonte oficial de Belém, teoricamente seria credível. Repara, se tu recibes uma informação directamente de um ministro, vais acreditar que ele está a dizer a verdade. Mas às vezes pode não acontecer. Eu acho que sim, que o mais importante é a confirmação da informação, que e obtida. Normalmente através de outras fontes, investigar mais, explorar mais. Para garantir que a informação que obtivemos, e verdadeira.

Marina Torre: Que mudanças é que a utilização de conteúdo amador pode produzir nas redacções?

Pedro Pina: Conteúdo amador eu acho que não devia ser usado nas redacções. É como te digo, devemos utilizar a informação, que obtivemos através dos cidadãos e tentar explorar mais, tentar investigar mais. Mas, e daí talvez não. Repara, imagina que aconteceu uma explosão em Sines na refinaria. E não há um único fotojornalista lá, e as únicas pessoas que la

estão, estão a tirar fotografias com o telemóvel ou a fazer vídeos. Nesse caso, não me choca propriamente. Depois de confirmar que realmente as fotografias são daquele sítio, não são de outro sítio, ter alguma garantia que não foram manipuladas, etc. não me choca nada utilizar conteúdos feitos por amadores. Porque muitas vezes são a única fonte de informação. Mas acho que não deve ser feito de ânimo leve. Agora ia dar um exemplo, mas não me lembro. Mas sim, acho que não deve ser feito de ânimo leve, não me choca que utilizem, se for a única fonte de informação.

Marina Torre: Mas esse conteúdo deve causar algumas mudanças nas redacções?

Pedro Pina: E tem causado. Não só o facto de haver conteúdo amador, mas também o facto de, e agora referindo mais ao fotojornalismo, de a imagem ter cada vez menos importância no jornalismo. Ou pelo menos, segundo quem manda. Continuo achar que tem muita importância, mas quem manda pelos vistos, acha que não. E lá está, se tu consegues meter um jornalista a ir para o terreno com o microfone, gravador de som, uma câmara de filmar e o telemóvel para filmar; tens uma pessoa a fazer as três coisas. Sai muito mais barato para o dono do jornal, são menos despesas. Mas vai refletir-se na qualidade, não tenho as dúvidas disso. E isso acontece muito, hoje em dia, estão a reduzir a qualidade para evitar despesas. E aquela entrevista que eu te falei, à bocado do New York Times, ele fala também disso. Que é, hoje em dia, é quase impossível, tu seres só fotojornalista. Se queres ganhar a vida com fotografia, é quase impossível seres só fotojornalista. E o exemplo que ele dá, e foi isso que eu disse um bocado no “mail” e é isso que faço também. Ele diz que vais ter conseguir fazer ou vais ter que saber fazer: fotografia de casamentos, fotografia empresarial, fotografia de eventos, e ocasionalmente vais fazendo um bocadinho de fotojornalista. Cá em Portugal, eu acho que fotojornalistas a trabalhar com contrato de trabalho, sem estarem sem serem freelancers, sem estares a recebidos verdes, não são muitos. Tens os da Agência Lusa e não são todos, mas a maior parte deles são todos. E depois tens alguns nos jornais, mas lá está muitos deles, são contratados ao serviço, ao dia, e são mal pagos a verdade é essa. E eu falo por experiência própria, eu tenho de trabalhar para além do fotojornalismo. E o meu principalmente cliente em questões de jornalismo é a RTP, eu trabalho com o online da RTP, ultimamente até tenho feito mais vídeo do que fotografia na RTP. Filmar entrevistas, tudo para o online, não para a televisão, tudo para o online. E depois faço outro tipo de fotografia, tenho outros clientes, e vou-me safando assim, faço uns casamentos de vez em quando durante o ano. E tens grandes fotojornalistas que pertencem à Seven ou à Magnum, que para conseguirem fazer aquelas grandes reportagens, tem de fazer publicidade. Conheces do Paolo Pellegrin?

Marina Torre: Não.

Pedro Pina: Investiga então, que vale a pena. Ele é fotojornalista da Magnum e é fenomenal. E é dos fotojornalistas mais bem conceituados. Ele para conseguir fazer as reportagens que faz ao longo do ano, ele tem de fazer trabalhos de publicidade ao longo do ano, para ganhar dinheiro, para poder deslocar-se, para poder pagar alojamentos, para poder pagar a tradutores, etc. Ou seja, ele para fazer o trabalho de jornalista tem de fazer publicidade. Isso não faz sentido nenhum.

Marina Torre: Não tem nada a ver uma coisa com a outra, não é.

Pedro Pina: Não e teoricamente, tu como jornalista nem sequer podes fazer publicidade. Tens de saber separar as, coisas obviamente. Mas repara, se ele quer fazer uma reportagem qualquer de fundo, para um sítio qualquer remoto, tem de organizar uma serie de coisas e tem de gastar algum dinheiro. E esse dinheiro vem da publicidade, vem dos trabalhos de publicidade que ele faz. Porque se não, não ia conseguir. O jornalismo e o objetivo dele é esse é tentar mudar o mundo, tentar melhorar o mundo. Para isso tem de fazer exactamente o oposto, tem de se vender entre aspas.

Marina Torre: A internet enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo (por exemplo: com uso das redes sociais virtuais)?

Pedro Pina: Sim. Mas repara, é a tal coisa. É como te digo, desde que a fotografia se democratizou entre aspas e ficou muito mais acessível, para a grande maioria das pessoas é muito mais fácil. E depois também mesmo em questões de formação tu tens tudo na internet. Tu consegues ter acesso, consegues aprender uma data de coisas na internet. E então, eu quero dizer milhões mas não vou arriscar, há centenas de milhares de fotógrafos excelentes, muito bons mesmo que ninguém conhece. E a única maneira de eles se darem a conhecer é: Facebook, Instagram... Eu sigo uma data de fotógrafos no Instagram, que não tem assim tantos seguidores, muita gente não conhece, e que são geniais, do meu ponto de vista, e que são geniais. Eu acho que aí, a questão é a mesma que a do jornalismo em geral. Sim, veio alterar um bocadinho, mas cabe um bocado às pessoas, também escolherem aquilo que querem ver e que acham que é bom para elas se informarem. E é um bocadinho igual, tu tens tantas opções, escolhes tu o que achas que é o melhor para ti.

Marina Torre: Algum trabalho amador já transformou o seu, seja sugerindo-o, seja limitando-o?

Pedro Pina: Não. Quer dizer, já sim. Há uns anos pediram me para fotografar um dos festivais de verão, não me lembro se era o Super Bock Super Rock, se era o Alive, se era o Rock in Rio, já não nem sei. E eu dei-lhes um orçamento e a resposta deles foi esta – “ Olha isso é demasiado dinheiro, nós temos gente, arranjam um fotógrafo que vem fotografar isto por dois ou três bilhetes para o festival.” E repara, essa pessoa na realidade está a tirar trabalho, se calhar nem faz disso vida, e está a tirar trabalho a quem faz disso vida, a quem precisa daquele trabalho para pagar contas. Não é o meu caso, isto é um “apartezinho.” Vou te explicar mais ou menos a minha situação. Posso dar-me ao luxo de recusar trabalhos, quando acho que o valor que me estão a oferecer não é suficiente. Há pessoas que não podem fazer isso. Eu consegui juntar algum dinheiro no banco, ou seja, não ando a viver o dia-a-dia. Não ando a pagar comida dia-a-dia. Posso dar-me esse luxo. E tento não estragar o mercado, eu tenho os meus valores e normalmente não cobro abaixo desses valores. Mesmo que as pessoas tentem negociar, não, é o meu valor. Repara, tu não entras, na Fnac uma máquina fotográfica custa 500€, tu chegas lá e dizes – “ eu dou 350”. Isso não acontece, é o meu valor, é isto que eu cobro. Se não tiverem dinheiro, o problema muitas vezes não é ter dinheiro, é acharem que conseguem fazer o mesmo por menos. E depois as coisas não saem tao boas. E o que me irrita um bocado é que as pessoas se conformam com uma qualidade menor, desde que não paguem tanto. Depois às vezes arrependem-se. Ainda há uns tempos, vi um post, num site de fotografia e que era respostas a orçamentos. Os fotógrafos enviavam orçamento e depois obtinham as respostas. E publicaram, tudo anónimo, as melhores respostas que eles já tinham conhecido. Houve um que disse, que pediram um orçamento para um trabalho, para fazer umas fotos de família ou uma coisa assim. E então acho que ele fez metade das fotografias, e depois a mulher dessa família, decidiu que ia fazer as restantes. Então pagaram-lhe menos, e ele - “Ok, não há problema nenhum.” Depois enviaram-lhe as fotografias, as que mulher tinha tirado e pediram - “Olhe faça aí uma edição para ficarem parecidas com as suas que estão muito melhores.” Pois estão, por isso é que pagaram, para garantir que iam estar melhores. Ou seja, sim, já me aconteceu eu ficar sem trabalho, por alguém ou que cobrasse menos, ou que não cobrasse, ou que pagasse em refeições, ou bilhetes. A mim não me chateia muito, porque lá está, eu posso dar-me ao luxo de recusar esse trabalho e vou conseguir pagar as contas e vou conseguir comer no final no mês, até ver. Até ver vou mas essas pessoas, estão a estragar o mercado de trabalho, porque imagina que elas estão a começar e fazem isso. Se por acaso ate são boas, quando lhes forem pedir trabalho outra vez, e se elas aí já cobrarem mais. Eles dizem - “Então da outra vez foi só dois bilhetes e desta vez já estas a cobrar dinheiro”- e os empregadores habituam-se a pagar pouco, ou pagar de outras formas. E se têm essa opção, e lá está, não se importam com a qualidade das imagens. E claro, isso depois vai

ter consequências na qualidade geral da comunicação social aqui e não só aqui, lá fora também. A CNN, há três anos ou há dois anos despediu, despediu 20 e tal fotógrafos que estavam nos quadros. Passou a trabalhar só com fotógrafos freelancer. Depois habilitam-se que as coisas não saiam tão boas, a verdade é essa.

Marina Torre: Quais as suas perspectivas para o futuro quanto à profissão de fotojornalista?

Pedro Pina: Acho que o fotojornalista terá de se adaptar, porque eu sinceramente não vejo isto...No entanto, já vê alguns meios de comunicação social a contratar fotógrafos, e agora com a questão do World Press Photo, com a fotografia vencedora, houve muita gente que disse, comentou – “é por isto que nós precisamos de fotojornalistas, e não de pessoas com telemóveis, ou pessoas que não tenham noção.” Se calhar, qualquer outra pessoa não tinha tido o sangue frio para fazer aquilo. Já viste a fotografia vencedora do World Press Photo?

Marina Torre: Não.

Pedro Pina: Foi quando o embaixador Russo da Turquia, foi morto numa inauguração de uma exposição. Estava lá um fotojornalista que fotografou o tipo de o matou com a mão no ar, com a pistola no ar, e o embaixador morto lá atrás, pronto. Qualquer outra pessoa, e eu estou incluído nesse saco, não ia ter coragem de fazer aquela fotografia. E o tipo teve...teve o sangue frio para pegar na máquina e disparar, arriscando-se a levar um tiro. Pronto, em relação ao futuro, eu não vejo isto a melhorar. Não vejo os donos da comunicação social, a ganharem consciência da importância da fotografia. E agora cada vez mais porque, todos os meios de comunicação social mesmo as rádios e as televisões estão no online agora, ou seja, toda a gente precisa de fotografia. Há 15 ou 20 anos as rádios não precisam de fotografia, não tinham site. E a mim chegou acontecer-me eu ir para Paredes de Coura fotografar para Atenta 3, para o site da Atenta 3. E quando me perguntavam para onde é que eram as fotografias eu respondia Atenta 3, e as pessoas -“mas Atenta 3 é uma radio.” Hoje em dia, todos os meios de comunicação social precisam de fotografia. E eu não os vejo a ganhar consciência da importância que isso tem, que a imagem tem. Por isso eu não estou muito otimista, eu sou otimista, mas eu relação a isso não estou muito otimista. E parece-me que quem quer trabalhar em fotojornalismo, vai ter de se adatar. Ou fazer de vez em quando ou fazer fotografia de outro tipo para conseguir pagar as contas. Porque cá em Portugal pagam, ou estão a pagar muitas vezes... há empregadores que pagam 40€ ou 50€ por serviço. Isto, antes de imposto, antes de passares ou recibo ou seja, tu para ti vais receber 30€. 30€ não é nada. Não é nada, se tu tiveres um por dia, é muito pouco. Estas a ganhar, em oito horas de trabalho,

estás a fazer 4€ à hora. Um bocadinho menos, não é nada. Por isso não estou muito otimista. Eu sinceramente, gostava que quem mandasse nisto ganhasse uma consciência da importância do fotojornalismo e da fotografia na comunicação social. Mas não sei, é esperar para ver.

Marina Torre: Dá-se muito mais importância à escrita do que há fotografia?

Pedro Pina: Hoje em dia, talvez até ao vídeo também, mas mesmo em relação à escrita. Eu acho que se dá mais importância aos “likes”, e às partilhas, e às visualizações. Porque depois disso tudo vai ter consequências, na publicidade consegues vender e no dinheiro que depois acaba por entrar. E se não consegues chamar pessoas para o teu site, não vais ganhar dinheiro. Mesmo a escrita não sei, a necessidade de produzir conteúdo para alimentar meios de trabalham 24 horas por dia, quando muitas vezes esse conteúdo não existe. Ou seja tu estás a inventar entre aspas notícias, que não são notícias nenhuma. Não tem valor notícia aquilo, lá está é para o “like”, é para a partilha, para ganhares dinheiro ao final do mês. Tenho vindo aperceber-me disto, e estou cada vez mais desiludido com o jornalismo que se faz hoje em dia. Obviamente que há exemplos fenomenais. Como é o caso do Mário Cruz, não sei se conheces, é fotojornalista.

Marina Torre: Sim, sim.

Pedro Pina: Pronto. Ganhou o World Press Photo o ano passado, e ele foi sozinho para Africa, fazer uma reportagem sobre tráfico de crianças e a utilização das crianças para pedir esmola, basicamente são escravos, pronto. E ele conseguiu, é incrível e isto orgulha-me de uma maneira, é quase como se tivesse sido eu a ir lá, com esse tipo de orgulho. Ele conseguiu mudar a vida de algumas daquelas crianças. E nem que fosse só uma ou duas, ele salvou a vida daquela uma ou duas e foram mais. Nos dias a seguir à reportagem ter sido publicada, acho que foram logo quase 30 crianças que foram resgatadas. Ele mudou o mundo. Ele salvou aquelas crianças e lá está, como ele há muitos outros exemplos de jornalistas que realmente fazem jornalismo, que tentam melhorar isto, melhorar o mundo em que nós estamos. Mas eu arrisco dizer que a grande maioria das pessoas, principalmente os que mandam, quem gere os meios de comunicação social não se interessa por isso. Interessam-se por ganhar dinheiro e é o dinheiro que... e a publicidade que dá dinheiro por isso interessa é vender. E não interessa propriamente o jornalismo em si. E isto aplica-se tanto ao fotojornalismo, como ao jornalismo escrito, televisão, rádio, etc.

Fim da transcrição.

6-Inês Costa Monteiro

A entrevista foi realizada e gravada no dia 05 de Março de 2017, via Facebook.

Início da transcrição.

Marina Torre: Como define Jornalismo Cidadão?

Inês Costa Monteiro: Eu acho que hoje em dia, cada vez mais se misturam estes dois termos. Ou seja, se há 30 anos, 40, a profissão estava muito afastada da sociedade. Ou seja, o jornalista era uma pessoa que desempenhava o seu papel perante a sociedade, hoje em dia cada vez mais um mero cidadão também é jornalista. Com a internet e principalmente com os *smartphones*, os acontecimentos estão mais próximos de cada um, de serem retratados. Não sei se me estou a fazer entender, ou seja, se antigamente por exemplo, acontecia qualquer coisa e era preciso ser um jornalista a retratar aquele acontecimento, hoje em dia não. Hoje em dia, qualquer pessoa que esteja lá pode retrata-lo, pode desempenhar o papel do jornalista. Seja com vídeo, seja com uma fotografia, seja com um post no Facebook, depende. Mas para mim, o jornalista cidadão, é uma pessoa que simplesmente se interessa e que desempenha ambos os papéis. Ou seja, não só o papel de cidadão, de olhar e de ver e de reparar e de funções em sociedade, mas também o papel de jornalista, que é o de descrever e o de mostrar às pessoas, e o de espalhar a mensagem. E pronto, acho que é isto.

Marina Torre: Quais as vantagens que considera que existam, em relação ao jornalismo cidadão?

Inês Costa Monteiro: É assim, tendo em conta que a maior parte das pessoas não sabe como funciona o jornalismo, tanto o bom como o mau jornalismo. E efectivamente o que é o jornalismo. Porque é assim, nós aprendemos coisas muito bonitas, sobre o jornalismo, mas ambas sabemos que o jornalismo não é assim tão transparente. Não é assim tão eficaz, como realmente nos tentam mostrar na faculdade. E o lado bom do jornalista cidadão, ou o cidadão jornalista, que eu acho que é mais esta segunda, é o facto de ser uma coisa crua. Ou seja, se tu és jornalista e tens ordens dos teus editores para fazeres a peça A, B ou C quando vais para um determinado local que aconteceu alguma coisa, seja lá que coisa é essa. Tu vais tratar aquilo de forma diferente e hoje em dia com a internet e com os cliques, vais tratar aquilo da

forma mais sensacionalista possível. Se tu fores um mero mortal, tu simplesmente vais descrever aquilo como os teus olhos e como os teus valores te estão a mostrar. Ou seja, tu não vais estar a pensar que se fizeres um vídeo da criança que foi morta, te vai render mais cliques do que se fizeres um vídeo do panorama geral, que são as pessoas em pânico, ou os bombeiros a chegarem aflitos a mãe a - “perguntar pelo meu filho”. Entendes o que estou a querer dizer, ou seja, nós temos truques, os jornalistas usam truques. E as vantagens de hoje em dia qualquer pessoa normal, pode ser jornalista é que esses truques ficam um bocado em desvantagem perante o olhar normal da pessoa. E pronto, basicamente eu acho que isso é uma das grandes vantagens que isto nos trás, ou seja, são vários olhares do mundo várias visões, varias perspectivas. Ate mesmo para se calhar chegar a uma verdade, aí mais estudada, se calhar estas várias visões ajudam-nos muito. Ou seja, imagina que aconteceu um atentado uma coisa qualquer ali na baixa, no Rossio. Se tu tiveres montes de pessoas a gravar, a recolherem áudio, atentas simplesmente. Tu com esse material, tu vais muito mais conseguir formar um puzzle sobre realmente aquilo que aconteceu. E acho que isso é vantajoso para nós a longo prazo, se calhar.

Marina Torre: Considera que também exista desvantagens em relação ao jornalismo cidadão?

Inês Costa Monteiro: Para a profissão, obviamente que existem, não é. Hoje em dia qualquer pessoa pode ser fotógrafo, como pode ser jornalista. Mas a questão é que eu também acho que a própria profissão esta um bocadinho mal desenvolvida. Porque é assim, tu tens muitas pessoas, é isto já não é de agora, que vão estudar comunicação social, vão estudar jornalismo e efectivamente sabe imenso sobre as teorias da comunicação, sobre os truques, sobre como fazer noticias, é verdade. Só que a questão é que o jornalismo, prende-se essencialmente com cultura geral, nada mais, ou seja, tu podes saber escrever muito bem, mas se tu não sabes falar sobre economia, politica, desporto, não sabes quem é que ganhou o ultimo europeu, e o jogador que levou uma cabeçada da selecção da Ucrânia, isso não te vai trazer vantagem nenhuma. Eu acho que se calhar, é isto uma das maiores desvantagens, mas que no fundo não é uma desvantagem porque é uma coisa que sempre aconteceu. Ou seja, tu vais ter sempre pessoas que sabem imenso sobre política, sobre engenharia, medicina, ou “whatever”. Elas podem ser jornalistas porque elas têm o verdadeiro conhecimento, se calhar não tem o dom da palavra, mas o dom da palavra é uma coisa que se treina a longo prazo. E a questão é essa, é que se calhar, o jornalismo caí um bocadinho como hoje o conhecemos ou como nos tentaram mostrar que ele era pode cair um bocadinho em relação a jornalista cidadão. Qualquer pessoa pode ser jornalista desde que saiba escrever bem. Mas isso não é uma coisa nova. Eu acho que isso é uma coisa que simplesmente as pessoas não quiseram encarar durante muito tempo.

Marina Torre: E quanto à fotografia?

Inês Costa Monteiro: Eu sinceramente, eu acho que isso antes chateava-me um bocado. Eu acho que dantes chateava-me muito mais do que chateia agora. Porque é assim, desde que eu comecei a trabalhar percebi que... antes toda a gente dizia - “ok, somos todos fotógrafos, temos todos Instagram, pode tirar fotografias” – ok, tudo bem, é verdade, mas não é assim tão verdade. Porque é assim, tu tens certas coisas, no mundo do jornalismo que tu não podes ir sem uma acreditação. É assim, as pessoas que tiram fotografias para o Instagram e tem mil likes em cada fotografia, não são as mesmas pessoas que estão no parlamento a assistir a sessões e a sessões contínuas para terem uma fotografia de um António Costa a mandar mal olhado ao Passos. Não são as mesmas pessoas, que tem oportunidade de fotografar um *Burst Printing* ali a 5 metros dele, não são as mesmas pessoas que estão a cobrir desfiles. Ou seja, tu não podes ser tão facilmente fotógrafo como podes ser jornalista, porquê? Porque uma opinião tens sobre tudo, uma fotografia tu não a consegues ter a não ser que estejas lá. Podes tirar fotografias muito bonitas ao teu sobrinho, ou às tuas flores, aos teus gatos e isso render imensos likes no Instagram. E até teres jeito e teres uma máquina, tudo muito bem. Mas isso não significa que tu tenhas acesso, a outras coisas. E depois, a questão é, se nós falámos do fotojornalismo puro e duro. Que é o fotojornalismo de reportagem, tu pagas um bilhete de avião para o outro lado do mundo, pegas na tua máquina e descobres um tema incrível que exploras durante um, dois meses e sacas grandes fotos. Sim, se calhar podemos considerar que é uma coisa que tu podes fazer, porque tens liberdade para isso. E acho muito bem que o faças, mas a questão é, no di -a dia isso não é assim tão fácil. Ou seja, eu acho que não é se quer possível, se quer comparar, obviamente que hoje em dia nós temos muitas imagens, muitas delas boas, muitas delas más. E que a nível de acontecimentos do momento, sim elas também nos podem ajudar, tal e qual como a escrita. Mas eu sinceramente, acho que são paramentos bastantes diferentes. Porque é assim, tu uma opinião, tu podes tê-la. Podes formar um texto baseado, os teus argumentos, em cinco ou seis textos que leste, simplesmente da internet. Uma fotografia, tu não a podes ter se não tiveres no local. E acho que só por aí, isso já diminui imenso as possibilidades de ser um fotógrafo cidadão.

Marina Torre: Na sua opinião, deve o conteúdo criado por amadores ser publicado nos média noticiosos?

Inês Costa Monteiro: Não sei, nunca tinha pensando sobre isso, agora que me estás a perguntar. É assim, se o conteúdo for bom, porque não? Agora a questão é... não sei, essa pergunta é mesmo difícil. É assim, eu acho que na falta de uma boa fotografia, de um fotógrafo, de um fotógrafo ponto. Acho que sim. Agora a questão é, como nós sociedade

temos um grave problema em equilibrar as coisas, eu acho que isso a longo prazo seria mau. Porquê? Então, agora temos um determinado evento e eu não consegui a foto, mas houve um fulano qualquer da plateia que conseguiu. Ótimo, não há problema, porque temos a foto e ele autorizo-nos, está ótimo. A questão é, no dia em que for despedida porque há três mil fulanos a mandar fotos para um jornal porque querem vê-las publicadas e porque são fotos de graça não é, se calhar aí torna-se um problema. Por isso, eu acho que tem de haver alguma regulamentação. A longo prazo eu acho que isso seria um problema, sim. No entanto, existem para excepção à regra. E acho que é um caso, isso daria bastante pano para mangas.

Marina Torre: Que critérios podem ser utilizados para a publicação desse conteúdo?

Inês Costa Monteiro: A qualidade da foto, isso é uma coisa bastante importante, e no mínimo dos mínimos, as regras básicas de equilíbrio de cores, o enquadramento, o balanço dos brancos. E também tentar perceber se a foto não foi adulterada, acho que isso é uma coisa bastante, bastante importante. Ou seja, a realidade que existe naquela fotografia. E depois, tirando esta parte toda técnica, eu acho que importa saber um bocado como é que essa fotografia foi tirada. Porque, é assim, se eu tenho de cumprir um perímetro de cinco metros perante X artista, e depois vai lá um fulano que salta as grandes e consegue ter uma foto a metro. É assim, há regras para todos, não é. E depois acima de isso tudo, acho que é tentar perceber, se essa foto é verdadeiramente insubstituível. Há uma coisa bastante importante na fotografia, que é, se aquilo não aconteceu, não há fotografia possível. A fotografia só mostra aquilo que realmente aconteceu, que é verdade. Ou seja, alguém teve de estar lá, a presenciar aquele momento, para tirar aquela fotografia. Ou seja, é um bocadinho receptor, emissor. E a questão é que, resta-nos saber que essa fotografia, que essa pessoa mandou para o jornal é uma fotografia que era naquele segundo. Não podia ser um segundo antes, nem um segundo depois, se não, não iria ser nada daquilo que era. Aquele momento, aquela fotografia e mais ninguém conseguiu tirar e isso é uma coisa incrível. Pronto, às vezes, tem tudo a ver com oportunidade, com o momento certo. E pronto, e acho que a partir disso tudo se poderá perceber se a fotografia, poderá ser publicada ou não. Ou deve ser publicada ou não.

Marina Torre: A facilidade de manipulação das fotografias tornou-se um problema ou uma mais-valia?

Inês Costa Monteiro: Não. Acho que não, porque a internet tem uma grande influência nas pessoas, e a maior parte dessas pessoas não sabe filtrar a informação, não tem capacidade para isso, não tem estudos, não tem visão sequer para isso. E uma fotografia manipulada, manipula a opinião pública. E eu noto que isso é grande, e acho que devia ser punível. Acho que isso é

manipular a realidade, eu para mim, acho que isso devia ser crime. Porque é manipular a realidade, voltamos ao que eu te disse, a fotografia só acontece porque aquilo aconteceu. Se tu estás a manipular uma fotografia, estás a tentar manipular a realidade. E acho que isso não é correto, e tem bastantes mais desvantagens do que vantagens.

Marina Torre: Que mudanças pensa que a utilização de conteúdos de amadores produzir nas redacções?

Inês Costa Monteiro: Eu acho que tem a ver um bocado com o que eu já te disse. Que é as redacções começarem a viver com base nesse conteúdo e deixarem de pagar a bancos de imagens como...que têm uma equipa enorme de fotógrafos a trabalharem diariamente, noite e dia, para criarem bases de dados para distribuírem pelo mundo todo. Despedimentos de pessoal, mais particularmente dos fotógrafos. E acima de tudo, acho tem a ver com isso, tem a ver com qualquer pessoa poder ser um fotógrafo, e esquecerem-se um bocadinho que há pessoas realmente especializadas nisso.

Marina Torre: Algum trabalho amador já transformou o seu, seja sugerindo-o, seja limitando-o?

Inês Costa Monteiro: Eu acho que não, que eu me lembre, acho que não. Mas é assim, tendo e conta que há muitos...directamente se calhar não. Mas obviamente que me muitas vezes pedem fotografias na redacção, sei lá fotografias de dois velhotes à chuva. Isso é uma fotografia, muito específica, não é. E eu não a tenho –“ Ok, mas eu trago, vou ao Google”. Se tu entenderes isso por amadores, por fotógrafos amadores, ok sim já. Já limitou o meu. Agora se tu entenderes como o Google tem milhões e milhões de fotografias, e que eu própria já vi as minhas fotografias no Google a serem usadas por outros meios de comunicação ou por outras pessoas, não. Por isso, acho que a resposta é mesmo não. Por enquanto não, talvez se falarmos daqui a uns anos, talvez sim, não sei.

Marina Torre: A internet enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo (por exemplo: com uso das redes sociais virtuais)?

Inês Costa Monteiro: Sim, eu acho que sim, mas eu acho que não é bem esse ângulo. Porque é assim, eu não acredito e tenho quase a certeza disto. Eu não acredito que as fotos que as pessoas publiquem nas redes sociais, seja para – “olhem para mim eu sou fotógrafo” – não era bem isto que eu queria dizer. Eu acho que as próprias pessoas e a generalidade da população não olha para aquilo como – “ok, isto é uma fotografia que podia ter sido tirada por um fotojornalista.” Não. E tenho a perfeita noção, que muitas pessoas que tiram essas fotografias,

não pensam dessa forma. Eu acho que, o que a internet levou, e também muito através da fotografia, foi ao facto de uma afirmação. Ou seja, tu hoje precisas de te afirmar através da internet. E precisas de mostrar que foste aquele evento, precisas de mostrar que estás naquela peça, precisas de mostrar que fizeste A,B, C e D. Que almoças isto, que jantas-te aquilo, que saís-te com aquilo, tiveste com aquilo e por acaso no meio disso tudo, aconteceu X. E a única forma, lá está vou voltar um bocadinho atrás na conversa, a única forma que nós temos de mostrar isso, é através da fotografia porque é a única coisa que mostra realmente que aquilo aconteceu. Ou seja, isto tudo para dizer o quê, que eu acho que a internet não veio atingir o fotojornalismo. Eu acho que a internet, veio atingir as pessoas. A forma como as pessoas se relacionam, a forma como as pessoas olham para elas, porque se tu pensares, é difícil chegar a esta conclusão, mas o número de likes, o número de amigos, ou o número de comentários. Influência muito outras pessoas, entendes. É por isso que hoje tens instagramers, blogueres, que são pessoas que vivem à base de likes. E eu acho que isso não tem muito a ver com o fotojornalismo. Eu acho que a internet, veio mesmo, mesmo, mesmo modificar foi as pessoas no geral. Ou seja, eu acho que as pessoas não olham, sei lá Rock in Rio, eu acho que as pessoas não olham –“ Este tirou uma foto tão linda aos Queen”- não, não é. É –“ Ena, ele foi ver os Queen, ena ele está no rock in rio”. Estás a perceber onde é que eu quero chegar. E pronto eu acho que, essencialmente a internet alterou as pessoas e não o fotojornalismo. Porque alterando as pessoas, obviamente que altera tudo o resto. Mas essencialmente alterou as pessoas.

Marina Torre: Então, pode-se dizer o mesmo em relação à utilização dos telemóveis e das máquinas fotográficas?

Inês Costa Monteiro: Sim, sem dúvida. É assim, das máquinas se calhar nem tanto porque toda a gente tem um telemóvel, mas não é assim tão fácil ter uma máquina, não é. E ao mesmo tempo, tu olhas, tu consegues perceber à distância uma pessoa que tem uma máquina e percebe de fotografia e uma pessoa que tem uma máquina e não percebe nada. Mas acima de tudo os telemóveis.

Marina Torre: Quais as suas perspectivas para o futuro quanto à profissão de fotojornalista?

Inês Costa Monteiro: Eu acho que no futuro, tirando os jornais de *War News*, estamos a falar num Expresso, num Observador. Ou seja, jornais verdadeiramente, como nós os conhecemos: política, economia, sociedade, etc. eu acho que tudo o resto – *life style*, o desporto, “whatever”. Eu acho que cada vez mais, vão começar a viver à base de preços. Ou seja, o que é que isto significa: tu tens um evento, ou tens uma coisa qualquer, és uma agência de

comunicação responsável por isso. E como tal contratas um fotógrafo, e depois distribuis essas fotografias e os preços para as redações. E pronto, o trabalho está feito. O jornalista, não precisou de ir ao local, não foi preciso um fotógrafo, porque as fotografias vêm anexadas. E basicamente é isso. Se calhar os fotógrafos vão começar a viver cada vez mais como freelancers. Ou seja, eu acho que cada vez mais vão surgir contractos freelancers para os fotógrafos, ou seja, para trabalharem para agências, trabalhos pontuais – a abertura de uma nova loja, de um novo restaurante, um jogo de futebol ou “whatever”- isso tudo, sem incluir claro, casos de política, sociedade ou economia. Esses sim, apesar de como é uma coisa mais intermitente e talvez consigam alargar um bocadinho mais. Mas a nível do *life style*, é a minha área, cada vez é mais isso. Ou seja, as empresas contratam um fotógrafo, quando é necessário fazer uma reportagem enviam essas fotos que já pagaram para os meios de comunicação e os meios de comunicação, não precisam de ter um fotógrafo ao mesmo tempo. Como os fotógrafos vivem desses contractos freelancers, e têm espaço para irem fazendo as suas reportagens ou os seus ensaios e tentarem vende-los. E pronto, se calhar a longo prazo, acho que é isso que vai acontecer.

Fim da transcrição.

7-Rui Miguel Pedrosa

A entrevista foi realizada e gravada no dia 22 de Março de 2017, via Facebook.

Início da Transcrição.

Marina Torre: Como define Jornalismo Cidadão?

Rui Miguel Pedrosa: Eu acho mal, não têm ideia do que estão a fazer, fotografam só porque é giro. Não fazem ideia, não compreem o código deontológico, não compreem nada. Ou seja, não tem noções de nada. Acham que é só fotografar e pronto. Nós no terreno, muitas das vezes, somos o principal e o primeiro filtro para o que o leitor vai ver. Ou seja, parte de nós ter algum cuidado na identificação das pessoas que estamos a fotografar e esse tipo de

cuidados que é preciso ter. Como por exemplo, se formos fotografar um acidente, temos de ter cuidado. Eu digo acidente, porque hoje em dia até há grupos de operação stop para identificar onde há acidentes e as pessoas metem-se logo a meter fotos e a fotografar e por fotos no Facebook. E isso é mau, porque muitas das vezes um familiar, sabe que a pessoa que está no acidente e naquelas condições, isso às vezes é uma coisa muito má. Ou seja, lá está, falta-lhes filtro, falta-lhes noção das coisas. Mas eu acho que a culpa é principalmente dos órgãos de comunicação social, da televisão e jornal. Eu acho que a culpa parte também por aí. Porque eles próprios incentivam – “Envio-nos as vossas fotos” – é um bocado reflexo do que é a nossa sociedade. Um bocado reflexo também do que é o jornalismo, a comunicação social hoje em dia, porque anda tudo com redução de custos. E acham que assim é uma forma de reduzir custos e ter as fotografias ou as imagens mais rapidamente e melhores, digamos o que para eles é melhor, porque nem sempre é o caso. Mas acho que a culpa parte por aí, o principal problema é esse. Porque o próprio órgão de comunicação social incentiva o jornalismo cidadão, é um bocado ao mesmo tempo, não sei, contraditório é a palavra certa. Mas acho que aplica-se a palavra, é contraditório porque esquece-se muitas vezes do que é que apurar os factos e as coisas todas. E isto dito também para quem escreve, porque há muita gente que escreve, não é só da fotografia. O apurar as coisas, acham que é só chegar escrever e está feito. E neste caso, a fotografia é exactamente a mesma coisa. Acham que é só chegar, fotografar e aquilo está ali exposto para toda a gente. Falta-lhes regras e noção das coisas. Saber onde estão os limites, os limites mesmo para a sociedade, mesmo para nós. Porque nós, por vezes vemos coisas que não são bonitas de se ver e o cidadão acha que aquilo é muito giro e isso é terrível. Nós somos o primeiro filtro de tudo aquilo que sai no jornal, obviamente não quer dizer que nós na imagem não tenhamos uma foto mas a maioria das vezes não enviamos porque sabemos que aquilo vai ferir algumas susceptibilidades. E lá está o cidadão não em essas noções, não tem nada disso. Mas basicamente, assim em termos genéricos, esta é a minha opinião.

Marina Torre: Então quantas às desvantagens, seria por exemplo essa falta de regras dos jornalistas cidadãos?

Rui Miguel Pedrosa: Exactamente. Porque eles não tem noção das coisas. Porque há regras a cumprir, lá está. E mesmo perante as autoridades no local, onde estamos nos trabalhos eles impõe-nos limites, nós sabemos os limites, temos de os cumprir e sabemos que temos de os cumprir. E o cidadão, quando vamos a dar por ele, já está fora da linha, fora do perímetro de segurança e esta lá tudo em cima do acontecimento, muitas das vezes não é culpa das autoridades. As autoridades não conseguem ter tempo para controlar tudo. Olham para nós

porque somos o principal motivo para eles olharem para nos afastar das coisas, para não mostrarmos as coisas. Embora quando há alguma relação de confiança com uma parte das autoridades eles sabem que nós não estamos lá para mostrar aquilo que não interessa, basicamente. Nós estamos lá para noticiar e mostrar a notícia.

Marina Torre: Apesar dessas desvantagens, considera que existem também vantagens?

Rui Miguel Pedrosa: Assim de repente, não me ocorre nenhuma, sinceramente. É assim, às vezes, nós não conseguimos estar em todo o lado. Não quer dizer que não seja, às vezes, uma ajuda para os chefes, para os patrões ter aquelas fotos porque não conseguem ter gente em todo o lado (fotos gratuitas, online, por aí fora). Não quer dizer que seja uma vantagem, sinceramente na maioria das vezes é mais uma desvantagem do que uma vantagem. Porque uma vantagem, acho que os casos são muito raros. Porque o que realmente é notícia, as entidades patronais mandam para lá e nós vamos para lá. E fazemos a cobertura do evento ou acontecimento, o que for. Acho que parte sempre por aí. Agora uma vantagem, não sei, assim de repente não me ocorre nenhuma sinceramente.

Marina Torre: Na sua opinião, deve o conteúdo criado por amadores ser publicado nos média noticiosos? Porquê?

Rui Miguel Pedrosa: Acho que não devia de ser.

Marina Torre: Porquê?

Rui Miguel Pedrosa: Porque nós temos uma carteira profissional e quando uma entidade paternal tem um funcionário, alguém, um freelancer o que for, esse freelancer, esse jornalista tem carteira profissional. Ou seja, significa que sabe o que está a fazer, sabe quais são os códigos que devem cumprir, por aí fora. E quando trabalham pessoas que não tem carteira profissional, para essa entidade patronal, essa entidade patronal teoricamente é multada. Eu digo teoricamente, porque eu não tenho conhecimento de tudo obviamente, mas teoricamente devem ter uma multa. Isto é a lei, tem de pagar uma multa. Agora, também sabemos que infelizmente há casos de colegas que nem sequer têm carteira profissional e os patrões não pagam nenhuma multa perante o sindicato ou algo do género. Só isso sinceramente. Portanto, eu acho que passa sempre por aí. Ou seja, está a incentivar essas pessoas que não sabem as regras a mandarem essas fotos ou textos, vídeos, essas imagens digamos assim.

Marina Torre: Caso esse conteúdo amador seja publicado que mudanças, pode produzir nas redacções?

Rui Miguel Pedrosa: Obviamente, falando friamente, vai acabar por levar ao desemprego de muita gente porque muitos jornais vão optar por isso. Eu acho que por isso e de certo modo, contribui também para o estado em que estão os jornais hoje em dia. Os jornais, não todos obviamente, mas pronto. Mas acho que isso contribui um bocado para o desemprego para essas pessoas. Acho que é a principal razão e para a fraca qualidade, para a falta de qualidade do jornal. Quem tem um jornal quer que ele tenha alguns critérios, critérios e de qualidade, obviamente. Acho que passa por aí.

Marina Torre: Relativamente, à facilidade de manipulação das fotografias tornou-se um problema ou uma mais-valia?

Rui Miguel Pedrosa: Sempre existiu. A edição, a manipulação da fotografia, sempre existiu. Mesmo no analógico.

Marina Torre: Sim, mas agora é mais fácil.

Rui Miguel Pedrosa: Agora, não sei se a palavra mais fácil é a indicada. Eu acho que às vezes não há é o apuramento dos factos. Muitas das vezes usam-se fotos para noticiar algo que aconteceu que depois nem sequer é relativo àquilo. Se usam uma fotografia de arquivo por exemplo. Ou seja, eu acho que a manipulação da fotografia, falando diretamente da manipulação, sempre existiu, vai continuar a existir, mas nos jornais é assim, não deve existir. Embora haja casos e sabemos de casos que isso existiu. Mas quando isso acontece, essa pessoa, todas elas, conheço poucos casos. Ou melhor, ouvimos falar de poucos casos que não acabam por ser prejudicados a longo prazo, a nível profissional. Portanto, isso não é agradável, nós estamos lá para contar a verdade. Não é para estar a manipular as coisas. É a notícia, é o que está ali, é aquele momento, é o que interessa.

Marina Torre: No caso dos cidadãos, caso enviem fotos, que critérios poderão ser utilizados para verificar se são falsas ou não?

Rui Miguel Pedrosa: Os jornais e com a pressa e adrenalina, que há no dia-a-dia por causa da pressão e tudo, eu acho que eles não que eles não vão ver se aquilo é manipulado ou não, ou se foi editado ou não. Aliás acho que os meios para isso, são através de meios técnicos, são pessoas especializadas na área. No caso, por exemplo de concursos, o Word Press Photo por exemplo, que mais tarde se veio descobrir que as fotos foram manipuladas. E só se descobre

que é manipulado porque já há regras para combater isso mesmo. Ou seja, pedem para enviarmos a fotografia original sem qualquer manipulação. Para perceber qual a edição que foi feita. E depois já existe meios, sistemas, programas para ver que tipo de edições é que aquilo já tem. Agora nos jornais, no dia-a-dia, no Spot News digamos assim, acho que isso acaba por não ter noção, só depois é que tem noção mais tarde. Mais tarde, mais tarde pode ser dia a seguir. Ou porque alguém diz – “Isso não aconteceu assim, isso é manipulação.” – pronto, aí já é um problema. Agora solução para isso, passa pelos jornais depois fazerem as retificações e tudo. O que muitas das vezes já é tarde, porque o leitor já não ver essa retificação e fica com aquela ideia, que aquilo é que foi o que aconteceu.

Marina Torre: A internet enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo (por exemplo: com uso das redes sociais virtuais)?

Rui Miguel Pedrosa: É um meio de partilha mais fácil para mostrar aquilo que nós fazemos. Eu digo nós, quem fotógrafa. Agora, não faz deles fotojornalistas, não faz. O facto de ter fotografado, por exemplo um incêndio que houve de larga escala, vai fotografar, e mete numa página, num álbum do Facebook com fotos, não faz dele fotojornalista. Isso eu acho que não, eu acho que eles nem sequer têm noção, muitas das vezes, nem sequer têm noção que existem fotojornalistas. Há muitos casos desses. Agora as pessoas que metem fotografias facilitou imenso sim, Facebook, redes sociais. Facilitou imenso a mostra de fotos, a partilha de fotos. Muitas das vezes leva a...por exemplo, pode haver um caso de uma fotografia, do exemplo que dei ainda agora do incêndio, pode ter sido na china e alguém pega numa foto e diz que foi aqui em Lisboa. Pronto, pode acontecer mil e uma coisas, mil e uma hipóteses. Pronto, agora que veio facilitar veio. Se é uma coisa boa, acho que é uma coisa...é assim, eu sou utilizador de redes sociais, embora eu seja uma pessoa que uso pouco. Gosto de ver, gosto da aproximação que as redes sociais permitem. E as fotografias, é assim a nível de acontecimentos, se calhar não posso falar muito, porque os exemplos que eu tenho no meu Facebook, é quase tudo pessoas ligadas mesmo à área. Ou seja, não tenho assim, muitos jornalistas cidadãos, que eu sabia, pelo menos que eu tenha conhecimento, que eu também não vejo tudo. Mas aquilo que eu estava a dizer, acaba por ser uma foto que um amigo meu no Porto, um colega meu no Porto fez, e ele publica. E eu gosto de ver isso, porque muitas das vezes são fotos que não tiveram espaço no jornal ou no site, embora no site do jornal seja muito mais fácil partilhar fotogalerias, o jornal não tem esse espaço. E às vezes, a rede social, acaba por ser esse meio de ajuda de nós vermos o que os outros estão a fazer. E eu gosto de ver sempre o que os outros estão a fazer. Agora se é o jornalista cidadão, sinceramente lá está,

eu censuro, acabo por ver, mas censuro. Mas caso me apareça à frente, acabo por ver para perceber o que está feito ou não. É só por aí.

Marina Torre: Algum trabalho amador já sugeriu ou limitou o seu?

Rui Miguel Pedrosa: Posso dar o exemplo concreto, que eu muitas vezes vou fotografar a Fátima, há muitos pedidos de acreditação por muitas pessoas que tem o blogue “da esquina”, por exemplo, isto é um exemplo. Tem ali um “sitezinho” e acham que têm direito a estar ali. Muitas das vezes nem sequer têm carteira profissional, muitas das vezes são esses que não cumprem as regras. E por causa, nós sabemos que há regras (em Fátima, no perímetro de Fátima) nós temos uma área onde nós podemos estar. E pode haver alguém que chega e ultrapasse esse perímetro, e por causa dele, sofremos todos com isso. Isso já acontece, de Fátima, por exemplo. E por exemplo, em espetáculos, eu também fotografo muitos espetáculos (concertos por exemplo, música) e já aconteceu também esses casos. Também já aconteceu, muitas das vezes, porque por exemplo, para creditações para concertos - festivais e afins. Há uma pessoa que está a começar, alguém que está a começar, percebe que se criar um blogue, um blogue qualquer, pede acreditação e entra. Depois acabam por tirar o espaço a outros meios maiores. E tirar o espaço não se diga, não se entende como a facilidade de ter a acreditação. Entende-se como estar dentro de um perímetro que é para profissionais que estão a trabalhar para outros meios e que eles estão ali muitas das vezes e não cumprem as regras. É o mesmo que acontece em Fátima, tudo mesma a coisa. Ou seja, se não podemos usar um flash num concerto, nós não vamos usar um flash. E muitas das vezes os amadores vão para lá, querem levar muita coisa, levam flash e mete para lá com o flash no ar e máquina no ar. Isto é um exemplo, porque eu também vejo muito disso nos concertos. Sim, Fátima é outro exemplo também, mas acontece claro. No futebol também acontece isso, muita gente pede creditações para ir fotografar futebol e muitas das vezes é só porque é amigo do amigo de alguém. E nem sequer está a trabalhar para ninguém, está ali a ocupar o espaço. E nós tivemos um caso, não foi há muito tempo, um colega do norte, no Porto, se não estou em erro, Braga qualquer coisa. Que houve um problema qualquer no estádio, caiu lá uma placa, feriu um fotojornalista, mas esse fotojornalista nem sequer tinha carteira profissional, nem se quer tem nada e ele nem quer devia estar ali. E infelizmente estava. Mas pronto, é outro exemplo.

Marina Torre: Quais as suas perspectivas para o futuro quanto à profissão de fotojornalista?

Rui Miguel Pedrosa: Perspetivas para o futuro, espero que cresça muito, espero que fique muito melhor do que aquilo que é. Basicamente é isto. Embora, não está muito famoso, não está porque cada vez os jornais apostam...Apostam não, cada vez pagam pior. E temos

excelentes fotojornalistas que estão no desemprego ou que estão à procura de reportagens, porque ir fazer reportagens custa muito dinheiro, isto quando é um freelancer, é um investimento enorme. Quando é para, com um background já grande de jornais e tudo que estão a investir tudo, pronto já é diferente. Mas são poucos os jornais que dão importância ao fotojornalista. Mas também já houve o oposto, já houve jornais que percebendo a importância do fotojornalista, por exemplo publicaram uma página ou um jornal que não tinha fotos. E o leitor aí já estranha, já se queixa, já comenta que está ali qualquer coisa mal e que falta ali qualquer coisa. Só que infelizmente, há falta de leis de cachê, para pagar certos trabalhos importantíssimos. E nós temos o caso por exemplo, do Mário Cruz que é da Lusa, foi ele que tirou férias para pagar a reportagem que foi premiada, que nem sequer foi publicada em Portugal. E isso é incrível. E foi publicado e como ele, há imensos assim, há imensos. Mas pronto, é um exemplo que há também. Mas eu gostava que crescesse muito mais, gostava que percebessem mais a importância da fotografia e o impacto que a fotografia tem e faz.

Fim da Transcrição.

8-António Pedrosa

A entrevista foi realizada e gravada no dia 10 de Abril de 2017, via Skype.

Início da transcrição.

Marina Torre: O que é para si um jornalista cidadão?

António Pedrosa: Tu achas que existe jornalista cidadão? Eu acho que não existe jornalista cidadão. O que existe é cidadãos que fazem fotografia, que às vezes podem ser utilizadas por jornais. Agora se existe isso, acho que não existe. Acho que esta utilização que a imprensa tem das fotografias feitas por amadores, é uma questão que sempre existiu. Claro que agora existe mais facilmente, devido às redes sociais, mas acho que de facto não existe. Nós podemos pegar neste caso, desta última semana, do ataque na Síria, é lógico que as imagens que nós encontramos são imagens de locais em que não está lá nenhum jornalista. Mas as pessoas que o fizeram não são jornalistas. Por isso eu não vejo aí nenhuma questão de

concorrência, nem vejo aí nenhuma questão que seja negativo para o jornalismo. Acho que isso sempre aconteceu. Simplesmente agora, acontece em maior quantidade.

Marina Torre: Existem vantagens?

António Pedrosa: Eu acho que o está aqui, não é uma questão que se possa colocar de vantagens ou desvantagens. É impossível tu teres um jornalista em cada esquina. O jornalista trabalha segundo regras éticas e regras profissionais. O cidadão jornalista, não faz assim, não é. Falas por questões sociais, falas do acontecimento que está à frente deles e depois distribui essas imagens. As questões éticas que se levantam, que eu acho que é isso, e podem-se levantar questões éticas, mas isso tem de ser por parte das editorias dos jornais. De perceber de onde elas vêm, como é que elas vêm, se existe alguma motivação política, social, ou se existe verdade. Mas isso, já é trabalho jornalístico e é apanhares aquilo que existe e depois dar-lhe... passar pelo filtro, por exemplo dos jornais. Tu tens um caso, também agora, desta semana, do Correio da Manhã, não sei se viste. Que é um vídeo, que mostra um homem a tentar a afogar a mulher. O Correio da Manhã, e eu acho que isto é um caso muito ingénuo, porque o gajo que fez isto em vez e ir para a Polícia que era aquilo que ele devia fazer não é, meteu o vídeo no Facebook. E o Correio da Manhã, que é um tipo que se pode às vezes questionar a maneira com que recolhe as coisas, vai buscar isto e mostra. Agora, há casos muito mais sérios, por exemplo o que foi feito ao Kadafi, aquelas imagens que correram mundo, não está lá nenhum jornalista para cobrir aquilo. Não está lá nenhum jornalista que devia funcionar com questões éticas, por isso, é que existem os jornalistas. Por isso, tem que se trabalhar com aquilo que se trabalha. A questão é que o jornalismo, o fotojornalismo, nestas situações não consegue trabalhar não estando lá, mas consegue trabalhar noutras questões. Que é as questões de interpretar as histórias e de as analisar, a necessidade de terem jornalistas a irem para o campo. E se calhar não mostrar o que aconteceu, mas mostrar outras coisas que são importantes. É um “porquê”, porque é que aconteceu. E acho, que nem nós podemos andar a correr todos os acidentes que temos na rua.

Marina Torre: E esse conteúdo criado por amadores, pode ser publicado nos média noticiosos deveria ser usado ou não?

António Pedrosa: Eu acho que sim.

Marina Torre: Porquê?

António Pedrosa: Pelas razões que disse, porque acho que é absolutamente impossível nós estarmos em todos os sítios a fazer esses acontecimentos de acaso. Agora se me estás a fazer a pergunta de outro lado, se os órgãos de comunicação social se devem abster de cobrir a atualidade e deixá-la para aquilo que encontra, isso é um bocadinho uma outra questão. Não, isso acho que não. E nem os jornais, nem a televisão, se pode subtrair do seu papel que tem na sociedade. E no momento em que o faz, são despedidos por isto, por aquilo. Está a deixar espaço para imagens não filtradas. E aquilo que interessa é que tem de filtrar as imagens, os textos, o som, tem de os filtrar.

Marina Torre: Então, um dos critérios que podem ser utilizados para a publicação desse conteúdo, seria filtrar? Verificar se é verdade, se tem qualidade.

António Pedrosa: O critério da verdade, sim, o critério da verdade eu acho que é sempre critério principal, para a utilização disso. A qualidade não, não acho que seja um critério. Porque a qualidade, quando estás a falar de qualidade, qual é o teu sentido na qualidade? Qualidade Estética? Se é cidadão, tu não podes garantir que o cidadão tenha um critério de qualidade. Se ele não fotografa com aquilo que tem e a forma como o sabe fazer.

As fotografias que ganharam o World Press Photo, este ano. Do assassinato do embaixador da Rússia na Turquia. Aquilo foi um acontecimento extraordinário e foi quase um acaso o fotógrafo estar lá, não sei se leste os textos, foi um acaso ele estar lá. Se alguém que não era jornalista, tinha capacidade de fazer aquilo? Muito dificilmente. Só um jornalista treinado, educado, é que conseguia fazer aquilo. Sim, acho que sim. E por isso é que as fotografias também tiveram muita reprodução porque, de facto estava lá um jornalista. Qual era o cidadão que ia por a sua vida em perigo. Só uma pessoa que se dedica a fazer isso e para isso são os jornalistas.

Marina Torre: E que mudanças, pensa a utilização de conteúdos de amadores pode produzir nas redacções?

António Pedrosa: Eu não sei se está a fazer nenhuma mudança. Eu não sei se as mudanças....não vejo bem o alcance da tua pergunta. Eu não acho que esteja a haver

mudanças da utilização desse conteúdo, produz nas redacções. As mudanças que existe de fazer jornalismo atualmente, são dotadas por razões económicas e por razões políticas. A utilização desse tipo de conteúdo sempre foi feita.

Marina Torre: Mas agora há mais...

António Pedrosa: É de muito maior acesso, mas tu não consegues construir uma redacção, não consegues construir um jornal, uma televisão, à custa de jornalismo cidadão. Isso não é uma questão de agora, já. Isso pode ter sido uma questão há uns anos atrás. Mas nós já nos apercebemos...tu não consegues produzir conteúdo, continuado, pensado à custa do acaso. As primaveras árabes, muito conteúdo inicial foi de via Twitter, Instagram, essas coisas todas. Mas isso foi só o primeiro momento, que chamou a atenção ao que se estava a passar. A partir daí, os jornalistas tomaram conta da situação. Não acho que seja uma questão de agora. Pode ter sido uma falácia, que se criou há uns anos atrás que iria ser possível construir conteúdo com base nisto. Mas não.

Marina Torre: Mas mesmo assim, ainda é utilizado algumas coisas, às vezes.

António Pedrosa: É utilizado e vai continuar sempre a ser. Já foi utilizado no passado. Só porque vem mais quantidade de coisas, não quer dizer que quer dizer que permita mudanças no jornalismo.

Marina Torre: A internet enfatizou a presença dos cidadãos na área do fotojornalismo (por exemplo: com uso das redes sociais virtuais)?

António Pedrosa: Claro que sim, não é. Mas é lógico que sim, isso tem a ver com a distribuição. Se tu pensares, antigamente uma coisa que se passava no Iraque, vamos dizer no Iraque, é um exemplo que podemos utilizar. Antes da era digital, era preciso que estivesse lá um fotógrafo, era preciso que esse fotógrafo pegasse naquilo que eram os rolos que era uma coisa física, isto a falar em termos de fotografia. Que pegasse nisso, que revelasse ou que metesse num avião para Londres. Logo aí, ia fazer um espaçamento de 24 horas. Pelo menos 24 horas, entre o momento e o momento em que era divulgado. Isso é lógico. A internet, a partir do momento em que todos os telefones tem uma câmara, toda a gente tem redes sociais, é lógico que mostrar as coisas, é muito mais facilitado. Mas as questões do jornalismo, são

exatamente as mesmas agora, que eram antigamente. E continua a ter, a imprensa continua a ter obrigações de verificação daquilo que vem e do porquê, localização, espaço temporal/social e histórica dos acontecimentos. E isto falando de coisas como... não falando de acidentes no meio da rua. São o que são. Por exemplo, se tu pensares o tempo que demorou, não me lembro agora do nome, do videógrafo que filmou um massacre em...o tempo que ele demorou a conseguir tirar as cassetes de lá e a conseguir mostra-las, foi 'pra aí quinze dias. Isto actualmente era uma coisa que não acontecia, não é. Agora nós estamos a falar de coisas diferentes porque há outra coisa que também acontece actualmente que são muitos jornalistas que trabalham com o imediato. Isso não são, cidadãos jornalistas. Porque muitos jornalistas trabalham com Instagram, com Facebook, com Twitter. Mas isso são questões, já diferentes. E muitos jornais também pedem a jornalistas para trabalharem assim, desta forma. Vamos pensar, quando foi o furacão, está-me a faltar o nome, o que atingiu Nova Iorque, há quatro ou cinco anos. O New York Times, enviou para Nova Iorque, quatro ou cinco fotógrafos para a rua para fotografarem de telemóvel. E as notícias tinham sido feitas por aqueles que lá estavam a fazer imediatamente.

Marina Torre: Então assim, também a facilidade utilizar telemóveis, câmaras fotográficas também veio, como a internet, veio enfatizar essa presença dos cidadãos ou que contribuam mais?

António Pedrosa: Eu acho que os cidadãos não contribuem. Eles podem contribuir com a imagem, mas as imagens não quer dizer que sejam de jornalismo. As imagens necessitam de serem interpretadas, e para isso é que nós temos de confiar na imprensa. O facto de haver mais, mais imagens, não quer dizer que elas sejam melhores, mas não quer dizer que elas sejam pensadas, não quer dizer nada dessas coisas. Por isso, eu acho que a questão do cidadão jornalista na imprensa, é uma não questão. Sempre aconteceu, acontece agora em maior peso, mas tem o peso relativo que tem. É sempre preciso um jornalista, para fazer a interpretação, para fazer a história.

Marina Torre: E quanto à facilidade de manipulação das fotografias tornou-se um problema ou uma mais-valia?

António Pedrosa: Um jornalista, um fotojornalista, tem regras de ética. E as questões de manipulação, são questões absolutoriamente...é um terreno para onde um jornalista se tiver

regras, não pode criar. É lógico que a partir do momento em que fotografas num rectângulo ou num quadrado, estás a fazer escolhas. E duas pessoas lado a lado podem fazer imagens, com sentidos completamente diferentes. A manipulação digital, que te estás a referir, as questões essenciais para fotojornalistas é que os fotojornalistas têm regras. E nós temos de confiar neles, que eles vão cumprir essas regras. Mas também há muitos casos, em que eles já não os fizeram. E é por isso que eu volto àquela questão anterior da manipulação das imagens, os cidadãos jornalistas não precisam de ter regras. A utilização desse tipo de imagem tem de ser sempre verificada por parte de quem vai publicar as coisas. Simples. Um jornal, uma televisão, simplesmente porque tem acesso às coisas tem de as verificar. É uma regra básica de verificação. Mas como qualquer coisa, se uma fonte te diz uma treta qualquer, tens de verificar. Se tu recebes uma imagem, tens de verificar. Se tu recebes uns documentos, tu tens de verificar. É a mesma coisa. Tu achas que grande parte destes cidadãos jornalistas, por exemplo, no caso do Kadafi manipularam a imagem? Não, acho que a maior parte não faz a manipulação da imagem, o filtro que eles têm, entre o fazer e aquilo saltar é quase nulo. Saltar para as redes sociais.

Marina Torre: Algum trabalho amador já transformou o seu, seja sugerindo-o, seja limitando-o?

António Pedrosa: Não.

Marina Torre: Quais as suas perspectivas para o futuro quanto à profissão de fotojornalista?

António Pedrosa: Não sei. Eu acho que cada vez mais, acho que durante muito tempo os jornais, a imprensa, se esqueceram que não eram entretenimento, mas sim, mas que eram o jornalismo. E acho que quanto mais eles continuarem a trabalharem no entretenimento, vão ter concorrência. O jornalismo é uma profissão única e que as pessoas procuram por essa informação. E procuram, por exemplo, nós temos as questões de papel, das coisas impressas, nós vemos sucessos jornalísticos acontecer e muitas delas são baseadas no papel. Onde as pessoas lêem, onde as pessoas vêem. Mesmo no fotojornalismo, nós vemos agora algumas mudanças brutais, quer com o online, quer com o papel. E voltamos outra vez, haver muita necessidade, por exemplo: sites como a CNN, BBC. E todos os outros internacionais, estão a comunicar constantemente histórias. Não as estão a comandar, mas estão a publicar histórias. Nós temos a “XXI”, que é uma revista francesa, que publica todos os meses, publica um

portefólio. É uma revista nova vai no número 37, é mensal, se fizeres contas tens 3/4 anos, não é. Claro que isto é o mercado Francês, o mercado Francês é gigantesco, consegue fazer uma auto-sustentação com base em leitores, que é uma coisa muito mais difícil em Portugal. As questões em Portugal, 10 milhões versus países de dimensões maiores, as questões aí já podem ser outras. Eu acho que as questões agora, que também não sei se serão modas ou se não se não serão, as questões agora andam mais no *Augmented Reality*, 360°. Nas maneiras de fazer jornalismo com uma câmara que filma 360° para cima e em que a intervenção do fotógrafo/videógrafo é estranha. Ao filmar a 360° quer dizer que o videógrafo tem sair do campo da acção para poder filmar ou não. Mas também se não vai lá ficar, porque grande parte, nos últimos anos, nos últimos dois anos, as poucas coisas a nível internacionais, perspectivas de trabalho, trabalho no sentido de entidade paternal, um trabalhador que é diferente de Freelancer (não interessa). Os órgãos de comunicação social, tem sido nessas áreas mais tecnologicamente mais evoluídas. Mas por acaso eu acho que, não sou futurologista nem sei muito bem se vai ser ou se não vai ser, mas eu acho que não é uma profissão uma profissão em risco. Acho que tem uma evolução, acho que temos uma necessidade da nossa existência. Temos é de resolver melhor as questões, não sou eu que as vou resolver. Mas tem de se resolver melhor as questões de como é que se paga, como é que se denuncia o jornalismo. Mas não é por acaso de jornalismo light. Jornalismo light estou me a referir a esta ausência de por exemplo, a mim preocupa-me muito a questão de em Portugal, que é a questão do voluntariado, isto é, ao qual eu pertenço. Se, por exemplo, num jornal no impresso, ser o mais mal pago, aquele que trabalha. Versos os comentadores com agenda política, são pagos a peso de ouro. Isso preocupa-me imenso. O jornal também não pode ser só comentários, não pode ser só comentários virados para, como há a tendência da pessoa que o faz. Por isso eu acho que sim, que nós temos futuro. Como é que nos vamos pagar daqui a cinco, dez anos, não sabemos muito bem.

Fim da Transcrição.